

Setúbal Arqueológica  
vol. 20



# O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017



**O CASTRO DE CHIBANES  
NA CONQUISTA ROMANA**

**Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017**

Coordenação  
Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares



# Setúbal Arqueológica

Vol. 20 | 2021

<b>Propriedade</b>	MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ /Associação de Municípios da Região de Setúbal
<b>Direcção</b>	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
<b>Coordenação do volume</b>	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
<b>Capa</b>	Ana Castela
<b>Desenho de campo</b>	David Jesus, Jorge Feio, Jorge Costa <sup>†</sup> , Júlio Costa e Teresa Rita Pereira
<b>Desenho de materiais</b>	Françoise Mayet, Inês Conde, João Pimenta e Teresa Rita Pereira
<b>Mapas</b>	Paula Covas
<b>Fotografia</b>	Arquivo MAEDS, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Rosa Nunes
<b>Inventário</b>	Fernanda Fino, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte e Virgínia Ajuda
<b>Restauro</b>	Paula Palmeira
<b>Paginação e artes finais</b>	Ana Castela e Paula Covas
<b>Impressão</b>	Tipografia Belgráfica Lda.

**Informações e permutas** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029  
E-mail: [maeds@amrs.pt](mailto:maeds@amrs.pt)  
Site: <http://maeds.amrs.pt/>  
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

**ISSN** 0872-3451

**Depósito Legal** 494630/22

**Copyright**® Setúbal Arqueológica e autores, 2021  
Todos os direitos reservados. Este livro ficará disponível em  
*open access*: <http://maeds.amrs.pt/setubalarqueologica.html>

## LISTA DE AUTORES

### **Adriana Leite**

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)  
<https://orcid.org/0000-0001-6721-743X>

### **Ana Elisabete Pires**

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.  
[ana.elisabete.pires@gmail.com](mailto:ana.elisabete.pires@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1118-8569>

### **Anders Götherström**

Centre for Palaeogenetics, Stockholm University, Sweden.  
<https://orcid.org/0000-0001-8579-1304>

### **Antónia Coelho-Soares**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.  
[antonia.c.soares@gmail.com](mailto:antonia.c.soares@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-6361-7062>

### **Carlos Tavares da Silva**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[ctavaressilva@gmail.com](mailto:ctavaressilva@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

### **Catarina Ginja**

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.  
[catarinaginja@cibio.up.pt](mailto:catarinaginja@cibio.up.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-2278-7089>

### **Cleia Detry**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[cleiadetry@campus.ul.pt](mailto:cleiadetry@campus.ul.pt)  
<https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

### **Elisa de Sousa**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[e.sousa@campus.ul.pt](mailto:e.sousa@campus.ul.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

### **João Pimenta**

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[joao.marques@cm-vfxira.pt](mailto:joao.marques@cm-vfxira.pt)  
<https://orcid.org/0000-0001-5149-5566>

### **Joaquina Soares**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[joaquinasoares1@gmail.com](mailto:joaquinasoares1@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

### **José Antonio Correa Rodríguez**

Catedrático Emérito de la Universidad de Sevilla  
[jacorrea@us.es](mailto:jacorrea@us.es)

### **Maria Leonor Ferreira**

Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.  
<https://orcid.org/0000-0002-5991-4101>

### **Noé Conejo**

Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla  
[nconejo@us.es](mailto:nconejo@us.es)  
<https://orcid.org/0000-0002-4367-5695>

### **Ricardo Miguel Godinho**

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)  
<https://orcid.org/0000-0003-0107-9577>

### **Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli**

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.  
<https://www.cienciavtae.pt/portal/FE19-D7B4-3750>

### **Silvia Valenzuela-Lamas**

Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Institució Milà i Fontanals, Archaeology of Social Dynamics, Barcelona, Spain.  
<https://orcid.org/0000-0001-9886-0372>

### **Susana Duarte**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.  
[cea.maeds@amrs.pt](mailto:cea.maeds@amrs.pt)  
<https://orcid.org/0000-0001-6071-9680>

### **Susana Estrela**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[estrela.susana@gmail.com](mailto:estrela.susana@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1303-0829>

### **Teresa Rita Pereira**

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[t.pereira.maeds@amrs.pt](mailto:t.pereira.maeds@amrs.pt)  
<https://orcid.org/0000-0003-2764-7210>

### **Vincenzo Soria**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.  
[vinso84@hotmail.it](mailto:vinso84@hotmail.it)  
<https://orcid.org/0000-0002-2891-6681>



## ÍNDICE

- 9 O SÍTIO, A PAISAGEM, OS ECOFACTOS...**
- 11 I. Introdução**  
Joaquina Soares  
Carlos Tavares da Silva
- 27 II. Chibanes. As campanhas de 1996-2017 e a periodização da ocupação humana**  
Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares  
Antónia Coelho-Soares  
Susana Duarte  
Teresa Rita Pereira
- 45 III. Chibanes. Organização do espaço edificado durante a Idade do Ferro e o Período Romano Republicano**  
Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares  
Susana Duarte
- 65 IV. Contextos antropológicos do Castro de Chibanes**  
Ricardo Miguel Godinho  
Adriana Leite
- 73 V. Enterramentos infantis em espaço residencial**  
Joaquina Soares  
Susana Duarte
- 77 VI. O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (Palmela, Portugal)**  
Cleia Detry  
Carlos Tavares da Silva  
Joaquina Soares
- 87 VII. Genomic analysis of cattle from the Roman Republican fortification of Chibanes, Palmela, Portugal**  
Maria Leonor Ferreira  
Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli  
Joaquina Soares  
Carlos Tavares da Silva  
Cleia Detry  
Silvia Valenzuela-Lamas  
Anders Götherström  
Ana Elisabete Pires  
Catarina Ginja
- 103 CULTURA MATERIAL: CERÂMICA**
- 105 VIII. As taças helenísticas com decoração a molde**  
Elisa de Sousa

- 109 IX. A cerâmica tipo Kuass  
Elisa de Sousa
- 113 X. Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico e imitações de Chibanes  
Vincenzo Soria
- 121 XI. Chibanes. Cerâmica de paredes finas  
Antónia Coelho-Soares
- 131 XII. A cerâmica cinzenta  
Elisa de Sousa
- 149 XIII. A cerâmica comum  
Elisa de Sousa  
Teresa Rita Pereira
- 229 XIV. As ânforas de Chibanes  
João Pimenta
- 279 XV. Fiação, tecelagem e costura  
Teresa Rita Pereira  
Joaquina Soares  
Carlos Tavares da Silva
- 293 XVI. Signos epigráficos en Chibanes (Palmela)  
José Antonio Correa Rodríguez
- 303 METAIS, NUMISMAS E ADORNOS**
- 305 XVII. Os artefactos metálicos  
Teresa Rita Pereira
- 347 XVIII. Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C.  
Noé Conejo
- 357 XIX. Adornos de Chibanes  
Susana Estrela
- 377 INTEGRAR E CONCLUIR**
- 379 XX. Cultura material e sociedade: as conclusões possíveis  
Joaquina Soares  
Carlos Tavares da Silva

# As ânforas de Chibanes<sup>1</sup>

João Pimenta\*

## 1. Metodologia e enquadramento

O conjunto de ânforas recolhido no sítio arqueológico de Chibanes é assaz volumoso ascendendo a vários milhares de fragmentos. Esta primazia da presença dos característicos contentores de transporte de produtos alimentares, foi logo reconhecida nos primeiros trabalhos aqui realizados no início do século passado, sendo numerosos os exemplares então recolhidos por A. I. Marques da Costa (Costa, 1910).

As leituras estratigráficas, arquetónicas e espaciais realizadas pela equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal dirigidas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, vieram revelar um sítio de riqueza excecional, atestando a sua potencialidade para o estudo dos momentos finais da Idade do Ferro e para a análise do conturbado período de conquista e consolidação do poder de Roma no extremo ocidente da província da *Uterior* (Tavares da Silva e Soares, 2012).

A metodologia adotada, neste estudo, reflete o quadro de problemáticas que procuramos vislumbrar, que se insere numa perspetiva mais alargada de análise monográfica do sítio e dos seus espólios. Nesse âmbito, separaram-se todos os fragmentos de ânforas exumados, tendo-se procedido à sua marcação e colagem. Seguiu-se a análise macroscópica das pastas, com vista à definição de grupos de fabrico que auxiliassem na determinação dos tipos de ânfora presentes bem como da sua proveniência. A nossa intenção inicial de prosseguir com a caracterização química e mineralógica

dos grupos assim definidos esbarrou com limitações de ordem prática, que limitam de momento o nosso discurso sobre as proveniências exatas dos contentores documentados. Optou-se, assim, por distinguir os grupos de fabricos por macrorregiões, tendo em conta o estado da arte sobre os seus centros produtores, atribuindo-se a áreas concretas de produção, como acontece, por exemplo, com as produções da província da *Uterior* ocidental (Tejo/Sado) e do Sul da *Uterior* (vale do Guadalquivir e costa Sudoeste); outros há em que se optou por definições mais genéricas e que se referem a áreas geográficas mais alargadas, como é o caso dos exemplares do Norte de África e da Península Itálica (Costa Tirrénica ou Adriática).

Tendo em conta estes dados, efetuou-se o desenho à escala 1/1 de todos os elementos que possibilitassem uma reconstituição formal para uma melhor classificação tipológica; por uma questão de espaço, no presente artigo apenas apresentamos a representação gráfica dos materiais mais significativos (Anexo).

## 2. Observações gerais sobre o conjunto

Considerando a classificação das ânforas representadas e as suas características (cronologia, proveniência e conteúdo), pretende-se, com a elaboração de um tratamento estatístico, ir um pouco mais além do que a construção de mapas de presença e difusão. A análise dos dados segue as recomendações do protocolo de quantificação de cerâmicas, elaborado pelos

1- Agradeço o empenhado auxílio da equipa do MAEDS, na triagem, separação, colagem e restauro dos materiais aqui analisados. Ao nível da ampla e complexa campanha de desenho arqueológico, entre Setúbal e Vila Franca de Xira, contei com a preciosa colaboração de Inês Conde, do CEAX, do qual este trabalho muito beneficiou.

\* Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) e Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). joao.marques@cm-vfxira.pt | <https://orcid.org/0000-0001-5149-5566>



participantes da mesa redonda de Mont Beuvray (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998), privilegiando-se a análise do número mínimo de indivíduos (NMI). Do ponto de vista de registo e apresentação dos elementos quantificados segue-se a recente proposta do Protocolo de Sevilha (Adroher Auroux *et al.*, 2016).

O Número de fragmentos que possibilitam um enquadramento a nível tipológico recolhidos nas diversas campanhas de escavação arqueológica aqui realizadas desde a década de noventa do século passado até 2018 corresponde a 842. Importa realçar que este número corresponde ao apurado, após um exaustivo trabalho de colagem que teve em conta a análise estratigráfica e arquitetónica do edificado. Este não é um fator despiciendo e julgamos que introduz um elemento de ponderação, pois foi possível, com essa metodologia, a reconstituição integral de diversos exemplares que se encontravam dispersos na mesma ou em diferentes unidades estratigráficas. Julgamos que este trabalho não resultou de forma infrutífera e que nos permite aproximar de um número mais real de indivíduos, presente, quer no seu conjunto quer em cada fase do povoado de Chibanos. Os dados analisados equivalem assim a um NMI de 374 ânforas (ver Quadro 1). Convertemos assim este volume de informação numa amostragem relevante, em termos numéricos e estatísticos, devidamente contextualizada. Trata-se de um conjunto de alta fiabilidade estatística, tendo em conta os princípios definidos por Molina Vidal (Molina Vidal, 1997, p. 41).

Esta extensa amostra incorpora a totalidade do conjunto de ânforas recolhidas no sítio, pela equipa do MAEDS, quer decorrente dos trabalhos de prospeção, quer de escavação correspondendo às campanhas anuais de 1996 a 2018. O conjunto aqui abordado engloba, assim, distintos âmbitos urbanísticos e estratigráficos, coincidentes com a diacronia do sítio, abrangendo as duas fases tardo republicanas com um claro fácies militar e os níveis que antecedem este momento datado do final da Idade do Ferro (Tavares da Silva; Soares, 2014). As ânforas aqui recolhidas por A. I Marques da Costa e que fazem parte do acervo do Museu Nacional de Arqueologia, foram alvo de revisão recente (Pimenta *et al.*, 2019), sendo esses dados aqui em conta, apenas na análise global das dinâmicas aquisitivas do sítio.

Da análise global do conjunto, traça-se um quadro que à partida não seria o espectável, mas que será sem dúvida relevador das dinâmicas económicas e capacidades aquisitivas do sítio ao longo da sua diacronia e faseamento. Destaca-se de forma preponderante, os

contentores de produtos alimentares de proveniência da *Ulterior*/Lusitânia, nomeadamente com fabricos que nos indicam uma proveniência regional, dos vales do Tejo/Sado e de tipologia claramente pré-romana. Estes, encontram-se bem representados por 521 fragmentos classificáveis, equivalendo a 242 NMI, correspondendo a uma significativa percentagem de 54% da amostra e de 57% do conjunto de NMI. A par deste aparente regionalismo, sobressai a importância dos diferentes âmbitos produtores centro mediterrânicos (Península Itálica e costa Norte Africana, em concreto a faixa Líbio-Tunisina) e hispânicos. Denotando-se um predomínio dos tipos e produtos da área sudoeste da província da *Ulterior*, particularmente da região da área costeira ocidental, entenda-se baía de Cádiz, reforçados na sua última fase com as primeiras importações da região interior correspondente ao vale do Guadalquivir.

### 3. Importações Itálicas

Começamos pelas importações centro mediterrânicas. A chegada ao ocidente peninsular de ânforas vinícolas e, em menor escala, de ânforas oleícolas produzidas na Península Itálica, corresponde a um fluxo comercial bem conhecido e analisado, sendo diretamente relacionado com o processo de conquista romana e com a presença de contingentes militares itálicos (Fabião, 1998). Não existe qualquer tradição comercial com o mediterrâneo central, que anteceda estas importações em massa, sendo estas conotadas no caso da fachada atlântica peninsular com as dinâmicas de conquista do território peninsular e com circuitos de abastecimento aos exércitos (Fabião, 1989, p. 121-125; Fabião, 1998, p. 175-176; Arruda e Almeida, 1999; Pimenta, 2005; Bargão, 2006).

No presente conjunto foram identificados 94 fragmentos oriundos da península itálica (23 fragmentos de bordo, 45 arranques de asas/asas, 14 colos e 12 fundos), que correspondem a um NMI de 27 o que representa 11% do total da amostra e 7% do total do NMI.

Desta análise, resulta claro que as importações da Península Itálica, no cômputo geral, se encontram longe da representatividade bem conhecida da comercialização destes modelos na fachada atlântica e em particular no vale do Tejo, com o seu expoente em sítios como Lisboa (Pimenta, 2005; Filipe, 2018); Porto do Sabugueiro (Pimenta e Mendes, 2008 e 2013; Pimenta *et al.*, 2014b); Chões de Alpompe (Fabião, 1989; Diogo e Trindade, 1993-94; Pimenta e Arruda, 2014) e Santarém (Bargão, 2006). Mas igualmente na zona centro, na área da bacia do Mondego,

Quadro 1 - Síntese do total de ânforas identificadas nas escavações de Chibanes 1996 a 2018.

Procedência	Tipo	Bordo	Asa	Colo	Fundo	Nº Frag.	% Frag.	NMI	% NMI	% Reg.
Península Itálica	Greco-Itálica	4				4	0,5%	4	1,1%	15%
	Dressel 1	19	44	14	12	89	11%	22	5,9%	81%
	Lamboglia 2(?)		1			1	0,1%	1	0,3%	4%
	Total	23	45	14	12	94	11%	27	7%	100%
<i>Uterior</i> /Bética Costa Sudoeste	D de Pellicer	1			1	2	0,2%	1	0,3%	1,2%
	Carmona	2				2	0,2%	2	0,5%	2,4%
	Tiñosa	3				3	0,4%	3	0,8%	3,6%
	Castro Marim	1				1	0,1%	1	0,3%	1,2%
	Mañá C2b	72	65	15	19	171	20%	72	19,3%	86,7%
	Dressel 1		2			2	0,2%	1	0,3%	1,2%
	“Ovóide Gaditana”	1	2			3	0,4%	1	0,3%	1,2%
	Indeterminado	1	4			5	0,6%	2	0,5%	2,4%
Total	81	73	15	20	189	22%	83	22%	100%	
<i>Uterior</i> /Bética Vale do Guadalquivir	Ovóide 1	5	1			6	0,7%	5	1,3%	63%
	Indeterminado		6		1	7	0,8%	3	0,8%	38%
	Total	5	7		1	13	2%	8	2%	100%
Total <i>Uterior</i> /Bética	Total	86	80	15	21	202	24%	91	24%	
<i>Ebusus</i>	PE 17	1				1	0,1%	1	0,3%	100%
	Total	1				1	0,1%	1	0,3%	100%
Norte de África	Tripolitana Antiga	3	1			4	0,5%	3	0,8%	100%
	Total	3	1			4	0,5%	3	0,8%	100%
<i>Uterior</i> /Lusitânia	Tipo 3 - Pré-romana	13	2			15	1,8%	13	3,5%	5,2%
	Tipo 4 - Pré-romana	18				18	2,1%	18	4,8%	7,1%
	Tipo 6 - Pré-romana	88				88	10,4%	88	23,5%	34,9%
	Tipo 7 - Pré-romana	26				26	3,1%	26	7,0%	10,3%
	Tipo 8 - Pré-romana	23				23	2,7%	23	6,1%	9,1%
	Tipo 9 - Pré-romana	72	2		1	75	8,9%	72	19,3%	28,6%
	Indeterminado Pré-romana	2	245		32	279	33,0%	2	0,5%	0,8%
	Dressel 1 <i>Uterior</i> Occidental	1	6	3	10	20	2,4%	10	2,7%	4,0%
Total	243	255	3	43	544	64%	252	67%	100%	
Total	356	381	32	76	845	100%	374	100%		

em Maiorca (Imperial, 2017), *Aeminium* (Carvalho, 1998), *Conimbriga* (Alarcão, 1976) e Lomba do Canho (Fabião, 1989). E no sul do território português, em particular em Mesas do Castelinho (Parreira, 2009), Monte Molião (Arruda, Sousa, 2013), Faro, Castro Marim (Viegas, 2011), Cerro do Cavaco (Candeias, 2015), Mértola (Fabião, 1987; Palma, 2009) e Mata Filhos (Luís, 2003).

Uma explicação para esta parca representatividade pode talvez ser encontrada, no enquadramento cronológico do faseamento da ocupação do sítio de Chibanes cujo apogeu parece centrar-se na primeira metade do século I a.C., ou na natureza e especificidades dos

abastecimentos aí realizados... Voltarei mais à frente a esta questão.

Entre as ânforas da Península Itálica podemos distinguir duas macrorregiões: a Costa Tirrénica e a Costa Adriática especificamente no sul da Península Italiana.

A Costa Tirrénica está amplamente atestada, tendo-se identificado 92 fragmentos que correspondem a um NMI de 25 e que representa 96% do total da amostra de importações da Península Itálica. Entre as produções que atribuímos a esta região, identificámos dois grupos de fabrico.

**Grupo 1** – Caracteriza-se por uma pasta dura, compacta e pouco depurada. A cor é amarela avermelhada

(Mun. 5 YR 7/6; 5 YR 7/4; 2,5 YR 6/6). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos, constituídos por quartzos de dimensões variáveis, micas douradas, inúmeras partículas negras de origem vulcânica, elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. As paredes apresentam-se alisadas do tom da pasta ou com uma aguada de tom bege (Mun. 7,5 YR 7/4; 2,5 Y 8/2).

O grupo 2 caracteriza-se por uma pasta compacta e pouco depurada. A cor varia entre o castanho avermelhado (Mun. 2,5 YR 6/4) e o amarelo avermelhado

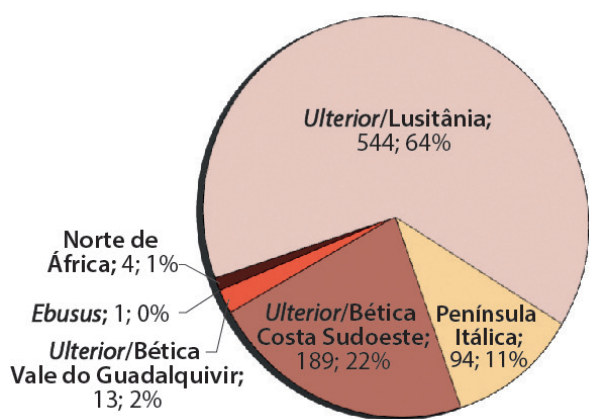


Fig. 1 - Gráfico das áreas de proveniência das ânforas de Chibanes.

(Mun. 2,5 YR 6/4; 5 YR 8/4). Os elementos não plásticos são abundantes, constituídos por quartzos e quartzitos de pequenas dimensões, numerosas partículas negras de origem vulcânica e elementos carbonatados. As percentagens de elementos não plásticos e de argilosos são muito semelhantes o que dá um aspecto muito característico a esta pasta. As paredes apresentam a tonalidade da pasta ou uma espécie de aguada de tom branco ou bege amarelado (Mun. 7,5 YR 7/4), resultante possivelmente da utilização de água salgada, no seu fabrico.

O Grupo 2 é, sem dúvida, o grupo maioritário entre as importações itálicas, encontrando-se atestado por 83 fragmentos classificáveis, que equivalem a 22 NMI e a 92% do total das produções itálicas (ver estampa 1 e 2). Correspondem às típicas produções ditas "campanienses", caracterizadas por uma grande abundância de "areias negras" de origem vulcânica (Peacock e Williams, 1986, p. 87-88).

Sob a denominação genérica de ânforas Greco-itálicas, engloba-se um conjunto de ânforas de inspiração helenística fabricadas em território itálico e que se assumem como o protótipo a partir do qual derivam as formas das ânforas vinárias durante a época republicana (Benoit, 1957). Esta forma caracteriza-se por possuir um corpo fusiforme, com uma carena

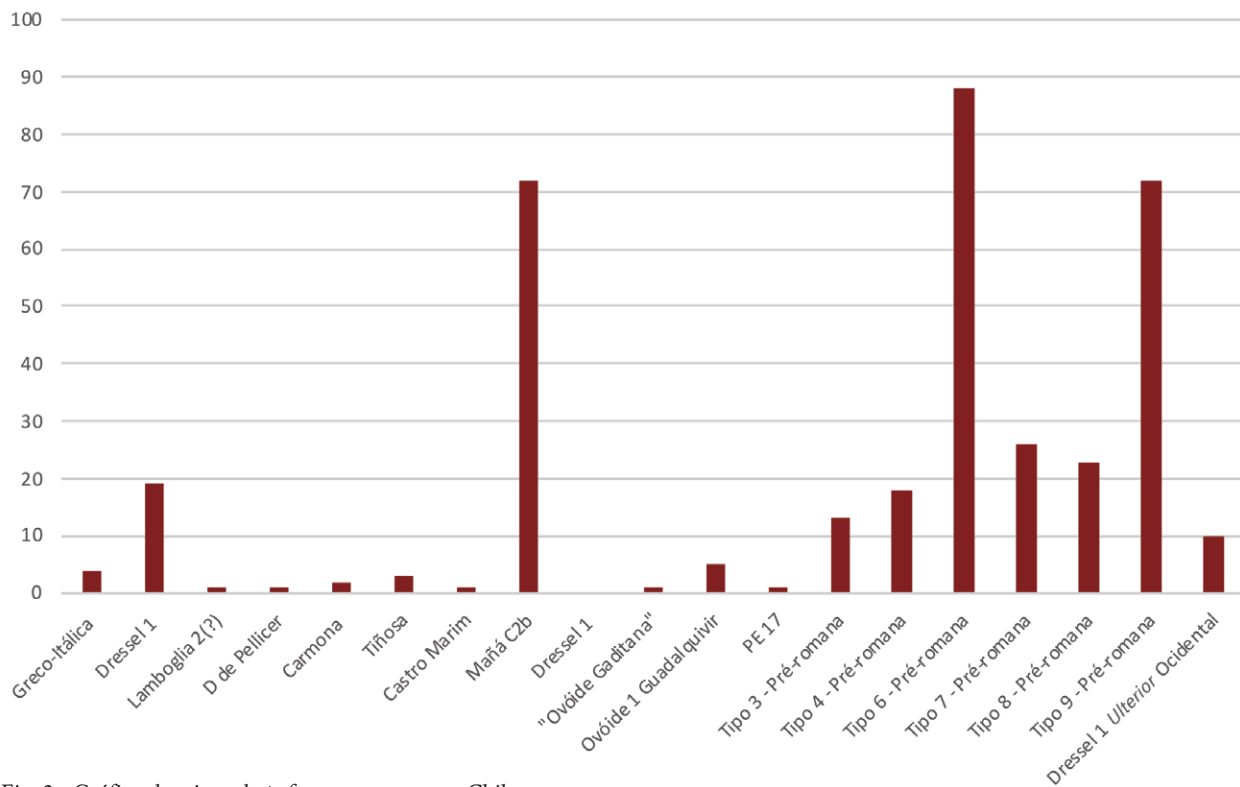


Fig. 2 - Gráfico dos tipos de ânforas presentes em Chibanes.

na zona do ombro, terminando num fundo maciço e compacto. Apresenta bordo triangular, inclinado e curto, oscilando o seu diâmetro entre os 11 e 14 cm. As asas são retas, arrancam do colo cilíndrico e apresentam secção ovalada (Peacock e Williams, 1986, p. 84; Molina Vidal, 1997, p. 40-42; Olcese, 2010).

Desde a sua classificação inicial, a evolução dos modelos greco-italicos e a sua transição para formas tipicamente romanas têm sido de problemática definição, em grande parte devido à longa duração da sua produção e ao seu carácter de transição entre dois períodos históricos e culturais diferenciados (Mateo Corredor, 2016). O seu âmbito de produção é amplo, e encontra-se atestada na Sicília, assim como em diversas áreas da Península Itálica, tanto na costa adriática como na tirrénica (Olcese, 2010). Fora desta área são conhecidas imitações destas formas no sul de França, onde se encontra documentada uma produção datada de finais do século III a.C., na cidade de Marselha (Laubenheimer, 1990), mas igualmente na Península Ibérica, na baía de Cádiz (Sáez Romero, 2008a) e na Catalunha (López Mullor e Martín Menéndez, 2008).

A sua produção inicia-se em finais do século IV a.C. e perdura até meados da segunda metade do século II a.C., colocando-se a transição desta forma para as Dressel 1 entre os anos 140/130 a.C. (Tchernia, 1986, p. 42; Sanmartí Greco, 1985, p.151) como bem atestam os contextos fechados do terceiro quartel do século II a.C. das cidades romanas de *Valentia* e de *Olisipo* (Ribera i Lacomba, 1998; Pimenta, 2005), assim como os dados dos acampamentos do cerco da cidade Celtibérica de Numancia, destruída em 133 a.C. (Sanmartí Greco, 1985, p. 151; 1992, p. 425-427), onde este modelo já convive com a sua sucessora — a ânfora Dressel 1. Importa ter presente que, mais do que uma transição entre duas formas distintas, trata-se de uma evolução contínua sem uma rutura aparente, tendo em conta os dados dos centros produtores conhecidos (Olcese, 2012).

Essa continuidade a nível morfológico nem sempre torna clara a sua identificação, sobretudo em fragmentos de pequena dimensão, o que nos levou a optar por seguir o método proposto por F. Gateau (1990), tendo em conta a relação da altura do lábio com a sua espessura máxima. Segundo a proposta de F. Gateau, as ânforas cujo valor dessa relação fosse menor do que 1,2 seriam consideradas greco-italicas; as que o possuíssem igual a 1,3 seriam consideradas formas de transição e as ânforas em que esse valor fosse superior a 1,4 seriam Dressel 1A.

No atual território português estas ânforas são raras, surgindo associadas a contextos da segunda metade

do século II a.C. conotados com âmbito de difusão militar, constituindo-se como um importante elemento na caracterização cronológica dos contextos estratigráficos (Pimenta, 2005). Sublinha-se na sua difusão, recentemente revista (Filipe, 2018, p. 294-298), o peso que estes modelos têm na bacia do rio Tejo, podendo esta leitura estar de acordo com as referências de Estrabão ao papel que esta região teve no apoio à campanha de Décimo Júnio Bruto. As ânforas greco-italicas estão atestadas em Chões de Alpompe (Pimenta e Arruda, 2014), Alto do Castelo, Alto dos Cacos (Almeida e Pimenta, 2018), Porto de Sabugueiro (Pimenta *et al.*, 2014b), Santarém (Bargão, 2006), Alverca do Ribatejo e Lisboa (Filipe, 2018). No sul do território português estes contentores encontram-se representados no Castelo de Évoramonte (Mataloto, 2010, p. 70), Mesas do Castelinho (Parreira, 2009), Mértola (Palma, 2009), Mata-Filhos (Luís, 2003), Monte Molião (Arruda e Sousa, 2013), Faro (Viegas, 2011), Cerro do Cavaco (Bargão, 2006) e Castro Marim (Viegas, 2011).

No conjunto em análise foi possível classificar 4 ânforas como greco-italicas, correspondendo estas a 1,1% da totalidade do conjunto exumado em Chibanes (Estampa 2, n.º 11 a 14). Apesar desta expressiva representação, considerando a raridade destes contentores no extremo ocidente peninsular, estes dados têm que ser matizados, visto que estamos a lidar com modelos tardios dentro desta morfologia de ânforas, encontrando-se muitos deles em fase de transição com os modelos canónicos da forma Dressel 1. Tendo em conta o contexto de recolha destes fragmentos, estas ânforas encontram-se associadas à primeira fase de ocupação romana republicana de Chibanes (Fase IIIA) (Tavares da Silva *et al.*, 2019).

**As ânforas Dressel 1 itálicas**, caracterizam-se por se tratar de um contentor alto e robusto com uma altura entre 1 m e 1,20 m, evidenciando bocais inclinados ou verticais, asas largas de perfil retilíneo, uma carena bem marcada na zona do ombro que marca a transição para um corpo cilíndrico ou fusiforme, terminando num bico fundeiro maciço (Peacock e Williams, 1986, p. 84; Molina Vidal, 1997, p. 40-42) (Estampa 1, 2 e 3).

Individualizado pela primeira vez na tabela de Henrich Dressel (1899) sob o seu número 1, foi posteriormente subdividido por Nino Lamboglia (1955) e Fernand Benoit (1957) em três tipos distintos (A, B e C), a que Peacock e Williams (1986) atribuem as suas classes 3, 4 e 5. Esta divisão tripartida, elaborada a partir da análise do espólio dos primeiros naufrágios descobertos no mediterrâneo, foi amplamente

debatida (Benquet e Olmer, 2002, p. 297), tendo alguns autores optado por recuperar a antiga denominação de “Dressel 1 Itálicas” (Fabião, 1998; Olmer, 1998; Benquet e Olmer, 2002).

A sua produção está atestada numa vasta área geograficamente contínua, nas costas tirrénicas da Península Itálica (Campânia, Lácio e Etrúria), sendo conhecidos inúmeros centros produtores (Olcese, 2012) que produziram diversas variantes numa aparente continuidade desde os modelos greco-italícos.

No que diz respeito à sua cronologia, trata-se de produções bem conhecidas, normalmente conotadas com os primeiros momentos de contactos com o mundo Romano. A sua produção, tal como vimos para as Greco-Itálicas, iniciou-se em meados do terceiro quartel do século II a.C., assumindo o papel de contentor por excelência da exportação do vinho produzido nas grandes *Villae* republicanas da zona da Etrúria, Campânia e Lácio (Tchernia, 1986) ao longo do último quartel do século II a.C., papel esse que mantém até meados da segunda metade do século I a.C. (Desbat, 1998).

Estes característicos contentores vinários evidenciam uma ampla difusão por todo o mediterrâneo ocidental. No território peninsular a sua difusão atesta a progressiva penetração dos interesses de Roma e das dinâmicas da conquista e consolidação dos novos territórios provinciais (Arruda e Almeida, 1999). No espaço português, a sua presença estende-se do Algarve até às margens do rio Minho, sobressaindo a sua aquisição/consumo ao longo da costa e na bacia dos principais rios (Pimenta, 2005). Para uma recente reavaliação da sua cartografia, ver síntese em Filipe, 2018, p. 300-302.

No conjunto em análise foi possível classificar um NMI de 22 ânforas como Dressel 1 Itálicas, correspondendo estas a 11% do conjunto exumado e a 5,9% do total de NMI. Destaca-se no estudo do conjunto a presença de diversos bocais com os lábios acima dos 4 cm e que podemos classificar como da variante C da forma Dressel 1. Esta variante é tida como mais recente e com cronologias centradas já no século I a.C. (Lamboglia, 1955) (ver Estampa 1, n.º 1 e Estampa 2, n.º 19 a 21).

A classificação tradicional da forma 1 de Dressel, elaborada por Nino Lamboglia (1955) e Fernand Benoit (1957), em três categorias (Dressel 1A, Dressel 1B e Dressel 1C), tem vindo a ser, como acima referimos, profusamente discutida (Tchernia, 1986, p. 312-320); continua, porém, a ser utilizada à falta de uma solução mais eficaz. Esta subdivisão foi elaborada a partir da análise de ânforas completas provenientes de naufrágios no Mediterrâneo, privilegiando a análise dos

bordos, em particular a sua altura e inclinação. Uma das premissas da discussão concernente à tripartição tradicional desta forma prende-se com o valor cronológico tradicionalmente atribuído a cada uma das variantes. Este pressuposto está longe de comprovado nas suas diversas aceções, como as escavações em Lyon têm vindo a confirmar (Mandy *et al.*, 1987/88), com o estudo de contextos fechados em que a contemporaneidade de diferentes variantes formais não é compatível com a proposta de Lamboglia (1955). Para o território peninsular, nomeadamente para latitudes melhor conhecidas e onde os contextos se encontram melhor definidos do ponto de vista de quadro de importação por fases, assiste-se em contextos bem datados associados à época do conflito sertoriano, a um claro retrocesso das ânforas Dressel 1 A e a um maior destaque das variantes B e C da forma 1 de Dressel (Ribera i Lacomba e Marín Jorda, 2004-2005, p. 275). Ressalve-se que nos contextos associados ao conflito sertoriano, as ânforas itálicas encontram-se normalmente sempre bem atestadas, como por exemplo nos sítios de La Loba (Benquet e Olmer, 2002), Cáceres El Viejo (Ulbert, 1984) ou Libisosa (Uroz Rodríguez e Uroz Sáez, 2014).

Destaca-se entre as importações de Dressel 1 itálicas, a presença de um fragmento de bocal com uma marca gravada no lábio (Estampa 2, n.º 18). A marca encontra-se *in labro*, dentro de uma cartela retangular com 3,5cm de largura por 1,5cm de altura. Infortunadamente a marca do lado direito encontra-se truncada não permitindo ler o resto da inscrição, ainda que a cartela pareça estar a fechar não sendo muito provável o seu desenvolvimento. Esta evidencia um nome próprio C.L SEX – podendo-se ler - C(aii) L(ucii) SEX(tiorum) *vel* SEX(tilorum) (Márquez Villora e Molina Vidal, 2005, p. 171). Este exemplar enquadra-se dentro de um conjunto de marcas, que, com distintas formas onomásticas, tem vindo a ser atestadas em centros de consumo de cronologia romano republicana em Itália, França e Espanha. Trata-se igualmente de uma marca já atestada entre o reportório das ânforas vinárias do Tipo Dressel 1, no extremo ocidente peninsular, designadamente, com a sua presença documentada com três exemplares já publicados na área do Castelo de São Jorge, Lisboa (Pimenta, 2005; Fabião *et al.*, 2016). Relativamente ao seu significado, D. Manacorda estabeleceu, numa fase inicial da abordagem a esta questão, uma relação entre os selos LSEX encontrados em sítios de Itália e da Gália com as bem conhecidas e difundidas marcas SES(*tius*) (Manacorda, 1981). Estas características marcas com cronologias igualmente centradas no

período romano republicano, encontram-se associadas à produção e exportação vinícola do *ager cosanus* (Manacorda, 1981, p. 36-38). O avanço da investigação e sobretudo o emergir de novos dados empíricos que aumentaram substancialmente quer a dispersão destas marcas quer os dados onomásticos conduziram a que atualmente este grupo de marcas C.L.SEX se tenha desvinculado da *gens* de los *Sestii* de Cosa e seja tido como produções de outra família distinta, cujo gentílico deverá ser *Sextilius* (Desbat, Maza e Picon, 1997, p. 514). Esta nova interpretação assenta na descoberta em Lyon, em escavações recentes, de novos dados devidamente contextualizados, onde surgiram a fórmula C.SEXTILI L. junto com outras variantes da marca atestada em Chibanes, (CLSEX, LSEX ou CSEX). A aduzir a esta leitura é interessante retomar um selo já antigo, publicado de Ampúrias, onde surge a marca SEXTIL, gravada em cartela retangular sobre o lábio de uma Dressel 1, e que não tem sido tido em conta, na discussão deste grupo de marcas (Almagro Basch, 1952, n.º 211). Esta marca parece realmente enquadrar-se neste grupo, sendo mais um contributo para a discussão da atribuição à *gens Sextili* destas produções. Apesar destas novas descobertas, a interpretação deste conjunto/família de marcas não está isenta de dúvidas. Algumas das questões foram colocadas por F. Olmer, quando do estudo dos dados epigráficos do povoado de Bibracte (Olmer, 2003). Tendo em conta as marcas deste grupo aí atestadas, a investigadora colocou a questão de podermos estar perante duas famílias distintas, os *Sestii* e os *Sextili* face à leitura de as diferentes variantes seguirem rotas de distribuição diferentes (Olmer, 2003, p. 149).

Quanto à sua proveniência, a análise da sua pasta e a comparação com os diferentes grupos de referência de centros produtores de ânforas itálicas permitiu colocar a hipótese de uma origem do norte da Campânia ou do sul do Lácio (Desbat, Maza e Picon, 1997, p. 515). A difusão da ânfora Dressel 1 com a marca de CLSEX encontra-se bem documentada em mais de duas dezenas de sítios, e tem vindo a ser identificada na Hispânia, Gália e Itália (Desbat, Maza e Picon, 1997; Pina Burón, 2017). Na França destaca-se a variante CSEX, presente em Mont Beauvray, em Lyon, Verdun-sur-le-Doubs, Roanne, Tournous e Vieille-Toulouse (Desbat, Maza e Picon, 1997; Olmer, 2003; Pina Burón, 2017) bem como em: Lyon, Roanne; Lacoste; Montfo e Charbonnières (Puy-de-Dôme) (Desbat, Maza e Picon, 1997). No território peninsular este grupo de marcas encontra-se também bem documentado. O selo C.L.SEX - em Ampúrias em níveis do final do século II e primeira

metade do I a.C. (Sanmartí Grego, Nolla e Aquilué, 1984); no acampamento V de Renieblas, (Numância), com datação de 135-130 a.C. (Sanmartí Grego, 1992, p. 419); em Cartagena, no Hospital de Marina 95, onde se encontra datado entre finais do século II e o século I a.C. (Márquez Villora e Molina Vidal, 2005, p. 171); no Castelo de São Jorge, com três exemplares, sendo que apenas um é proveniente de contexto primário, sendo este atribuído ao terceiro quartel do século II a.C. (Pimenta, 2005; Fabião *et al.*, 2016, p. 27-28). O selo CSEX, em Cartagena onde se encontra datado contextualmente entre finais do século II e o século I a.C. (Márquez Villora e Molina Vidal, 2005, p. 171); em Villanueva de la Fuente (Ciudad Real), com datação de meados da primeira metade do século I a.C. (Pina Burón, 2017); em El Molinete (Catagena) (Márquez Villora e Molina Vidal, 2005, p. 172) e no Tossal de Manises (Alicante) (Márquez Villora e Molina Vidal, 2005, p. 172).

Na Hispânia a associação destas marcas a sítios de cariz militar ou militarizados, nomeadamente nos acampamentos associados ao cerco de Numância (Renieblas), em Ampúrias, Cartagena e em Lisboa levam-nos a sublinhar o papel dos circuitos de abastecimento institucional na circulação e distribuição dos vinhos itálicos (Fabião *et al.*, 2016, p. 27-28). Não deixa de ser igualmente sugestiva a presença desta marca num sítio como Chibanes, sendo mais um elemento a aduzir à discussão da sua interpretação como um sítio de cariz militar. O bocal com marca foi recolhido no interior da Torre Oriental – Locus



Fig. 3 - Fotografia do fragmento de ânfora vinária itálica do Tipo Dressel 1 CHIB. 16/79, com pormenor da marca impressa sobre o lábio – C.L.SEX.

K16, camada 3b, associado à primeira fase de ocupação romano-republicana de Chibanes.

Encontram-se ainda presentes alguns vestígios de grafitos, gravados na superfície das ânforas itálicas atestando assim a literacia da comunidade que aqui residia. Destaca-se um fundo de ânfora Dressel 1, com o numeral latino X (Estampa 3, n.º 28).

Para além das omnipresentes produções da Costa Tirrénia italiana, encontram-se igualmente atestadas raras importações de ânforas da Costa Adriática. Esta região está, ainda assim, representada por 1 fragmento de asa que corresponde a um NMI de 1 e que representa 0,3% do total da amostra em análise (Estampa 3, n.º 24). O exemplar em causa, CHIB 12/212, evidencia uma pasta compacta, homogénea e bem depurada. A cor é castanha avermelhada (Mun. 2.5 YR 6/6). Os elementos não plásticos são escassos, bem distribuídos e de pequena dimensão, constituídos por quartzos, grãos carbonatados, óxidos de ferro e moscovites. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta. Não é fácil a sua classificação categórica, visto que estamos a lidar com apenas um fragmento de asa, porém a secção da mesma, mais circular e espessa, leva-nos a propor, ainda que de forma interrogada, podermos estar perante uma ânfora da forma Lamboglia 2. Contudo, estamos cientes que outras propostas interpretativas possam ser válidas.

As ânforas Lamboglia 2 são um modelo característico da Costa Adriática de Itália de época tardo-republicana, formalmente inspirado no tipo Greco-italico. Evidenciam bordo de tendência triangular, evoluindo nas versões mais recentes para retangular ou em fita. O colo é alto e cilíndrico, arrancando as duas asas, logo abaixo do bordo. Evidenciam um ombro bem marcado e com carena assinalada, marcando a rutura para o corpo. Sendo este de morfologia ovoide, terminando num fundo troncocónico maciço (Fabião, 1998; Molina Vidal, 1997).

É hoje em dia consensual, graças aos restos de conteúdos recuperados em vários exemplares do naufrágio de La Madrague de Giens (Tchernia, Pomey e Hesnard, 1978), que se trata de um envase preferencialmente destinado ao transporte de vinho. As ânforas deste tipo identificam-se atualmente com uma bem documentada, numerosa e diversificada produção na costa italiana do Adriático (Cipriano e Carre, 1989; Cipriano e Mazzochin, 2017), com particular concentração na sua metade mais setentrional, mas também com uma conhecida produção na zona da Apúlia (Cipriano e Carre, 1989, p. 83). Foi ainda produzida de forma minoritária na Itália tirrénica, concretamente na Campânia e Etrúria (Hesnard, 1998,

p. 307-310). A sua produção encontra-se bem definida, enquadrada entre o último quartel do século II a.C. e o início do principado de Augusto, mas tendo na primeira metade do século I a.C. o seu período de maior profusão (Empereur e Hesnard, 1987, p. 33).

A sua difusão comercial evidencia um amplo sucesso tanto no Mediterrâneo Oriental como no Ocidental. Contudo, no ocidente, constata-se de maneira evidente, que este tipo ocorre em número infinitamente menor que as ânforas vinárias do tipo Dressel 1 (Fabião, 1987; Molina Vidal, 1997). Ainda que com as notáveis exceções do sudeste peninsular, concretamente a área de *Carthago Nova*/Cartagena (Molina Vidal, 1997).

O território português inscreve-se no panorama traçado, encontrando-se estes contentores recorrentemente pouco representados, embora não tanto como os tipos de Brindisi. A leitura da geografia da sua dispersão permite sublinhar uma particular concentração da sua presença no vale do Tejo, onde surgem em Lisboa (Pimenta, 2005; Filipe, 2018), Santarém (Bargão, 2006, p. 41-42), Alto dos Cacos (Almeida e Pimenta, 2018), Monte dos Castelinhos e Chões de Alpompe (Fabião, 1989; Diogo e Trindade, 1993-1994; Pimenta e Arruda, 2014). A sul do Tejo, encontram-se presentes no Guadiana, com o caso singular do depósito de Mértola, datado da primeira metade do século I a.C. (Fabião, 1987). No interior do Alentejo, estão atestadas no povoado de Mesas do Castelinho, Almodôvar (Parreira, 2009), integrando contextos datados dos três primeiros quartéis do século I a.C., ou ainda no Castelo das Juntas, em Castro Verde (Madeira, 1986). Na fachada atlântica identificou-se um exemplar ao largo do Cabo Sardão (Diogo, 1999). Na região meridional correspondente ao atual Algarve, a sua presença está documentada em Monte Molião (Arruda e Sousa, 2013), Faro e Castro Marim (Viegas, 2011).

#### 4. Importações do Norte de África

A importação de azeite da área Norte Africana, em concreto da faixa Líbio-Tunisina, está documentada pela presença de diversas ânforas oleícolas, denominadas Tripolitanas antigas. Estas ânforas evidenciam um bordo ligeiramente esvasado, lábios verticais de secção triangular, ligeiramente oblíquos e moldurados, com diâmetros entre os 12 e os 15 cm. As asas são curtas, arrancando abaixo do lábio, e apresentam secção ovoide ou circular. O colo é pouco pronunciado, de secção troncocónica, de onde parte o corpo com tendência cilíndrica, terminando num fundo em botão. Apresentam uma altura entre os 60 e os 65 cm, um

diâmetro máximo de 35 cm e uma grande capacidade variável entre os 42 e os 49 litros (Benquet e Olmer, 2002; Bonifay, 2005).

Denominam-se sob esta forma um conjunto de contentores de morfologia ovoide, que parecem inspirar-se em modelos produzidos na costa adriática de Itália e que se apresentam como a primeira produção que antecede as típicas formas de exportação de azeite da área da Tripolitana, durante a época imperial (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002). Individualizados pela primeira vez por Empereur e Hesnard (1987), o seu estudo só recentemente mereceu a atenção dos investigadores (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002), deixando antever uma inusitada difusão que permitiu reavaliar a importância da sua comercialização em época republicana. Partindo da análise dos numerosos exemplares identificados nos níveis republicanos da cidade de Valentia e na sua difusão no mediterrâneo central e ocidental, Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba (2002), situam o início da sua produção na primeira metade do século II a. C., embora seja a partir de inícios da segunda metade do século II a.C. que se encontram bem documentados na Península Ibérica, como demonstram os exemplares de Numância, Valência e os naufrágios da Ilha Pedrosa e Punta Scalletta, perdurando a sua comercialização até finais do século I a.C. Sublinhe-se a sua presença em contextos bem datados associados a episódios de destruição relacionados com o decorrer do conflito Sertoriano, como La Loba – Córdoba (Benquet e Olmer, 2002); Cáceres El Viejo (Ulbert, 1984); Valência (Ribera i Lacomba, 2014); La *Libisosa* (Uroz Rodríguez e Uroz Sáez, 2014), etc.

Recentemente, após a descoberta de evidências da produção destas ânforas em Tunes, foi proposta a alteração da sua denominação para Ânfora Africana Antiga (Capelli e Contino, 2013). Contudo, neste trabalho, manteremos a denominação tradicional por já se encontrar esta amplamente consagrada na literatura científica.

A análise da sua distribuição, permite vislumbrar uma ampla difusão, no Norte de África, Tunísia, Argélia e Marrocos, bem como no Sul de França, e Península Itálica (Capelli e Contino, 2013). O território da Península Ibérica parece ter-se constituído como um dos mercados preferenciais para a comercialização das ânforas Tripolitanas Antigas, acompanhando o processo de conquista do território, estando muito bem documentadas em sítios como Ampúrias, *Iluro*, Burriac, *Tarraco*, Valência e Cartagena, ou no interior do território em Azaila, Numância e Ilerda (Pascual Berlanga e Ribera i Lacomba, 2002, p. 304). Mas

igualmente, estão bem comprovadas na costa ocidental, em Villaricos, *Abdera*, Giribaile (Jáen), Morro de Mezquitilla, Málaga, *Lacipo*, *Baelo Claudia*, Silla del Papa e Cádiz, e no interior em Córdoba, La Loba, Castrejón de Capote, Valdetorres, Cáceres el Viejo e Villasviejas del Tamuja (Mateo Corredor, 2012, fig. 3).

No território português, temos vindo a assistir nos últimos anos à publicação de diversos conjuntos anfóricos de cronologia romana republicana onde estes contentores se encontram atestados, permitindo hoje uma mais ampla visão da distribuição destas importações (compare-se a cartografia de Pimenta, 2005, com Mateo Corredor, 2012 e com Filipe, 2018). Encontram-se assim presentes no Algarve em Castro Marim (Viegas, 2011), no Cerro do Cavaco – Tavira (Bargão, 2006; Candeias, 2015), em Monte Molião – Lagos (Arruda e Sousa, 2013; Sousa, Alves e Pereira, 2016) e no Alentejo, no povoado de Mesas do Castelhinho - Almodôvar (Parreira, 2009). No vale do Tejo, em Lisboa em contextos bem datados do século II a.C. (Pimenta, 2005 e 2014; Filipe, 2015 e 2018), em Santarém, nas escavações da antiga Alcáçova (Bargão, 2006; Almeida e Arruda, 2005); e nos Chões de Alpompe – Santarém (Pimenta e Arruda, 2014).

A importação de azeite da área norte africana, está documentada nos contextos romano-republicanos de Chibanes, pela presença de 4 fragmentos que correspondem a um NMI de 3 e que representa 0,8% do total da amostra em análise (Estampa 4, n.º 36 a 38). Entre as produções que atribuímos a esta região, identificámos um único grupo de fabrico. Grupo 1 – Caracteriza-se por uma pasta compacta e áspera. A cor é vermelha (Mun. 10 R 4/8). Os elementos não plásticos são abundantes e de pequena dimensão, constituídos por quartzos, óxidos de ferro e moscovite. As superfícies apresentam um engobe espesso e aderente de tom bege. A sua pasta é compacta, depurada e homogénea, de cor bege (10 YR 8/3). Similar ao Grupo UA 22 definido por Mateo Corredor, 2014, p. 1125-1131).

## 5. Ânforas da *Ulterior*/ Costa Sudoeste

Paralelamente aos produtos itálicos e africanos, assiste-se nos níveis romano-republicanos de Chibanes a uma estreita conexão com o mundo da Província romana da *Ulterior*, nomeadamente com a área da sua Costa Sudoeste, correspondendo à área púnica do sul peninsular, em particular a Baía Gaditana. A importação de azeite e em particular de preparados piscícolas está documentada pela presença de diversos contentores de distintas morfologias, nomeadamente do Tipo



8.1.1.2 (Tiñosa), do Tipo 8.2.1.1. (Carmona), do Tipo 4.2.2.5. (D de Pellicer), do Tipo Castro Marim 1, do Tipo 7.4.3.3. (Mañá C2b), por exemplares de imitação da forma 1 de Dressel e por exemplares de morfologia ovoide. A área da Baía Gaditana está assim representada por 189 fragmentos classificáveis que correspondem a um NMI de 83 e que representam 22% do total da amostra em análise.

**T 8.1.1.2. (Tiñosa)** - individualiza-se como uma ânfora alta, cerca de 1,15 metros, de corpo de tendência bicónica. O bordo é praticamente inexistente, sendo apenas o prolongamento do colo, e materializando-se num espessamento interno do lábio, do lado exterior; a linha do bordo é pautada por uma ténue linha marcando esta zona. As asas são de forma e perfil circulares, estabelecendo a divisão entre o colo e o corpo do contentor, o fundo é cónico e oco (Ramon Torres, 1995, p. 222; Carretero Poblete, 2004a, 2006).

A área de produção deste tipo encontra-se bem caracterizada, tendo sido demonstrado através de estudo arqueométrico que terá sido fabricado na área da *Campiña Gaditana*, em centros como Mesas de Asta e Cerro Naranja (Jerez de la Frontera), entre os séculos IV e III a.C. destinando-se ao transporte de azeite desta região meridional (Carretero Poblete, 2007). Apesar desta proposta de cronologia situar estas produções no horizonte de ocupação sidérico de Chibanes, não podemos deixar de frisar que o recente estudo de conjuntos artefactuais de Monte Molião tem revelado quantidades consideráveis de ânforas do tipo 8.1.1.2 em contextos de finais do século II / inícios do século I a.C., o que tem levantado algumas questões sobre a cronologia do final da sua produção (Arruda e Sousa 2013; Sousa, Alves e Pereira, 2016).

No território português, estes contentores não se encontram particularmente bem atestados, sublinhando-se a sua forte presença na região algarvia (Carretero Poblete, 2019). Nomeadamente em Castro Marim (Arruda, 2001; Sousa, 2009), no sítio do Cerro da Velha, Odeleite (Freitas e Oliveira, 2007), em Tavira (Maia, 2004), em Faro (Arruda, Bargão e Sousa, 2005), na foz do rio Arade (Diogo, Cardoso e Reiner, 2000), no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993) e em Monte Molião (Arruda *et al.*, 2008). No Alentejo, é conhecida a sua presença em Mesas do Castelinho (Filipe, 2010). Na fachada atlântica, a sua presença é rara, encontrando-se, porém, presente no Baixo-Tejo, onde está atestada no sítio de Porto do Sabugueiro (Sousa *et al.*, 2020).

Este tipo encontra-se representado em Chibanes por três fragmentos que evidenciam o característico engobe amarelo-claro ou esbranquiçado destes contentores (Estampa 4, n.º 40 a 42). A sua pasta é compacta

e homogénea, de cor cinzenta (10 YR 5/1) no núcleo, e amarelo avermelhado (5 YR 6/8) nas margens. Os elementos não plásticos são frequentes, de pequena dimensão, constituídos por quartzos, calcites, micas, feldspatos e raros grãos ferruginosos. Os exemplares do Tipo T 8.1.1.2. (*Tiñosa*), chegaram a Chibanes durante a Idade do Ferro, como atesta o fragmento CHIB.13/222 (Estampa 4, n.º 41). Os restantes bocais foram recolhidos em níveis de superfície, não sendo assim claro se já se integram na ocupação romana republicana do sítio ou não (Estampa 4, n.º 40 e 42).

**T. 8.2.1.1. (Carmona)** - Estas ânforas evidenciam um corpo bitroncocónico, mais largo na parte superior e com a parte inferior menos desenvolvida em longitude e terminando numa base em ogiva, com uma altura variável entre 85 e 100 cm (Ramón Torres, 1995). O colo é quase inexistente, sendo definido pela curta distância que medeia entre o bordo e o arranque das asas, muitas vezes preenchido com uma ou mais linhas incisivas. Os bordos são normalmente apenas evidenciados por um espessamento da parede e de projeção ligeiramente evertida ou vertical. As asas são de pequena dimensão e de forma e secção circular (Sáez Romero, 2016).

Embora individualizada como forma autónoma, desde o início da década de setenta do século passado (Pellicer, 1978, p. 365-400; Ribera i Lacomba, 1982, fig. 36; Muñoz Vicente, 1987, p. 474, fig. 4), este contentor ganha um novo reconhecimento, com o ensaio tipológico de A. Rodero, que a rebateza como «tipo Carmona», com base nos dados arqueológico/estratigráficos da cidade epónima (Rodero Riazza, 1991, p. 284-286; 1995). Esta denominação tem sido amplamente aceite sendo ainda hoje vigente, a apar, da designação numérica da tipologia de J. Ramón (1995).

Este modelo foi produzido na baía Gaditana, embora também em outros lugares da costa andaluza, e possivelmente em Sevilha, na Casa del Obispo (Carretero Poblete, 2004b), entre a primeira metade do século IV e finais do século II a.C. (Sáez Romero, 2008a). Mais recentemente foi levantada a hipótese de uma produção africana em Kuass (Sáez Romero, 2008a, p. 641). A sua produção/circulação mantém-se até ao início do último quartel do século II a.C. evoluindo para as ânforas do T. 9.1.1.1. (CCNN), (Carretero Poblete, 2004b).

Relativamente aos conteúdos envasados nestas ânforas, a sua correlação estratigráfica desde há décadas aos centros produtores e às fábricas de pescado da baía Gaditana, levaram a que tradicionalmente estes modelos sejam relacionados com o transporte de preparados piscícolas (Sáez Romero, 2008b). A sua boca ampla, tal como no caso das suas sucessoras,

T. 9.1.1.1. (CCNN), motivaram a que se colocasse a hipótese de estas conterem conteúdos tipo *salsamenta* (Sáez Romero, 2016). Contudo alguns autores têm vindo a colocar as ânforas deste tipo entre os envases bivalentes, que poderiam ter transportado tanto o vinho como os preparados piscícolas (García Vagas, 1998, p. 203; Carretero Poblete, 2004b).

A difusão comercial das ânforas do T-8.2.1.1. (tipo *Carmona*) assumiu desde cedo um amplo sucesso, encontrando-se presentes desde a fachada atlântica, onde estão atestadas, em diversos castros da Galiza, até ao mundo mediterrâneo peninsular (Sáez Romero, 2016). No território atualmente português, encontram-se presentes, sempre em pequenas quantidades, no Algarve, em Castro Marim (Arruda *et al.*, 2006); em Faro (Sousa, 2009), em Monte Molião (Arruda *et al.*, 2008), e no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993). No Alentejo, estas ânforas encontram-se bem representadas no povoado de Mesas do Castelinho (Filipe, 2010), sendo igualmente atestada a sua presença na Rua do Sembrano em Beja (Grilo, 2007). Na fachada atlântica portuguesa, encontram-se apenas representadas em Lisboa (Carretero, 2004b, p. 428, fig. 1).

Em Chibanes, este tipo encontra-se representado por dois fragmentos que evidenciam o característico fabrico da Baía Gaditana (Estampa 4, n.º 43 e 44). A sua pasta é compacta, depurada e homogénea, de cor bege (10 YR 8/3). Os elementos não plásticos são frequentes, de pequena dimensão, constituídos por quartzos, calcites, micas, feldspatos, vacúolos alongados e raros grãos ferruginosos (similar ao Grupo UA 16 definido por Mateo Corredor, 2014, p. 1079). Os exemplares desta morfologia terão chegado a Chibanes, tendo em conta o contexto estratigráfico, durante a Idade do Ferro, como atesta o fragmento CHIB.12/134 (Estampa 4, n.º 44); contudo, o outro fragmento identificado encontra-se bem integrado no período romano-republicano do sítio.

**T-4.2.2.5. (tipo D de Pellicer)** - As ânforas deste tipo caracterizam-se por um corpo cilíndrico alongado com cerca de um metro a um metro e dez de altura, terminando num fundo em ogiva apontado delimitado por pequeno botão. O bocal é reentrante em relação ao corpo da ânfora, apresentando-se como um prolongamento engrossado da parede do ombro, diferenciado apenas por uma canelura ou ressalto (Sáez Romero e Niveau de Villedary y Mariñas, 2016). As asas arrancam abaixo da curvatura do ombro e são de forma e secção circular. Em recente reavaliação crítica dos dados conhecidos, foram reconhecidas oito variantes dentro desta forma tendo em conta o perfil dos lábios (Niveau de Villedary y Mariñas, 2002, p. 237-239).

Este contentor tem-se vindo a considerar nas últimas décadas, como um dos tipos turdetanos clássicos. Identificado pela primeira vez pelo Professor Manuel Pellicer Catalán, na sua tipologia sobre as ânforas proto-históricas do baixo Guadalquivir, com base nas escavações do Cerro Macareno (Pellicer Catalán, 1978, 1982; Pellicer Catalán, Escacena Carrasco e Bendala Galán, 1983). Pellicer Catalán inclui dentro do Tipo D, estes modelos anfóricos, que surgem nos níveis 14 a 1 do Cerro Macareno, com uma cronologia centrada entre os finais do século V a final do século II a.C. (Pellicer Catalán, 1978, p. 390). Esta proposta de Pellicer Catalán, seria complementada de seguida por Florido Navarro, que propõe, logo em 1984, uma nova classificação das ânforas pré-romanas da Ibéria meridional em função do perfil geral dos seus corpos (Florido Navarro, 1984). Entre os quinze tipos apresentados, a forma D de Pellicer é enquadrada no seu tipo XI (Florido Navarro, 1984, p. 420). No trabalho monográfico de Joan Ramón Torres sobre as produções anfóricas fenício-púnicas, estes modelos são incluídos no seu tipo T-4.2.2.5. (Ramón Torres, 1995). Ainda que posteriormente o mesmo autor tenha expressado as suas dúvidas acerca da filiação fenício-púnica destes contentores (Ramón Torres, 2004, p. 194).

O estado atual dos conhecimentos permite sustentar, a existência de múltiplos focos de produção (Sáez Romero e Niveau de Villedary y Mariñas, 2016), nomeadamente uma produção interior, centrada no baixo vale do Guadalquivir (García Fernández e García Vargas, 2010, p. 118; García Vargas, Almeida e González Cesteros, 2011, p. 192), e outra costeira localizada na área da baía de Cádiz (Niveau de Villedary y Mariñas, 2002). Não é ainda claro se as produções do extremo ocidente peninsular, que parecem reproduzir estes modelos, são de facto imitações ou apenas modelos similares que seguem linhas evolutivas comuns (Sousa e Pimenta, 2014). Voltaremos *infra* a esta questão quando nos debruçarmos sobre as produções de ânforas do vale do Tejo/Sado.

A ampla cronologia destes contentores ficou definida desde cedo (Pellicer Catalán, 1978, p. 390). Recentes avanços da investigação, nomeadamente o estudo de sítios de cariz industrial na Baía Gaditana a par de espaços de necrópole permitiram documentar de forma sólida a sua perduração desde uma origem ainda algo incerta em meados do século IV a.C. até meados da segunda metade do século II a.C. (Sáez Romero e Niveau de Villedary y Mariñas, 2016). Ainda que para os modelos produzidos no baixo Guadalquivir se encontre atestada uma maior

sobrevivência até meados do século I a.C., atingindo mesmo, ainda que em percentagens reduzidas, o início do principado de Augusto (García Vargas, Almeida e González Cesteros, 2011, p. 194).

Quanto aos produtos transportados por estes recipientes, os dados não são claros. Entre os conteúdos propostos encontra-se o vinho ou mosto, tendo em conta os exemplares encontrados no Castillo de Doña Blanca/Las Cumbres em notável estado de preservação associados a um lagar (Niveau de Villedary y Mariñas, 2002, p. 243). Mas igualmente o azeite, no caso dos contentores do Baixo Guadalquivir (García Fernández e García Vargas, 2010, p. 119). As salgas de peixe, tendo em conta a associação destes modelos a fábricas de preparados piscícolas (Arruda, 2006, p. 396). E mesmo conteúdos sólidos, como as azeitonas (Niveau de Villedary y Mariñas, 2002, p. 243).

A difusão comercial das ânforas do T-4.2.2.5. (tipo D de *Pellicer*) é significativa, encontrando-se bem atestada no Baixo Guadalquivir, na área da Baía de Cádiz, mas igualmente no Norte de África marroquino (Sáez Romero e Niveau de Villedary y Mariñas, 2016). No território português a sua presença é significativa ainda que tenha que ser matizada. Entenda-se, muitos dos materiais publicados e interpretados como deste tipo enquadram-se, como veremos mais à frente neste trabalho, em produções regionais, nomeadamente do vale do Tejo/Sado. As importações desta forma encontram-se porém bem documentadas na área de influência gaditana, como o Algarve, onde surgem: no Monte Molião (Arruda *et al.*, 2008; Arruda e Sousa, 2013); no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993); em Faro (Arruda, Bargão e Sousa, 2005); em Tavira (Maia, 2004; García Fernández, 2019); no Cerro do Cavaco (Candeias, 2015); e em Castro Marim (Arruda *et al.*, 2006). Sublinhe-se que no Castelo de Castro Marim a presença de exemplares deformados desta forma levou os investigadores a proporem uma eventual produção local, relacionada com a produção de preparados piscícolas (Arruda, 2006, p. 396). Ao longo do Guadiana, estas ânforas encontram-se bem representadas em Mértola, assim como por um exemplar em Castelinhos dos Mouros, Alcoutim (García Fernández, 2019). No interior alentejano, estão atestados três exemplares de provável produção da área gaditana, no povoado de Mesas do Castelinho (Filipe, 2010, p. 63) e por um exemplar em Beja (Grilo, 2007).

Na fachada atlântica a presença destas ânforas é bem mais tímida, sendo escassos os exemplares registados, e mesmo estes parecem ter alcançado o extremo ocidente em contextos já relacionados com a primeira fase da conquista militar romana. Contudo assinala-se a sua

presença em Odemira, (García Fernández, 2019), no povoado de Almaraz, (Olaio, 2018), em Lisboa (Pimenta, 2005) e Porto do Sabugueiro (García Fernández, 2019; Sousa *et al.*, 2020). Acima do vale do Tejo, os dados são ainda mais escassos, sublinhando-se o vazio que apenas é interrompido na zona da Galiza, onde se encontram registados alguns exemplares importados, desta morfologia (García Fernández, 2019).

O exemplar de bordo do T-4.2.2.5. (tipo D de *Pellicer*) proveniente de Chibanes corresponde às produções costeiras, evidenciando fabrico da área da Baía Gaditana (Estampa 4, n.º 45). A sua pasta é compacta depurada e homogénea, de cor bege (10 YR 8/4). Os elementos não plásticos são frequentes, de pequena dimensão, constituídos por quartzos, calcites, micas e feldspatos (similar ao Grupo UA 16 definido por Mateo Corredor, 2014, p. 1079). O perfil do seu lábio leva-nos a inseri-lo no tipo 1 proposto para esta tipologia (Niveau de Villedary y Mariñas, 2002, p. 237). Ânforas *Pellicer* D com este tipo de lábio encontram-se atestadas em contextos bem datados de meados do século III a.C. do povoado de Las Cumbres, assim como em contextos funerários gaditanos (Niveau de Villedary y Mariñas, 2002). Infelizmente a peça em questão foi recolhida nos níveis superficiais do sítio, no quadrado F-I/16-18, não sendo assim claro a que fase do sítio, corresponde esta importação.

**Tipo Castro Marim 1** - Esta ânfora, recentemente individualizada com base no estudo dos conjuntos anfóricos do sítio epónimo, caracteriza-se por um corpo cilíndrico e relativamente estreito com uma largura média de 26 cm. Apresenta bordos horizontais e voltados para o interior, encontrando-se separados do corpo por uma carena bem marcada (Bargão e Arruda, 2014; Arruda *et al.*, 2006).

A sua cronologia ainda não é totalmente clara. Contudo diversos sítios na região algarvia permitem sustentar uma datação entre meados do século II a.C. e os finais do século I a.C. parecendo surgir em clara evolução dos modelos do T-4.2.2.5. (tipo D de *Pellicer*).

A sua presença no território português encontra-se bem atestada na região algarvia, em Castro Marim (Arruda *et al.*, 2006), no Cerro do Cavaco - Tavira (Candeias, 2015), em Faro (Viegas, 2011) e no Monte Molião (Arruda e Sousa, 2013; Sousa, Alves e Pereira, 2016). Para o restante território, os dados são parcos, apenas podendo-se registar a sua presença no vale do Tejo, na Alcáçova de Santarém (Bargão, 2014), em Lisboa (Pimenta, Mota e Baptista, 2021) e no Porto do Sabugueiro (Pimenta e Mendes, 2008).

O fragmento de bordo deste tipo presente em Chibanes, evidencia fabrico característico da baía

gaditana, tendo sido recolhido nos níveis de abandono do compartimento C10, correspondendo à última fase romano-republicana (Estampa 4, n.º 46).

**T- 7.4.3.2. e 7.4.3.3. (Mañá C2B)** - As ânforas deste tipo caracterizam-se por um amplo bocal virado para o exterior, com complexos lábios moldurados. Esta singular morfologia é aliás pertinentemente descrita nos inícios do século XX por Marques da Costa tendo em conta os exemplares por ele exumados em Chibanes: “a boca e parte do colo em forma de pavilhão de corneta” (Costa, 1910, p. 65). O corpo evidencia uma morfologia cilíndrica com cerca de um metro de altura, terminando num bico, normalmente oco, muito pronunciado. As asas são anelares, de secção circular ou ovoide, arrancando da zona de transição entre o corpo e o colo (Ramon Torres, 1995; Garcia Vargas, 1998; Sáez Romero *et al.*, 2016).

Este modelo rompe com a tradição morfológica dos contentores do sul peninsular de tradição fenício-púnica, reproduzindo diretamente o modelo das ânforas cartaginesas do Tipo 7.4.3.1. (Garcia Vargas, 1998, p. 66). Ramon Torres reviu o estado da questão acerca da problemática da definição tipológica das ânforas Mañá C, no âmbito do seu estudo das ânforas fenício-púnicas do Mediterrâneo central e ocidental, tendo incluído no seu Grupo 7, subtipos 7.4.3.2. e Tipo 7.4.3.3., os modelos ocidentais deste contentor, conhecidos por Mañá C2b (Ramon Torres, 1995).

Os contentores do **Tipo 7.4.3.2.-7.4.3.3. (Mañá C2B)**, durante muito tempo considerados como uma produção africana “neo-púnica”, encontra, no ocidente hispânico, concretamente na área da baía de Cádiz (Cádiz, Puerto Real, Puerto de Santa Maria e *Campiña*), um dos maiores focos produtores conhecidos, tal como nos tem vindo a demonstrar a investigação desenvolvida nas duas últimas décadas (Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1988; Lagóstena Barrios, 1996a; Lagóstena Barrios, 1996b; García Vargas, 1998; Montero Fernández *et al.*, 2004, p. 418, 420-421; Bernal Casasola e Lagóstena Barrios 2004, p. 86-88, figs. 71-73; Sáez Romero, 2008a; Sáez Romero *et al.*, 2016; Bernal Casasola *et al.*, 2019).

No que diz respeito à sua cronologia, esta é normalmente compreendida entre o último terço do século II a.C. e a mudança da Era (Sáez Romero, 2008b; García Vargas e Sáez Romero, 2019). Contudo, dados contextuais de centros de consumo na fachada atlântica permitem comprovar o início da sua importação para o Ocidente ainda no terceiro quartel do século II a.C. (Pimenta, 2005 e 2007).

Relativamente ao seu conteúdo(s), é consensual o uso das ânforas desta forma para o transporte de

preparados piscícolas, quer, com base no amplo diâmetro dos seus bocais quer com base na antiga descoberta de *tituli picti* pintados sobre ânforas deste tipo provenientes da Fossa *Aggeris* e do Castro Pretório, em Roma (C.I.L. 4762 e C.I.L., XV, 4730) (Sáez Romero, 2008b). A aduzir a esta leitura devemos ter presente os dados recentes da análise de conteúdos efetuada em diversos exemplares de *Baelo Claudia*, provenientes de um contexto bem datado de finais do século II a.C., que atestaram a presença de *salsamenta*, composta por troços de atum em salga (Bernal Casasola *et al.*, 2007), assim como a associação de diversos exemplares desta morfologia a fábricas de salga, em Kuass, no Cerro del Mar e em diversas intervenções na cidade de Cádiz (Lagóstena Barrios, 2001). Contudo, tendo em conta um exemplar encontrado intacto no naufrágio A de Dramont (Saint Raphael), contendo restos de azeitonas e um ramo de oliveira, e a recente publicação de um *titulus pictus* sobre uma ânfora deste tipo proveniente de Mesas de Asta (García Vargas, 1998, p. 68, fig. 79 D) em que é mencionado um conteúdo vinícola, leva a que se questione a entidade de um só conteúdo para estes contentores.

Este tipo goza de uma ampla difusão comercial por todo o sul peninsular, costa marroquina, penetrando pelo Mediterrâneo e encontrando-se documentado na Península Itálica (Sáez Romero *et al.*, 2016). Na fachada atlântica, a sua difusão é ampla desde a Galiza (González Ruibal, 2006) ao Algarve (Filipe, 2018), documentando de forma clara o papel do porto de Gades no apoio ao processo de conquista romana do extremo ocidente peninsular.

O panorama da distribuição das ânforas deste tipo no território atual Português, apresentado recentemente (Filipe, 2018), permite observar a ampla distribuição desta forma e testemunhar os principais ritmos da sua comercialização. Apresenta uma larga difusão litoral, desde o vale do Guadiana ao vale do Rio Mondego, com algumas penetrações para o interior acompanhando as principais vias de entrada naturais. A concentração que a sua distribuição apresenta no vale do Tejo e Baixo Sado não deixa de ser expressiva, explicitando o papel que o grande centro portuário da foz do Tejo deve ter assumido na sua distribuição. Não posso deixar de salientar que o número de ânforas deste tipo identificado no Baixo Tejo, nomeadamente na Alcáçova de Santarém (Arruda e Almeida, 1998; Arruda, Viegas e Bargão, 2005), Chões de Alompé (Diogo e Trindade, 1993-94; Pimenta e Arruda, 2014) e Lisboa (Pimenta, 2007; Filipe, 2018), apresenta uma representatividade que apenas encontra paralelos no extremo ocidente peninsular na distribuição das

ânforas vinárias itálicas.

Entre o conjunto de ânforas recolhidas em Chibanes, este tipo encontra-se documentado por 171 fragmentos classificáveis após colagens exaustivas, correspondendo a um NMI de 72, o que equivale a 86,7% das ânforas provenientes da Costa Sudoeste da *Ulterior* e a 20% do total da amostra exumada naquele sítio nas diversas campanhas iniciadas em 1996 (Estampas 5 a 9). Destaca-se a presença de diversos exemplares que permitiram reconstituição parcial ou integral (Estampas 5 e 6).

A análise macroscópica das pastas dos exemplares de Chibanes permitiu individualizar dois grupos de fabrico distintos:

Grupo 1 – Caracteriza-se por uma pasta compacta, arenosa e bem depurada. A cor é amarelo-rosado (Mun. 5YR 7/6). Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, constituídos essencialmente por pequenos grãos de calcite, pequenos quartzos dispersos, alguns dos quais rolados, grãos carbonatados, elementos de cerâmica cozida, bem calibrada, e vacúolos alongados. As superfícies apresentam-se alisadas, evidenciando uma tonalidade que varia entre o amarelado avermelhado (Mun. 10YR 8/3) e o amarelo-claro (Mun. 10YR 8/4).

Grupo 2 - Caracteriza-se por uma pasta arenosa dura e bem depurada. A cor varia entre o bege (Mun. 2,5YR 8/4), bege-rosado (Mun. 7,5YR 8/4) e o bege-esverdeado (Mun. 5Y 8/1). Os elementos não plásticos são pouco abundantes, de pequena e média dimensão, bem distribuídos, e constituídos essencialmente por quartzos rolados, grãos ferruginosos, elementos de argila cozida e grãos carbonatados dispersos. As superfícies apresentam a tonalidade da pasta, e foram alisadas.

Podemos identificar o nosso Grupo 1 com o Grupo UA 16 de Mateo Corredor e o nosso Grupo 2 com o UA 17-18 do mesmo investigador, ambos com proveniência na baía gaditana (Mateo Corredor, 2014, p. 1079-1113).

A análise do conjunto de ânforas Mañá C2b/T-7.4.3.2.-7.4.3.3. de Chibanes merece ainda um comentário final. A sua ampla expressividade em ambas as fases romano-republicanas do sítio: 72 NMI, correspondendo a 19,2 % do total da amostra. Esta leitura é significativa e pode ter uma explicação de índole cronológica, visto que detemos um registo claramente similar no vale do Tejo para sítios como Chões de Alpompé (Pimenta e Arruda, 2014); Santarém (Arruda e Almeida, 1998) ou Lisboa (Pimenta, 2007; Filipe, 2018). Na alcáçova de Santarém, onde dispomos de dados contextuais mais consistentes, as ânforas Mañá C2b / T-7.4.3.2-T-7.4.3.3, são mesmo um dos tipos

dominantes no registo arqueológico, sendo, segundo os autores que estudaram o sítio, o contentor por excelência destinado à comercialização dos preparados piscícolas aí recebidos durante o segundo e o terceiro quartéis do século I a.C., sendo que o volume de comercialização destas apenas é equiparável ao alcançado de perto pelo da importação das ânforas vinárias itálicas (Arruda e Almeida, 1998; Arruda e Viegas, 2014, p. 247-249).

Não deixa de ser pertinente referir que uma leitura contrária foi registada para dois sítios tardo republicanos no vale do Tejo, o Alto dos Cacos, Almeirim e o Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira (Almeida e Pimenta, 2018; Pimenta, no prelo), sobressaindo aí a pouca expressividade dos contentores Mañá C2b no conjunto das importações. Em ambos as estações essa leitura tem vindo a ser interpretada como uma especificidade que se prende com uma cronologia centrada já na segunda metade do século I a.C., mas igualmente por questões de abastecimento. Tendo em conta esta leitura, é pertinente recordar os dados arqueológicos referentes à distribuição dos modelos anfóricos da segunda metade do século I a.C. da Baía Gaditana, que levaram a sustentar a hipótese de existirem distintos mercados e canais de distribuição para as Dressel 1C e Mañá C2b / T-7.4.3.2-T-7.4.3. e para os modelos ovóides (García Vargas e Sáez Romero, 2019, p. 113).

Devemos ainda reter ao facto de nas camadas superiores, correspondentes à 2ª fase da ocupação romano-republicana (Chibanes IIIB) a frequência da forma Mañá C2b ronda os 40%, enquanto em Chibanes IIIA é de ca. 12%.

**DRESSEL 1 (COSTA DA ULTERIOR)** - A existência de uma produção provincial, hispânica, reproduzindo os típicos modelos das ânforas vinárias itálicas da forma 1 de Dressel na costa da *Ulterior*, nomeadamente na baía de Cádiz e de Algeciras, assim como, no baixo vale do Guadalquivir encontra-se bem documentada (García Vargas *et al.*, 2016). Este fenómeno de reprodução dos protótipos itálicos deve ser considerado como um primeiro momento do longo processo de “romanização” dos contentores de transporte dos produtos agrícolas e de derivados marinhos que ocorre na *Hispania* durante a época tardo-republicana. Este fenómeno ocorre em áreas com uma tradição já secular de produção de ânforas, podendo estas imitações ter procurado tirar partido do amplo sucesso do vinho itálico e da “imagem de marca” dos seus contentores (Fabião, 1998, p. 178). Porém não é de excluir estarmos perante uma produção relacionada com necessidades de abastecimentos locais dos contingentes militares itálicos em campanha. A presença

das primeiras importações de Dressel 1 de produção da Costa Sudoeste da *Ulterior*, nomeadamente da Baía Gaditana, encontra-se bem documentada em Lisboa, em contextos do terceiro quartel do século II a.C., surgindo estas a par dos modelos greco-italicos com a mesma proveniência (Pimenta, 2005).

Desde as primeiras descobertas destes modelos, levantou-se a questão em torno dos conteúdos que estes contentores transportariam. A escavação de uma área fabril da cidade de *Baelo Claudia*, com relevantes contextos tardo republicanos veio esclarecer essa questão. Aí, em um nível bem datado de finais do século II a.C., identificaram-se ânforas completas deste tipo, que permitiram as primeiras evidências de paleoconteúdos: utilização das ânforas Dressel 1 da Costa da *Ulterior* no transporte de conservas piscícolas (Bernal Casasola *et al.*, 2003).

Ainda que disponhamos de poucos dados para aferir a real importância da comercialização destes modelos provinciais de Dressel 1, a presença de exemplares em sítios interiores, como por exemplo La Loba- Córdoba (Benquet e Olmer, 2002) e Cerro de la Atalaya – Jaén (Barba Colmenero *et al.*, 2016) e em locais do território atualmente português como Lisboa (Filipe, 2018), Monte dos Castelinhos (Pimenta, no prelo), Santarém (Arruda e Almeida, 1999, p. 715), Chões de Alpompe (Pimenta e Arruda, 2014), Mesas do Castelinho (Fabião e Guerra, 1994, p. 280, fig. 7, n.º 3), Monte Molião – Lagos (Sousa, Alves e Pereira, 2016), Faro (Viegas, 2011) e Castro Marim (Viegas, 2011), levam a que se reavalie a importância da sua produção e comercialização.

Em Chibanes foi apenas possível classificar 2 fragmentos de asa desta forma com pastas do Grupo 1 correspondendo a 1 NMI e a 0,3% da totalidade do conjunto exumado (Estampa 4, n.º 47). Esta forma encontra-se apenas atestada na fase Chibanes IIIB.

**OVOIDE GADITANA** - Para além de um característico corpo ovoide, e fundos curtos e ocós, as ânforas integráveis neste tipo apresentam bordos maciços e curtos (tal como os seus colos e fundos), mas com indícios de um desenho ligeiramente aberto para o exterior, antecedendo os perfis mais moldurados que surgirão com as morfologias dos tipos 7-11 de Dressel (García Vargas e López Rosendo, 2008).

A forma que tem vindo a ser designada como “ovoide gaditana”, encontra-se definida há já mais de duas décadas (García Vargas, 1996). Contudo, a raridade de exemplares bem preservados e da sua associação a contextos cronológicos seguros, tem impedido uma caracterização mais precisa deste tipo, apesar das últimas tentativas feitas nessa direção (García Vargas,

1998; García Vargas, Almeida, e González Cesteros, 2011; García Vargas e Sáez Romero, 2019).

Este modelo insere-se no primeiro “grupo” de ânforas de tipologia romana “*com personalidade própria*” da costa da *Ulterior*, surgido na primeira metade do século I a.C. e com maior visibilidade a partir do segundo quartel dessa centúria. A sua produção na área da baía gaditana é hoje uma realidade bem documentada, sendo conhecida em várias olarias, a maior parte resultante de prospeção (Lagóstena Barrios, 1996a; Lagóstena Barrios, 1996b; García Vargas 1998), recorrentemente associadas a reproduções de tipos itálicos Dressel 1C e outras formas hispânicas romanizadas como as Dressel 12 e Ovoide 1 Gaditana.

A sua difusão peninsular ainda é mal conhecida, pelo que são muitas vezes confundidas com os exemplares da família das Dressel 7/11. No território português são poucos os dados sobre a sua presença (para uma análise recente da sua dispersão ver Filipe, 2018, p. 268-269), encontrando-se presente normalmente em sítios com cariz militar ou militarizados, em contextos do segundo terço do século I a.C. Destacam-se os dados disponíveis para Santarém (Arruda, Viegas e Bargão, 2005), Alto dos Cacos (Almeida e Pimenta, 2018), Monte dos Castelinhos (Pimenta, no prelo), o Castelo da Lousa (Morais, 2010), a Rocha da Mina (Mataloto, Williams e Roque, 2016) e as Mesas do Castelinho (Parreira, 2009).

Em Chibanes foi apenas possível classificar 1 bordo e 2 fragmentos de asa de ânfora desta forma com pastas do Grupo 1 correspondendo a 1 NMI, 0,3% da totalidade do conjunto exumado (Estampa 4, n.º 48 a 50). Apesar de recentemente ter sido produzido uma interessante proposta de tipologia para estes modelos ovóides de produção gaditana (García Vargas e Sáez Romero, 2019), o estado de fragmentação do material recolhido em Chibanes impede uma análise mais fina. Esta forma encontra-se representada na Fase IIIB.

## 6 . Ânforas da *Ulterior*/ Vale do Guadalquivir

As produções ovóides tardo-republicanas do Guadalquivir encontram-se ausentes da primeira fase romano-republicana de Chibanes, Fase IIIA, encontrando-se apenas atestada na fase IIIB, sendo, mesmo assim, pouco expressivas (2% do total de NMI). Esta parca representatividade ganha maior evidência se a compararmos com a representatividade das produções do Guadalquivir em sítios do vale do Tejo como a Alcáçova de Santarém (Almeida, 2008) o Alto dos

Cacos (Almeida e Pimenta, 2018), ou o Monte dos Castelinhos (Pimenta, no prelo). Esta leitura encontra-se de acordo com a proposta de cronologia para a fase de abandono de Chibanes, sendo importante reter que os contentores ovoides do Guadalquivir têm vindo a ser interpretados como fazendo parte integrante da rede de produtos/abastecimento destinada aos destacamentos militares, iniciando-se a sua difusão no pretorado de César na *Ulterior*, mas que se acentua de forma marcada ao longo da segunda metade do século I a.C. (Almeida, 2008, p. 282).

**OVOIDE 1 GUADALQUIVIR** - Estas ânforas possuem bordo amendoado, ovalado ou em fita, sendo a ligação ao colo marcada por uma moldura ou ressalto muito saliente, que constitui um dos elementos caracterizadores deste tipo. O colo é curto de perfil cilíndrico ou bitroncocónico, do qual arrancam duas asas pequenas com estrias. O corpo é ovoide terminando num fundo pouco destacado que pode ser oco ou maciço (Fabião, 1989).

Este tipo é o modelo ovoide do Guadalquivir melhor caracterizado, sendo o mais reconhecido e um dos mais antigos dentro da “família” de contentores desta região (González Cesteros, Almeida e García Vargas, 2016). Individualizado como tipo autónomo com o estudo monográfico sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil), foi então denominado como Classe 67 (Fabião, 1989, p. 65-73). A consequente identificação de exemplares e paralelos em outros contextos e círculos, peninsulares e mediterrânicos, provocou um amplo e rápido estímulo graças em grande parte aos estudos de J. Molina Vidal (1995, 1997), consolidando-se como tipo específico, designando-o como Lomba do Canho 67. O estudo dos contextos tardo republicanos de Santarém, nomeadamente da monografia em torno das ânforas do vale do Guadalquivir, sistematizou a investigação acerca destes contentores, propondo uma origem formal destes em formas apulas Baldacci 1C, bem como noutros tipos médio-adriáticos do Piceno, datados entre os finais do século II e 30 a.C. (Almeida, 2008, p. 70). Este trabalho introduziu a designação de *Tipo Ovoide 1*, na lógica de uma sistematização de carácter regional das ânforas do baixo-Guadalquivir (Almeida, 2008; Almeida, 2010).

Uma das questões ainda em aberto acerca deste tipo é a do seu conteúdo. Num primeiro momento foi proposto o transporte de conteúdos piscícolas (Fabião, 1989, p. 66-68), seguindo-se a de um carácter polivalente (Fabião, 2001, p. 673). Se em relação à produção desta morfologia nas olarias da costa da *Ulterior*, a forma dos seus bordos mais aberta incita a pensar num contentor para preparados piscícolas, para as produções do

Guadalquivir, o azeite ou o vinho, mas sobretudo o primeiro, foram avançados como hipotéticos conteúdos (García Vargas, Almeida e González Cesteros 2011, p. 214-216). A própria morfologia destas ânforas, de similitudes evidentes com as ânforas itálicas meridionais e médio-adriáticas, faz pensar no azeite, um produto abundante no vale do Guadalquivir, de cuja exportação esta ânfora poderia ter constituído um primeiro contentor (Almeida, 2008, p. 194-195 e p. 287; García Vargas, Almeida e González Cesteros, 2011, p. 214).

No que diz respeito à sua cronologia, está enquadrada entre o início do segundo quartel e o início do último quartel do século I a.C. (González Cesteros, Almeida e García Vargas, 2016; García Vargas *et al.*, 2019), momento em que se observa o seu rápido desaparecimento nos sítios de consumo. O período de máxima difusão comercial situa-se no terceiro quartel do século I a.C., tal como se pode deduzir da sua exportação na Península Ibérica (Almeida, 2008, p. 82).

Os dados disponíveis para a Península Ibérica confirmam uma importante difusão do tipo Ovoide 1 entre 60-20 a.C., desde a *Ulterior* ocidental ao quadrante noroeste da Citerior, com especial profusão desde a bacia do Guadiana à *Gallaecia*, em destinos com clara natureza militar ou em contextos civis militarizados, sem que sejam muitos os sítios que revelem importações deste tipo em número significativo (Almeida, 2008; Filipe, 2018, p. 271-272). Fora da Península Ibérica a sua difusão é ampla, alcançando as margens do Mediterrâneo, especialmente a França (Fréjus), a Ligúria e a costa italiana tirrénica (Almeida, 2008, p. 72-76).

Entre os vários tipos de ânforas ovoides produzidos no vale do Guadalquivir, encontram-se representados em Chibanes apenas as ânforas do tipo Ovoide 1, também denominadas Classe 67, Lomba do Canho 67. O seu número ascende a 13 fragmentos classificáveis, correspondendo a um NMI de 5 indivíduos, 1,3% do total (Estampa 10).

## 7. Ânforas da *Citerior*/ Ilha de Ibiza

Ainda que a presença de importações atestando a existência de relações comerciais entre o ocidente peninsular e as ilhas Baleares esteja documentada para cronologias pré-romanas, nomeadamente por um exemplar proveniente de Mértola, classificado como T-8.1.3.1. (Hourcade, Lopes e Labarthe, 2003, p. 199), e por um outro da Foz do rio Arade, enquadrado pelos autores no tipo PE 13 (T-1.3.2.3.) (Alves, Diogo e Cardoso, 2001, fig. 2, nº 4), os dados são assinalavelmente escassos, quer para o período sidérico, quer para o período romano republicano (Filipe, 2018, p. 293).

**T- 8.1.3.2. (PE 17)** - Este tipo de ânfora caracteriza-se por um alto e singular corpo bicónico com cerca de um metro e catorze, a um metro e dezassete de altura, terminando num fundo oco. A sua superfície externa é pautada por caneluras que lhe conferem um aspeto próprio, estando estas marcadas desde a zona das asas ao fundo. O bordo é vertical e inclinado, com o lábio arredondado na parte superior, destacando-se do colo por um ressalto. As asas arrancam a meio de um extenso colo, sendo em forma de anel completamente circular (Ramón Torres, 1991, p. 110-111; Ramón Torres, 1995, p. 224).

Os contentores do T-8.1.3.2./PE 17 foram produzidos na ilha de Ibiza ao longo de todo o século II a.C. até meados do século I a.C., encontrando-se bem atestados em contextos peninsulares datados do período Sertoriano (Ramón Torres, 2016; Ribera i Lacomba, 2014). Destinar-se-iam ao transporte e exportação do afamado vinho ebusitano e, estando este conteúdo documentado pela presença de vestígios de revestimento resinoso no seu interior, pela presença de grainhas de uva em algumas ânforas deste tipo no naufrágio junto à Ilha de Conills, nas Baleares. Podendo acrescentar-se a esta interpretação a existência de algumas marcas sobre as asas que se inspiram nas ânforas ródias (Ramón Torres, 1995, p. 265).

As ânforas desta forma correspondem a um modelo de sucesso das produções púnico-ebusitanas, com ampla presença em todo o sudeste da Península Ibérica, mas igualmente no Norte de África argelino e marroquino, alcançando uma ampla difusão pelo mediterrâneo, estando presentes no sul da península itálica, por exemplo em Pompeia (Mateo Corredor, 2016). No território atual português a sua presença é rara, encontrando-se apenas atestado por um exemplar proveniente do Castelo de São Jorge, Lisboa, (Pimenta, 2005; Filipe, 2018).

O exemplar de Chibanes afigura-se assim como de grande interesse, por inserir-se num contexto pouco usual de importação de produtos baleares para o extremo ocidente (Estampa 4, n.º 39). O fragmento de bocal, CHIB 03/1863 é proveniente da camada superficial. Evidencia uma pasta homogénea, contudo não isenta de porosidades, revelando uma cozedura forte. Os elementos não plásticos são escassos e de pequena dimensão, identificando-se elementos de cal, e pequenos grãos ferruginosos, de caliça assim como a presença de micas prateadas finas (moscovites). A tonalidade é castanha muito clara (5 YR 6/6). Similar ao Grupo UA8 definido por Mateo Corredor (2014, p. 1041).

## 8. Ânforas da *Ulterior* Ocidental/ Lusitânia

A existência de uma produção de ânforas de tipologia pré-romana no vale do Tejo foi inicialmente proposta com base nos dados das escavações da Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000), sendo esta tese reforçada com o estudo do conjunto anfórico republicano do Castelo de São Jorge, em Lisboa (Pimenta, 2005) e consolidada para a Idade do Ferro com o estudo monográfico das escavações arqueológicas realizadas na Rua dos Correiros, em Lisboa (Sousa, 2014).

De facto, com o estudo da estratigrafia e das associações materiais associadas aos primeiros momentos da presença romana em *Olisipo*, constatou-se que a par dos inúmeros contentores de proveniência exógena coexistiam algumas ânforas de morfologia indígena, herdeiras de uma longa tradição do mundo fenício-púnico e que evidenciavam pastas características do vale do Tejo. A análise quantitativa permitia verificar que a sua representatividade era significativa, rondando os 11% do material em contextos, ainda que não ultrapassando os 5% do conjunto exumado, tendo em conta a totalidade do material recolhido (Pimenta, 2005). Os contentores que se inseriam nesta tipologia pareciam circunscrever-se morfologicamente a formas evolucionadas afins ao Tipo D de Pellicer e ao Tipo Mañá A4, datáveis já de cronologia romano-republicana.

O estudo monográfico, sobre a ocupação pré-romana da Rua dos Correiros em Lisboa permitiu constatar que a produção anfórica da foz do estuário do Tejo era mais complexa do que se admitia até então, e que tinha raízes mais recuadas na segunda metade do primeiro milénio a.C. (Sousa, 2014).

O crescimento dos dados disponíveis acerca do povoamento da Idade do Ferro no baixo vale do Tejo, tendo por base extensos trabalhos de prospeções e escavações arqueológicas, veio aumentar e complexificar os dados sobre as produções anfóricas da Idade do Ferro (Pimenta e Mendes, 2008 e 2010-2011; Arruda *et al.*, 2014 e 2017a,b; Olaio, 2018)

Considerando o aumento significativo da informação existente, foi desenvolvida recentemente uma proposta tipológica autónoma para as produções regionais de ânforas pré-romanas do estuário do Tejo, estruturada em sete tipos distintos que se mantêm de forma clara até ao período romano republicano (Sousa e Pimenta, 2014). Esta proposta, de uma produção regional, tem vindo a comprovar-se e consolidar-se com dados de análises arqueométricas, realizadas por duas equipas independentes e que vieram dar razão à tese proposta (García Fernández, 2019; Sousa *et al.*,



2020; Moreno Megías *et al.*, 2020).

Em concreto, os estudos dos conjuntos artefactuais da Idade do Ferro, nesta região, tentaram durante muito tempo enquadrar as morfologias de ânforas aqui recolhidas com base nas tipologias propostas para o Mediterrâneo central e para o sul peninsular, (Ramón Torres, 1995). Esta relação, muitas vezes forçada, deu azo à identificação de tipos infrequentes entre os conjuntos da região que dificilmente se podia interpretar de forma coerente, tendo em conta as redes de circulação e de distribuição destes contentores (Sousa, 2014). A maior parte destas classificações tinham por base as similitudes morfológicas dos modelos e ignoravam outros aspetos relevantes, como a escala dos recipientes e acima de tudo as características macroscópicas das suas pastas.

A recente reavaliação e estudo dos conjuntos exumados em diversos pontos do vale do Tejo, tem permitido constatar que a maioria das ânforas da Idade do Ferro aqui recolhidas correspondem a produções regionais (Sousa, 2017). Embora se reconheça que estas denotam certas características morfológicas comuns aos tipos da área mediterrânica e nomeadamente da área do mundo Turdetano ou da Baía Gaditana (Tipos Mañá Pascual A4; Tiñosa, B/C e D de Pellicer), tal não parece resultar de fortes e constantes contactos supra regionais. De facto, as importações destas macrorregiões ao longo da Idade do Ferro são assaz escassas (Sousa *et al.*, 2020; García Fernández, 2019). Pode-se porém encontrar explicação para essas semelhanças com a existência de linhas evolutivas similares partindo dos mesmos modelos do mundo fenício, especificamente das ânforas do T. 10.1.2.1. (Sousa, Pimenta e Arruda, no prelo).

A produção anfórica no Baixo-Tejo começa em momentos relativamente antigos da Idade do Ferro, pelo menos desde o século VII e encontra-se provavelmente relacionada com a fixação de grupos fenício-ocidentais na região. Em concreto, a primeira morfologia fabricada (Tipo 1 do estuário do Tejo) reproduz os modelos existentes no sul peninsular: os Tipos 10.1.1.1 e 10.1.2.1 de Ramón Torres (1995). Contudo, desde estas primeiras produções, os modelos centro atlânticos exibem algumas características distintas, em concreto o amplo diâmetro dos seus bocais, característica essa que será definidora dos modelos anfóricos mais tardios.

Apesar da proposta tipológica para as produções anfóricas pré-romanas do extremo ocidente peninsular se centrar no Baixo-Tejo, desde cedo deixou-se bem claro que a mesma se deveria estender ao vale do Sado (Sousa e Pimenta, 2014, p. 314). Contudo a

escassez de dados disponíveis, impede de momento de percebermos se teremos ou não um quadro evolutivo similar. Apesar de nunca se ter publicado de forma esclarecedora, existem indícios de se terem detetado vestígios de um forno que teria produzido ânforas afins à forma Mañá-Pascual A4 na área urbana de Alcácer do Sal (Diogo e Faria, 1990). A existência desta estrutura produtiva foi apresentada por A. D. Diogo, em 1990, nas IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, mas infelizmente não publicada nas respetivas actas (Diogo *et al.*, 1990). Alguns dados provenientes de escavações no antigo povoado de Alcácer do Sal vêm igualmente atestar a existência de produções anfóricas de tipologia pré-romana de cariz regional. É o caso dos dados da Travessa do Rato, onde foram identificados fabricos de produção sadina (Sousa e Pimenta, 2014) e os dados da área do Castelo. Em concreto, na análise que se pode fazer de um vasto conjunto de ânforas recolhido na área do Castelo de Alcácer do Sal, identificou-se um fragmento de bocal e três asas que evidenciam pastas idênticas às ora identificadas em Chibanes (Pimenta, Sepúlveda e Ferreira, 2015). Tendo em conta a morfologia do bocal aí recuperado foi proposto uma classificação deste modelo como uma Mañá Pascual A4 evolucionada.

Ainda para a região da península de Setúbal, os dados da escavação da Lapa do Fumo, Sesimbra, recentemente reavaliados (Arruda e Cardoso, 2013), vieram trazer a público algumas ânforas de produção regional bem preservadas, evidenciando alguns dos exemplares grande semelhança com os materiais encontrados no povoado de Chibanes.

Por outro lado, na cidade de Lisboa, quer na área do Castelo quer na Baixa Pombalina, conhecem-se algumas evidências que permitem sustentar a produção cerâmica, nomeadamente de ânforas (Sousa, 2014; Antunes, Oliveira e Manso, 2020). Contudo, estas evidências reportam-se a meados do século V e ao IV a.C. Para a fase a que nos reportamos, os dados são assaz escassos, sendo as evidências de olarias romanas apenas conhecidas a partir, de meados do século I d.C., acompanhando aliás o emergir das indústrias de preparados piscícolas na foz do rio (Raposo, 2017).

Entre as produções de Chibanes que se enquadram na tipologia pré-romana ou de tradição do vale do Tejo/Sado, identificámos 544 fragmentos classificáveis, tendo-se identificado dois grupos de pastas provavelmente de proveniência regional. Esperamos em breve podermos deter de forma mais circunstanciada sobre estes grupos de fabrico com um quadro mais vasto de análises comparativas que nos elucidem

sobre a sua real proveniência. Neste momento, e tendo em conta os paralelismos com a bem conhecida produção de ânforas da Época Romana Alto-Imperial, mas também com o fabrico destes contentores em Época Tardo-republicana, o qual se encontra bem atestado em Lisboa (Pimenta, 2005) e no sítio de Monte dos Castelinhos, em Vila Franca de Xira (Pimenta, 2017), apenas se aponta a hipótese do seu cariz regional.

Grupo 1 – Caracteriza-se por uma pasta compacta, bem depurada de fratura regular. A cor varia entre o castanho avermelhado (Mun. 10YR 7/4) e os alaranjados (Mun. 5 YR 6/6). Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, constituídos essencialmente por moscovites de pequena dimensão, raros elementos de biotites, abundantes calcites, quartzos rolados, elementos de cerâmica cozida e vacúolos alongados. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta ou com vestígios de uma aguada de tom acastanhado. Este grupo encontra-se documentado por 320 fragmentos, correspondendo a 59% das ânforas da *Ulterior/Lusitânia*.

Grupo 2 – Pasta medianamente compacta, pouco depurada e ligeiramente porosa. A tonalidade varia entre o laranja (Mun. 2.5YR 5/3) e o rosa (Mun. 2.5YR 5/4). Os elementos não plásticos são abundantes e bem distribuídos, constituídos essencialmente por moscovite, abundantes calcites, quartzos rolados, elementos de cerâmica cozida, elementos ferruginosos e vacúolos alongados. As superfícies apresentam-se alisadas do tom da pasta ou com vestígios de uma aguada de tom avermelhado. Este grupo encontra-se documentado por 224 fragmentos, correspondendo a 41% das ânforas da *Ulterior/Lusitânia*.

Estão presentes exemplares que morfologicamente se inserem nos Tipo 3, 4, 6 e 7 das produções pré-romanas do estuário do Tejo/Sado (Sousa e Pimenta, 2014). Porém, outros modelos de ânfora encontram-se atestados, evidenciando algumas características específicas, que não estão representados nesta proposta tipológica. No atual estado dos nossos conhecimentos sobre estes contentores, opta-se por isolar estas formas atribuindo-lhes um novo número, sequencial à proposta de Sousa e Pimenta, 2014.

**O tipo 3** – corresponde a ânforas de corpo ovalado, com bordo alto, de tendencial vertical na sua superfície externa, e bastante engrossado internamente, estando bem separado da parede (Sousa e Pimenta, 2014, p. 306). Apresentam diâmetros de bordo bastante amplos, variando entre os 15 e os 17 mm. Até ao momento, todos os exemplares que integram este tipo formal exibiam perfis pouco conservados, não

possibilitando acrescentar outros detalhes formais ao nível das características do corpo das peças.

Esta morfologia encontra-se amplamente difundida ao longo do Estuário do Tejo, sendo identificada em Lisboa no alto da Colina do Castelo de São Jorge (Sousa, 2014, p. 95), na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000), na Casa dos Bicos (Pimenta, Sousa e Amaro 2015, p. 174), na Travessa do Chafariz d'El Rei (Filipe, Calado e Leitão, 2014), na Rua do Recolhimento/Beco do Leão (Sousa e Pinto, 2016) e na Rua da Madalena (Sousa, Sarrazola e Simão, 2016); em Almada, na Quinta do Almaraz onde se contabiliza cerca de uma centena de ânforas que podem integrar esta morfologia (Olaio, 2015, 2018); em Cascais, em Freiria (Cardoso e Encarnação, 2013); na Amadora, nos povoados de Moinho da Atalaia, Baútas, no Casal de Vila Chã Sul, e em Fiat-Alfragide (Sousa, 2014); em Oeiras, em Gamelas 3 (Cardoso e Tavares da Silva, 2012) e Leião (Cardoso *et al.*, 2010-2011); em Sintra, em Santa Eufémia e na Serra de Sintra (Sousa, 2014); em Cascais, no Espigão das Ruivas (Encarnação e Cardoso, 2017); no Cabeço Guião, no Cartaxo (Arruda *et al.*, 2017b); no Alto dos Cacos, Almeirim (Sousa *et al.*, 2016/2017); e no Alto do Castelo, Alpiarça (Arruda *et al.*, 2014).

O início da sua produção parece centrar-se em torno do séc. V a.C., dada a sua presença na Rua dos Correiros; o limite superior da sua cronologia tem vindo a ser situado num momento anterior a meados do séc. II a.C., uma vez que não incorporava os contextos de cronologia republicana conhecidos nesta área geográfica (Sousa e Pimenta, 2014, p. 306).

Os dados da estratigrafia de Chibanes acrescentam algumas novas contribuições a este panorama. Encontrando-se alguns exemplares que podemos atribuir a modelos deste tipo, em camadas da fase pré-romana do sítio, caso dos exemplares CHIB.99/177, CHIB.97/1004, CHIB.17/446 (Estampa 11, n.º 119, 121 e 125), mas na sua maioria deparamo-nos com exemplares relativamente bem preservados desta morfologia que nos surgem em níveis bem definidos, associados a ambas as fases romano-republicanas, Fases IIIA e IIIB (Estampa 11, n.º 120, 122 a 124, 126 e 127). Destaca-se, entre as ânforas deste Tipo 3, um exemplar fragmentado *in situ*, exumado no interior do compartimento D3, correspondendo à primeira fase romana republicana de Chibanes (CHIB.17/633). Individualiza-se como uma ânfora de bordo alto, de tendencial vertical na sua superfície externa e lábio arredondado. O colo é troncocónico evoluindo suavemente para um corpo cilíndrico, com cerca de 65 centímetros de altura. Da zona de transição para o

corpo, arrancam duas asas de rolo de secção circular, bem destacadas. O fundo é cónico, não sendo claro se terminaria em botão ou com bico destacado, como alguns dos exemplares que apresentamos na Estampa 12, visto que se encontra fragmentado. Este exemplar tem ainda a particularidade de preservar no seu interior e aderente à sua superfície restos do seu conteúdo. Estes elementos que ainda se encontram em estudo correspondem a restos de escamas de peixe, podendo, assim, ser indicativos de um provável conteúdo à base de pescado. Voltaremos mais à frente a esta questão.

As ânforas deste Tipo 3 de Chibanes merece-nos ainda um breve comentário. Encontram-se representadas por 15 exemplares, correspondendo a 13 NMI, a 1,8% da amostra e a 3,5% do total de NMI. Tendo em conta os dados de que dispomos sobre este tipo de ânforas, sua morfologia e difusão, os exemplares recolhidos em Chibanes parecem-nos modelos evoluídos desta forma que, apesar de aqui chegarem ainda na fase pré-romana, alcançam os últimos momentos da ocupação romano-republicana datada já do século I a.C.

**O tipo 4** - foi recentemente melhor definido a partir de um exemplar bem preservado proveniente do povoado do Cabeço Guião, Cartaxo (Arruda *et al.*, 2017b, p. 337, Fig. 15, n.º 1862). Trata-se de uma ânfora de grande dimensão, com cerca de 90 centímetros de altura e morfologia troncocónica. O bocal é vertical, curto e reentrante, sendo os lábios engrossados, podendo o espessamento localizar-se quer na área interna quer na área externa, apresentando um diâmetro amplo, compreendido entre os 12 e os 19 cm. O colo é alto e ovoide, encontrando-se demarcado do corpo por uma carena bem evidenciada de onde arrancam as asas de rolo. Estas são amplas e evidenciam uma característica depressão longitudinal. O fundo é cónico de tendência ogival.

Esta morfologia parece surgir ainda durante o séc. V a.C., dada a sua presença na Rua dos Correeiros, em Lisboa (Sousa, 2014). No entanto, estes exemplares mais antigos têm o ombro mais descaído, lembrando ainda, de certa forma, os tipos anfóricos do período orientalizante. A forma parece evoluir, nas centúrias seguintes, adquirindo o bordo e o ombro uma tendência cada vez mais horizontal. Com efeito, na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005), também em Lisboa, ânforas com estas características surgem em níveis datados em torno do séc. III a.C. e, no Castelo de São Jorge, encontram-se ainda associadas a materiais romanos da segunda metade do séc. II a.C. (Pimenta, Mota e Baptista, 2021).

Trata-se de uma forma bem conhecida no mundo da Idade do Ferro do Estuário do Tejo, estando identificada em Lisboa - Rua dos Correeiros (Sousa, 2014), Castelo de São Jorge, Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005), Almaraz (Olaio, 2015, 2018), na Amadora, em Moinho da Atalaia e Fiat.Alfragide (Sousa, 2014), no concelho de Sintra, em Santa Eufémia (Sousa, 2014) e no interior do estuário na Eira da Alorna e Alto do Castelo (Arruda *et al.*, 2014; Pimenta *et al.*, 2018).

Em Chibanes, as ânforas deste tipo encontram-se atestadas por 18 exemplares, correspondendo a 18 NMI, a 2,1% da amostra e a 4,8% do total de NMI. Os dados da estratigrafia de Chibanes vem aduzir alguns novos elementos a este panorama. Encontrando-se a maioria dos exemplares que podemos atribuir a modelos deste tipo em camadas associadas à fase pré-romana do sítio, caso dos exemplares CHIB.97/83, CHIB.97/1025, CHIB.15/639, CHIB.97/978, CHIB.97/270 e CHIB.97/1005 (Estampa 11, n.º 128, 129, 133, 134, 136 e 137), alguns exemplares surgem associados à primeira fase romano-republicana do sítio, Fase IIIA (Estampa 11, n.º 130, 131, 132, 135 e 138). Não sendo claro se estamos aqui perante material residual ou não. A análise do perfil dos bocais desta morfologia representados em Chibanes leva-nos a propor uma variante deste Tipo 4. Trata-se de bocais que se apresentam mais verticais e que evidenciam uma espécie de moldura na ligação entre o bordo e o arranque do colo (Estampa 11, n.º 134 a 138).

**O tipo 6** - corresponde a um característico modelo de ânfora com amplos bocais de tendência horizontal, desenvolvendo-se para corpos de morfologia globular. A sua produção inicia-se ainda durante o século V a.C. e alcança os níveis republicanos na cidade de Lisboa (Sousa e Pimenta, 2014). Estes modelos aproximam-se do tipo Pellicer D (Pellicer, 1978) ou do grupo 4.2.2.5 de Ramon Torres (1995), ainda que tendo em conta a cronologia dos exemplares da Rua dos Correeiros, os exemplares do vale do Tejo pareçam anteceder os seus congéneres do vale do Guadalquivir. Esta morfologia designada de Tipo 6 é muito variável em termos morfológicos, sendo evidente que carece de sistematização mais detalhada, que apenas o devir da investigação e o acumular de novos dados permitirá consolidar.

A sua presença no vale do Tejo encontra-se bem difundida desde Lisboa, Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005), São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005), Rua dos Correeiros (Sousa, 2014), Amadora, no sítio do Moinho da Atalaia (Sousa, 2014), Castanheira do Ribatejo (Pimenta, Mendes e

Madeira, 2010), Cabeço Guião (Arruda *et al.*, 2017b), Porto do Sabugueiro (Pimenta, Mendes, 2008; Sousa *et al.*, 2020), Eira da Alorna (Pimenta *et al.*, 2018), Alto dos Cacos (Sousa *et al.*, 2016/2017), Alto do Castelo (Arruda *et al.*, 2014), Alcáçova de Santarém (Bargão, 2014) e Chões de Alompé (Diogo, 1993).

Encontra-se documentada em Chibanes por uns expressivos 88 exemplares, correspondendo a 88 NMI, a 10,4% da amostra e a 23,5% do total de NMI. Os dados da periodização de Chibanes vêm consolidar a informação sobre estes modelos e em particular sobre a sua continuidade durante a fase romano-republicana. De facto, a maioria dos exemplares que podemos atribuir a modelos deste tipo proveio de camadas associadas às fases romano-republicanas, Fases IIIA e IIIB (Estampa 13, n.º 170, 172-178); contudo, três exemplares surgem associados a camadas do final da Idade do Ferro (Estampa 13, n.º 171, 179 e 180).

**O tipo 7** - do estuário do Tejo agrega ânforas de perfil superior troncocónico, tendo como característica distintiva o facto de o bordo ser praticamente indiferenciável da peça, sendo apenas evidenciado por um espessamento interno. O corpo é de tendência cónica, arrancando duas asas de rolo de secção circular bem destacadas. A sua morfologia remete para os modelos do Tipo T 8.1.1.2. (*Tiñosa*), onde se teriam inspirado.

O início da produção encontra-se bem datado de momentos finais da Idade do Ferro, como atestam os exemplares do Cabeço Guião, Cartaxo (Arruda *et al.*, 2017b, fig. 16, n.º 5139), os dados das escavações do Castelo de São Jorge em Lisboa e a informação de Chibanes. Contudo, tem vindo a ser reforçada a forte presença deste tipo de ânforas em contextos bem datados do terceiro quartel do século II a.C. associado assim, aos primeiros contactos com o mundo romano no vale do Tejo (Pimenta, 2005).

Estes modelos de ânfora pré-romana encontram-se amplamente disseminados pelo vale do Tejo: na zona de Cascais, surge em Vilares (Niuwendam e Santos, 2008), em Lisboa, no Castelo de São Jorge e em São João da Praça (Pimenta, 2005; Pimenta, Calado e Leitão, 2005), no Senhor da Boa Morte (Pimenta e Mendes, 2012), em Eira da Alorna (Pimenta *et al.*, 2018), e no Porto do Sabugueiro (Pimenta e Mendes, 2008; Sousa *et al.*, 2020).

Em Chibanes, encontra-se documentada por 26 exemplares, correspondendo a 26 NMI, a 3,1% da amostra e a 7% do total de NMI. Os dados de Chibanes permitem confirmar a origem pré-romana deste modelo de ânfora. De facto, a maioria dos bocais desta

forma foram recolhidos em níveis associados à fase pré-romana e a que se atribui uma cronologia centrada entre os séculos IV e III a.C. (Tavares da Silva e Soares, 2012), (Estampa 12, n.º 140 a 143, 152 a 158 e Estampa 13, n.º 162 a 165). Alguns exemplares, porém, surgem associadas às fases romano-republicanas do sítio, Fase IIIA e IIIB, (Estampa 12, n.º 144 e 145 e Estampa 13, n.º 160 e 161). Não sendo claro se estamos aqui perante material residual ou não. A análise do perfil dos bocais desta morfologia representados em Chibanes leva-nos a propor uma variante deste Tipo 7. Trata-se de um conjunto de bocais que se apresentam aplanados no seu topo, com um espessamento interno e circunscrevendo amplos diâmetros que chegam aos 20 centímetros (Estampa 12, n.º 140 a 146 e 155 e 156). No caso melhor preservado verifica-se que o corpo é mais globular que troncocónico (Estampa 12, n.º 146).

Como acima referimos, entre os materiais analisados, identificaram-se bocais de ânforas que não estão plasmados na proposta tipológica construída para estes modelos regionais e que se evidenciam por algumas características específicas. Opta-se assim por isolar estas formas atribuindo-lhes um novo número, sequencial à proposta de Sousa e Pimenta (2014).

**O tipo 8** – corresponde a um tipo de bocal de lábio destacado de perfil ovalado; o corpo é globular de colo praticamente inexistente (Estampa 14, n.º 181 a 189). Em um primeiro momento incluíram-se estes bocais como do tipo 3. Porém, numa análise mais atenta verificou-se estarmos perante um distinto tipo, que parece evoluir a partir dessas formas, mas que ganha aparentemente autonomia. De acordo com os dados da estratigrafia de Chibanes, estes modelos surgem na fase pré-romana e a que se atribui uma cronologia centrada entre os séculos IV e III a.C. (Tavares da Silva e Soares, 2012) (Estampa 14, n.º 181, 184 e 187), mas encontram-se particularmente bem atestados nas unidades associadas às fases romanas republicanas (Estampa 14, n.º 182, 183, 185, 186, 188 e 189). Encontra-se representada por 23 exemplares, correspondendo a 23 NMI, a 2,7% da amostra e a 6,1% do total de NMI.

**O tipo 9** – resulta da individualização de um numeroso conjunto de bocais, particularmente bem representados em Chibanes e que evidenciam uma marcante característica. Uma espécie de moldura ou canelura paralela ao bordo, na ligação entre este e o arranque do colo. Os bordos são verticais de perfil amendoado, ovalado, circunscrevendo diâmetros entre os 14 e os 18 centímetros. O corpo evidencia morfologia ovoide, não tendo sido até ao momento possível a reconstituição de nenhum exemplar.

Este tipo de bocais é raro ou encontra-se mesmo ausente entre os numerosos conjuntos de ânforas pré-romanas do estuário do Tejo, sendo apenas conhecido um exemplar idêntico, proveniente da alcáçova de Santarém (Bargão, 2014, Estampa 2, n.º 8) e alguns exemplares provenientes do Porto do Sabugueiro (Sousa *et al.*, 2020, fig. 9). De facto, no estudo das ânforas deste arqueossítio ribatejano, foi identificado um grupo interpretado como de produção local e circulação relativamente restrita, o Tipo 5 da proposta tipológica do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014). É com este modelo que mais se aproxima as ânforas que aqui agrupamos. Contudo, temos que sublinhar que os fabricos são distintos. Os dados disponíveis levam a que se proponha, pelo menos como hipótese de trabalho, que este Tipo 9 possa tratar-se de uma produção do vale do Sado, tendo em conta a sua representatividade nos contextos meridionais. É o caso dos exemplares publicados do sítio pré-romano do Castelo Velho, Santiago do Cacém (Soares, Tavares da Silva, 1979, Estampa II, n.º 8), assim como um fragmento presente no Pedrão, Setúbal, em contextos datados de meados do século I a.C. (Soares, Tavares da Silva, 1973, Estampa IV, n.º 34 e 35).

Tal como no tipo acima referido, os exemplares de Chibanes são provenientes de níveis associados à fase pré-romana e a que se atribui uma cronologia centrada entre os séculos IV e III a.C. (Tavares da Silva e Soares, 2012) (Estampa 14, n.º 190, 192 e 194), mas encontram-se particularmente bem atestados nas unidades associadas às fases romanas republicanas (Estampa 14, n.º 191, 193 a 200 e Estampa 15, n.º 201 a 207). Encontra-se representado por uns relevantes 75 exemplares, correspondendo a 72 NMI, a 8,9% da amostragem e a 19,3% do total de NMI.

Em relação às ânforas de tipologia pré-romana, importa ainda referir a presença de um numeroso conjunto de asas de rolo e de secção circular, 245 fragmentos, sendo estes na sua maioria de difícil atribuição a qualquer um dos grupos (Estampa 12, n.º 147 e Estampa 15, n.º 208 a 217). Sublinhe-se que os modelos de asa com depressão longitudinal e característicos dos ambientes da segunda metade do primeiro milénio na foz do Tejo, estão, em Chibanes, praticamente ausentes. Os fundos destas ânforas evidenciam igualmente alguma diversidade, sendo compostos apenas por um fundo ogival oco terminando em botão (Estampa 12, n.º 148 a 150), ou terminando num fundo cónico maciço ou em glande bem evidenciada (Estampa 12, n.º 151 e 159).

**Dressel 1 da *Ulterior Occidentalis*** - Um dos dados

mais inesperados da análise do conjunto de ânforas de Chibanes foi a descoberta de inúmeros fragmentos com fabricos similares aos modelos pré-romanos acima descritos de produção regional, mas que se inspiram claramente nas ânforas itálicas da forma 1 de Dressel (Estampa 16). Infelizmente, grande parte dos fragmentos que chegou até nós correspondem a fragmentos de parede, carenas e fundos, preservando-se apenas um elemento de bocal com arranque de asa. Começando por este. A sua morfologia remete para modelos evoluídos do tipo Dressel 1C. Contudo, o perfil do seu colo faz supor um modelo mais ovoide (Estampa 16, n.º 218). Os fragmentos de parede permitem reconstituir dois tipos. Um mais vertical e cilíndrico que se coaduna com os modelos do tipo Dressel 1 (Estampa 16, n.º 219). E outro de morfologia mais ovoide, com uma ampla carena e um colo vertical alto, que se poderia inspirar nos modelos de ânforas greco-itálicas tardias (Estampa 16, n.º 223 e 224). Identificaram-se ainda um conjunto de 10 fundos, que atribuímos, ainda que com algumas dúvidas, a este tipo. Trata-se de fundos cónicos compactos que parecem inspirar-se nos modelos itálicos. Todos os elementos que atribuímos, a esta forma encontram-se associados às fases romanas republicanas do sítio.

Estamos assim, perante o primeiro modelo, ou melhor, perante a primeira tentativa, de criar um modelo de ânfora tipicamente romano na fachada atlântica da Península. Evidências destas primeiras produções foram recentemente identificadas em Lisboa num contexto singular, bem datado do terceiro quartel do século II a.C. (Pimenta, Mota e Baptista, 2021). Tendo presente os dados já conhecidos para *Olisipo*, não se afigura que esta produção seja mais do que uma tentativa, entenda-se, entre os milhares de ânforas já estudadas e publicadas associadas aos contextos das primeiras fases de ocupação romana da urbe; este é o único exemplar atestando esta produção (Pimenta, 2005; Filipe, 2018).

Encontra-se representada por 20 exemplares, correspondendo a 10 NMI, a 2,4% da amostra e a 2,7% do total de NMI. Todos os fragmentos destes modelos surgem associadas às fases romano-republicanas do sítio, Fases IIIA e IIIB.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Conjunto de ânforas recolhido no sítio arqueológico de Chibanes é assaz volumoso, ascendendo a vários milhares de fragmentos, tendo sido possível classificar 845 fragmentos que correspondem a 374 NMI.

A fase pré-romana, apesar de se encontrar menos

representada, deixa antever um povoado com alguma dinâmica, onde se encontram atestados os contentores de produção regional do vale do Tejo/Sado do Tipo 3, 4, 6, 7, 8 e 9, mas igualmente importações de azeite da área da *Campiña* Gaditana do Tipo T 8.1.1.2. (*Tiñosa*) e preparados piscícolas transportados em ânforas do Tipo 8.2.1.1. (Carmona).

Os dados são mais substanciais para as fases romano-republicanas (ver gráfico figura 4). O volume de importações revela uma intrincada rede de abastecimentos a Chibanes com importações da Península Itálica, do Norte de África, da Baía Gaditana, do vale do Guadalquivir, e Ilha de Ibiza. A primeira ocupação do período romano republicano, Fase IIIA, revela uma nova lógica de abastecimento datada dos momentos finais do século II a.C., em que dominam as importações vinárias itálicas, com ânforas do tipo Greco-italico tardio e da forma Dressel 1, surgindo estas a par dos contentores do Tipo 7.4.3.3. (Mañá C2b).

Tal como seria de esperar, nas duas fases romano-republicanas do sítio, as ânforas vinárias itálicas, do tipo Dressel 1 encontram-se bem representadas, correspondendo a 15%. Contudo, resulta claro, que as importações em geral, e as da Península Itálica em particular, no cômputo geral, se encontram longe da representatividade bem conhecida da comercialização destes modelos na fachada atlântica e em particular no vale do Tejo.

Uma das regiões melhor documentadas pelo perfil das importações é, sem dúvida, a Costa Sudoeste da província da *Ulterior*, com fabricos genericamente atribuíveis à baía de Cádiz, representando estes 29% do total das ânforas nos contextos romano-republicanos. Relativamente a esta região destaca-se o papel assumido pelas ânforas do Tipo 7.4.3.3. (Mañá C2b), tal

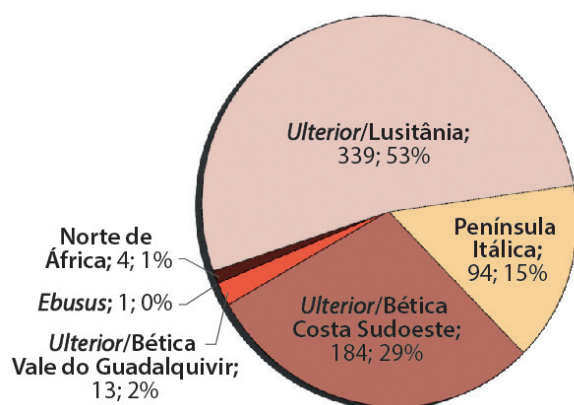


Fig. 4 - Gráfico das áreas de proveniência das ânforas de Chibanes recolhidas nos contextos romano-republicanos.

como já tinha sido documentado nas primeiras intervenções aqui realizadas por Marques da Costa (Costa, 1910; Maia, 1977; Pimenta *et al.*, 2019). Reforce-se que *Gádir* como cidade aliada de Roma, com base no *Foedus Gaditanum* de 206 a.C. (López Castro, 1995, p. 100-102), estaria obrigada a fornecer a ajuda necessária a Roma nas suas campanhas, quer com tropas auxiliares, quer com mantimento e acima de tudo com o apoio das suas frotas navais (Morais, 2007). Cícero, no seu discurso *Pro Balbo*, recorda aliás que os Gaditanos auxiliaram os Romanos “nas guerras difíceis” (López Castro, 1995, p. 158). O azeite norte africano e o vinho da ilha de *Ebusus* completam o cenário das importações extra peninsulares, ainda que com percentagens residuais.

A par deste cenário, numa primeira análise do conjunto, vislumbrou-se um quadro que à partida não seria o espetável, destacando-se de forma proeminente os contentores de produtos alimentares de proveniência da *Ulterior*/Lusitânia, nomeadamente com fabricos que nos indicam uma proveniência da região do vale do Tejo/Sado de tradição pré-romana. Encontrando-se representados por 339 fragmentos, correspondendo estes a um total de 53% da amostra global. Tendo presente, a interpretação de que o sítio poderá corresponder a uma instalação militar possivelmente correlacionada com o período Sertoriano (Soares *et al.*, 2019), esta leitura poderá estar relacionada com problemas de abastecimento e com a necessidade imperiosa de os assegurar localmente, num período de conflitualidade crescente. É uma hipótese a desenvolver considerando os dados disponíveis e a singularidade do registo, tendo em conta as leituras nos sítios coetâneos se apresenta plausível.

Encontram-se presentes exemplares dos Tipos 4, 5, 6 e 7 das produções pré-romanas do estuário do Tejo/Sado (Sousa e Pimenta, 2014), assim como dois tipos morfológicos novos que não se enquadram nessa tipologia, Tipos 8 e 9. Qual o conteúdo destes contentores? É neste momento uma incógnita, assim como um tema aliciante de investigação ao qual esperamos poder dar resposta em breve. Porém, como acima referimos, uma ânfora do Tipo 3, identificada fragmentada em conexão, permitiu recolher restos de escamas no seu interior, levantando, assim, a hipótese de um transporte à base de preparados piscícolas. Mas seria esse o destino de todas as formas? Ou serviriam igualmente para o transporte de vinho ou mesmo do azeite produzido nos vales do Tejo e Sado? Este último conteúdo foi já sugerido, tendo em conta a parca representatividade das ânforas oleícolas

no extremo ocidente peninsular (Pimenta, 2005).

Uma das leituras, diga-se inesperada, foi a de nos termos deparado, nos níveis romano-republicanos, com alguns, exemplares, de uma ânfora de produção regional dos vales do Tejo ou do Sado que se inspira claramente nas ânforas itálicas do tipo Dressel 1 (Estampa 16). Parece, assim, que os primeiros modelos anfóricos de produção do Ocidente da província da *Ulterior/Lusitânia*, com tipologias claramente romanas, surgem a par dos últimos modelos de ânforas de tipologia pré-romana. Podendo começar a desenhar-se uma situação similar ao que bem conhecemos para a área da baía gaditana e do vale do Guadalquivir, ou seja, uma progressiva romanização dos contentores anfóricos (García Vargas, 1998; García Vargas, Almeida e González Cesteros, 2011).

Com a reestruturação do espaço e do conjunto arquitetónico, ocorrem durante a Fase IIIB, algumas mudanças no ritmo das importações. Mudanças essas a que se pode atribuir uma leitura de índole cronológica. É o caso da chegada dos primeiros modelos de ânforas ovóides gaditanas, de Dressel 1 da *Ulterior* Costa Sudoeste, e dos contentores importados do vale do Guadalquivir. Denota-se, porém, alguma singularidade deste registo, pela parca representatividade destes novos modelos e pela ausência das ânforas ovóides lusitanas, que caracterizam os contextos da segunda metade do século I a.C. (Morais e Fabião, 2007; Almeida e Fabião, 2019) como bem se verifica no Pedrão (Mayet e Tavares da Silva, 2016); Monte dos Castelinhos (Pimenta, 2017 e no prelo); Santarém (Almeida, 2008) e Alto dos Cacos (Almeida e Pimenta, 2018). Tendo em conta estes indicadores, pode-se centrar o ocaso desta fase, e por conseguinte o abandono de Chibanes, em finais da primeira metade do século I a.C.

## Bibliografia

- Adroher Auroux, A. M.; Carreras Monfort, C.; Almeida, R.; Fernández Fernández, A.; Molina Vidal, J.; Viegas, C. (2016) – Registro para la cuantificación de cerámica arqueológica: estado de la cuestión y una nueva propuesta. Protocolo de Sevilla (PRCS/14). *Zephyrus. Revista de Prehistoria y Arqueología*, 78, p. 87-110.
- Alarcão, J. (1976) – Les Amphores. *Fouilles de Conimbriga*, VI. Paris: Diff. de Boccard, p. 79-91.
- Almagro Basch, M. (1952) – *Las Inscripciones Ampuritanas Griegas Ibéricas y Latinas*. Barcelona: Diputació Provincial de Barcelona, CSIC.
- Almeida, R. (2008) – *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios* (Col. Lección Instrumenta, 28). Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.
- Almeida, R. (2010) – The incorporation of the baetican hinterland into the western supply during the Late Republic - a reading based on the distribution of the Guadalquivir's minority amphora types. In C. Carreras Monfort, R. Morais (eds.), *The Western Roman Atlantic Façade A study of the economy and trade in the Mar Exterior from the Republic to the Principate* (BAR International Series, 2162). Oxford, p. 191-196.
- Almeida, R.; Arruda, A. M. (2005) – As ânforas de tipo Mañá C em Portugal. *Ati del V Congreso Internazionale di Studi Fenici i Punici* (Marsala, 2000). Palermo, Universidad de Palermo, p. 1319-1329.
- Almeida, R.; Fabião, C. (2019) – The “early production” of Roman amphorae in *Ulterior/Lusitania*. State of play of a universe (still) under construction. In E. García Vargas, R. R. Almeida, H. González Cesteros, A. Sáez Romero (eds.), *The Ovoid amphorae in the Central and Western Mediterranean. Between the last two centuries of the Republic and the early days of the Roman Empire* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 13) Oxford: Archaeopress Publishing, p. 175-190.
- Almeida, R.; Pimenta, J. (2018) – Ânforas do Acampamento / Sítio romano de Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Onuba*, 6, p. 3-56.
- Alves, F.; Diogo, A.; Cardoso, J. (2001) – Considerações sobre os dois grandes cepos de âncora em chumbo com alma de madeira, do séc. V-IV a.C., provenientes do ancoradouro natural da ilha Berlenga (Peniche, Portugal) e sobre os achados de âncoras de tipo púnico em águas portuguesas. *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional, 27-28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 239-260.
- Antunes, A. S.; Oliveira, J. M.; Manso, C. R. (2020) – Os fornos do Convento de Corpus Christi (Lisboa, Portugal). *IX Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos / International Congress of Phoenician and Punic Studies* (Mytra, 5), p. 349-360.
- Arcein, P.; Tuffreau-Libre, M. (1998) – *La quantification des céramiques: conditions et protocole. Actes de la table ronde du centre archéologique européen du Mont Beuvray. Glux-en-Glenne, 7-9 avril de 1998* (Collection Bibracte, 2). Glux-en-Genne: Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray.
- Arruda, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6). Barcelona.
- Arruda, A. M. (2001) – Importações “púnicas” no Algarve: cronologia e significado. *Os Púnicos no extremo Ocidente. Actas do Colóquio internacional, 27-28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 69-98.
- Arruda, A. M. (2006) – Os recursos marítimos na economia da Idade do Ferro do Sul de Portugal: o sal, a pesca e os preparados de peixe. *Historia de la Pesca en el Ámbito del Estrecho. I Conferencia Internacional*. Puerto de S. Maria: Junta de Andalucía, p. 383-405.
- Arruda, A. M.; Almeida, R. (1998) – As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém. *Conimbriga*, 37, p. 201-231.
- Arruda, A. M.; Almeida, R. (1999) – Importações de vinho itálico para o território português: contextos, cronologias e significado. *Économie et territoire en Lusitanie romaine. Actes du III<sup>ème</sup> Table ronde sur la Lusitanie romaine*. Madrid: Casa de

- Velázquez, p. 307-337.
- Arruda, A. M.; Cardoso, J. L. (2013) – A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, p. 731-754.
- Arruda, A. M.; Sousa, E. (2013) – Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal). *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueología*, 22, p. 101-141.
- Arruda, A. M.; Viegas, C., 2014 – Santarém durante a Época Romano-Republicana. *Cira Arqueologia*, 3, p. 242-255.
- Arruda, A. M.; Bargão, P.; Sousa, E. de (2005) – A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1, p. 177-208.
- Arruda, A. M.; Viegas, C.; Bargão, P. (2005) – As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (1), p. 279-297.
- Arruda, A. M.; Viegas, C.; Bargão, P.; Pereira, R. (2006) – A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à época romana. *Actas do Simpósio internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica de Homenagem a Françoise Mayet* (Setúbal Arqueológica, 13), p. 153-176.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Bargão, P.; Lourenço, P. (2008) – Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso. *Xelb*, 8, p. 137-168.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Mendes, H.; Soares, R. (2014) – Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus*, 74, p. 143-155.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Pimenta, J.; Soares, R.; Mendes, H. (2017a) – Phéniciens et Indigènes en contact à l'embouchure du Tage, Portugal. *Folia Phoenicia*, 1, p. 243-251.
- Arruda, A. M.; Sousa, E. D.; Barradas, E.; Batata, C.; Detry, C.; Soares, R. (2017b) – O Cabeço Guião (Cartaxo - Portugal): um sítio da Idade do Ferro no Vale do Tejo. In S. Celestino Pérez, E. Rodríguez González (eds.), *Territorios Comparados: Los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica* (Anejos de AEspA, 80). Mérida: Instituto Arqueología Mérida, p. 319-361.
- Barba Colmenero, V.; Fernández Ordóñez, A.; Torres Soria, M. J. (2016) – Ânforas republicanas del almacén comercial del Cerro de la Atalaya (La Higuera, Jaén). *Spal. Revista de Prehistoria y Arqueología*, 25, p. 113-147.
- Bargão, P. (2006) – *As importações anfóricas durante a época romana republicana na Alcáçova de Santarém*. Tese de Mestrado em Pré-história e Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/447>
- Bargão, P. (2014) – As ânforas pré-romanas da Alcáçova de Santarém. In A. M. Arruda (ed.), *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos II* (Estudos e Memórias; 6). Lisboa: Uniarq, p. 748-755.
- Bargão, P.; Arruda, A. (2014) – The Castro Marim 1 Amphora Type: A west Mediterranean Production Inspired by Carthaginian Models. *Carthage Studies*, 8. Gent: Department of Archaeology, Gent University, p. 143-159.
- Benoit, F. (1957) – Typologie et épigraphie amphoriques, les marques de Sestius. *Rivista di Studi Liguri*, 23, p. 247-285.
- Benquet, L.; Olmer, F. (2002) – Les amphores. In J. M. Blázquez Martínez, C. Domergue, P. Sillières (dirs.), *La Loba* (Fuenteovejuna, Cordoue, Espagne). La mine et la village minier antiques (Memories, 7). Bordeaux: Institut Ausonius, p. 295-331.
- Bernal Casasola, D.; Lagóstena Barrios, L. (2004) – *Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - II d.C.)*. Actas del Congreso Internacional, Cádiz, noviembre de 2003 (B.A.R. International Series 1266). Oxford.
- Bernal Casasola, D.; Arévalo González, A.; Lorenzo Martínez, L.; Aguilera, L. (2003) – Imitations of italic amphorae for fish sauce in roman Baetica. New evidence from the salt fish factory at Baelo Claudia. *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, 18, p. 305-313.
- Bernal Casasola, D.; Arévalo González, A.; Sáez Romero, A. M. (2007) – Nuevas evidencias de la ocupación en época republicana. In D. Bernal Casasola, A. Arévalo González (eds.), *Las cetariae de Baelo Claudia. Avances de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional*. Cádiz.
- Bernal Casasola, D.; Díaz Rodríguez, J. J.; Lavado-Florido, M. L.; García-Giménez, R. (2019) – De la producción de ánforas Ovoide 1 gaditanas: aportaciones del alfar de Verinsur. In E. García Vargas, R. R. Almeida, H. González Cesteros, A. Sáez Romero (eds.), *The Ovoid amphorae in the Central and Western Mediterranean. Between the last two centuries of the Republic and the early days of the Roman Empire* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 13) Oxford: Archaeopress Publishing, p. 191-214.
- Bonifay, M. (2005) – Ancient Tripolitanian Amphora. *Roman amphorae: a digital resource*. Southampton: University of Southampton.
- Candeias, C. (2015) – Prospeção arqueológica de superfície intra-sítio, o Cerro do Cavaco e a II Idade do Ferro em Tavira. *Actas del VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular, Aroche-Serpa, 29, 30 de noviembre y 1 de diciembre, 2013*. Huelva: Ayuntamiento de Aroche, p. 711-738.
- Capelli, C.; Contino A. (2013) – Amphores tripolitaines ou africaines anciennes? *Antiquités Africaines*, 49, p. 199-208.
- Cardoso, G.; Encarnação, J. (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *Cira – Arqueologia*, 2, p. 133-180.
- Cardoso, J. L.; Silva, C. T. (2012) – O casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*, 2, S. 5, p. 355-400.
- Cardoso, J. L.; Silva, C. T.; Martins, F.; Andre, C. (2010-2011) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leão (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 75-102.
- Carretero Poblete, P. (2004a) – Las ánforas tipo “Tiñosa” y la explotación agrícola de la Campiña Gaditana entre los siglos V y III a.C. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Geografia e História da Universidade Complutense de Madrid. Edição policopiada.
- Carretero Poblete, P. (2004b) – Las producciones cerámicas de ánforas tipo *Campamentos Numantinos* y su origen en San Fernando (Cádiz): los hornos de Pery Junquera. In D. Bernal, L. Lagóstena (eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - IV d.C.)*. Actas del Congreso Internacional, Cádiz, noviembre de 2003 (BAR International Series, 1266). Oxford, p. 427-439.
- Carretero Poblete, P. (2006) – Archaeometry of a New Punico-Turdetano Amphora Type: The Oil Amphorae from the



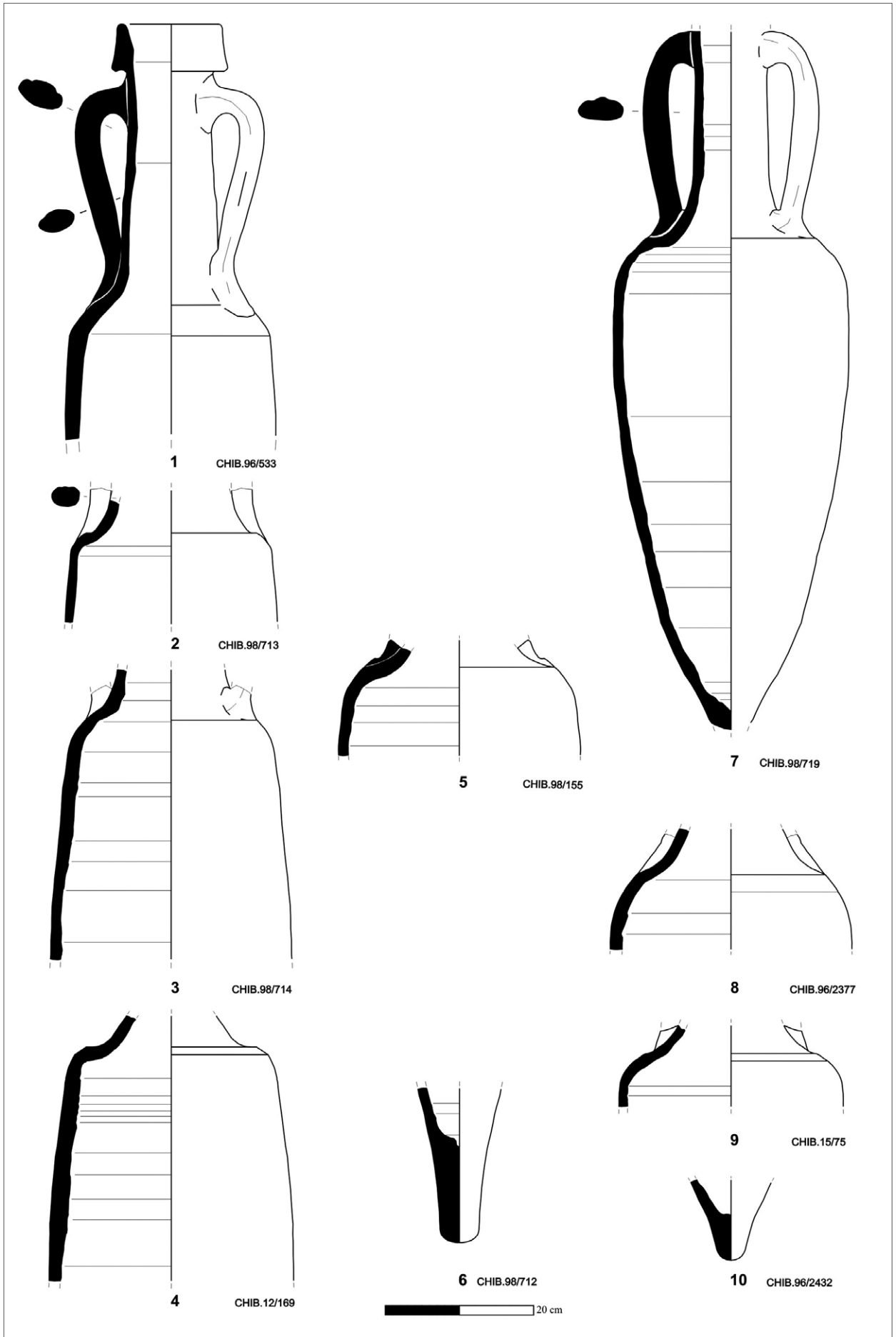
- Campiña Gaditana (Cádiz, Spain). *36<sup>th</sup> International Symposium on Archaeometry (Quebec, Canada)*. Quebec: CELAT
- Carretero Poblete, P. (2007) – *Agricultura y comercio púnico-turdetano en el Bajo Guadalquivir. El inicio de las explotaciones oleícolas peninsulares (siglos IV-II a. C.)* (BAR International Series, 1703). Oxford.
- Carretero Poblete, P. (2019) – Ânforas Olearias tipo Tiñosa en Portugal. *Arqueologia Iberoamericana*, 40, p. 9-15.
- Carvalho, P. C. (1998) – *O Fórum de Aeminium*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Cipriano, M.-T.; Carre, M.-B. (1989) – Production et typologie des amphores sur la côte adriatique de l'Italie. *Amphores Romaines et Histoire Économique: Dix Ans de Recherches. Actes du Colloque de Siena, 1986* (Collection de L'École Française de Rome, 114). Rome, p. 67-104.
- Cipriano, S.; Mazzochin, S. (2017) – Western Adriatic amphorae productions: the research status. In G. Lipovac Vrkljan, I. Radić Rossi, A. Konestra (eds.), *ADRIAMPHORAE. Amphorae as a resource for the reconstruction of economic development in the Adriatic region in Antiquity: local production. Proceedings of the workshop, Zagreb, 21st April 2016*. Zagreb, p. 33-47.
- Costa, A. I. M. da (1910) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal, Appendice. *O Archeologo Português*, XV, p. 55-83.
- Desbat, A. (1998) – L'arrêt des importations de Dressel 1 en Gaule. *Actes du Congrès d'Istres*. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 31-35.
- Desbat, A.; Mazza, G.; Picon, M. (1997) – La marque C. L. SEX. sur amphores Dressel 1A. *Actes du Congrès du Mans*. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule, p. 511-516.
- Diogo, A. M. D. (1993) – Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém). *Estudos Orientais*, IV, p. 215-227.
- Diogo, A. M. D. (1999) – Ânforas provenientes de achados na costa marítima portuguesa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (1), p. 235-248.
- Diogo, A. M.; Faria, J. C. L. (1990) – Elementos para a caracterização e periodização da economia do Baixo Sado durante a época romana. *Arqueologia Hoje. I. Etno-Arqueologia*. Faro, p. 92-106.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1993-94) – Materiais provenientes de Chões de Alpompe (Santarém). *Comimbriga*, XXXII-XXXIII, p. 263-281.
- Diogo, A. M. D.; Cardoso, J. P.; Reiner, F. (2000) – Um conjunto de ânforas recuperadas nas dragagens da foz do rio Arade, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3 (2). Lisboa, p. 81-118.
- Diogo, A. M. D. et al. (1990) – Notícia de uma olaria em Alcácer do Sal produtora de ânforas ibero-púnicas. *Comunicação apresentada às IV Jornadas arqueológicas da A.A.P. (Maio de 1990)*, mas não publicada no respectivo volume das actas.
- Dressel, H. (1899) – *CIL XV: Inscriptiones urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum*. Berlin.
- Empereur, J. Y.; Hesnard, A. (1987) – Les amphores hellénistiques. *Cerámiques Hellénistiques et Romaines, T. II* (Annales Littéraires de l'Université de Besençon, 331). Besençon: Université de Franche-Comté, p. 9-71.
- Encarnação, J.; Cardoso, G. (2017) – O sítio arqueológico do Espição das Ruivas (Cascais). In J. M. Arnaud, A. Martins (coords.), *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 955-966.
- Fabião, C. (1987) – Ânforas romanas republicanas de um depósito de Mértola, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*, 5, S.4, p. 125-148.
- Fabião, C. (1989) – *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)* (Cadernos da Uniarq, 1). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Fabião, C. (1998) – O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1 (1), p. 169-198.
- Fabião, C. (2001) – Sobre as mais antigas ânforas romanas da Baetica no Ocidente Peninsular. *Actas del Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas, Aceite y Vino de la Bética en el Imperio Romano (Écija-Sevilha 1998)*, II. Écija: Editorial Sol, p. 665-682.
- Fabião, C.; Guerra, A. (1994) – As ocupações antigas de Mesas do Castelhinho (Almodôvar). Resultados preliminares das campanhas de 1990-1992. *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 275-289.
- Fabião, C.; Guerra, A.; Almeida, J.; Almeida, R. R. de; Pimenta, J.; Filipe, V. (2016) – *Marcas de ânforas romanas na Lusitânia (do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa ao Museo Nacional de Arte Romano de Mérida)* (Corpus Internationale des Timbres Amphoriques, 19). Lisboa: Union Académique Internationale / Academia das Ciências de Lisboa / Uniarq.
- Filipe, V. (2010) – As ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelhinho. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13 (1), p. 57-87.
- Filipe, V. (2015) – *As ânforas do teatro romano de Olisipo (Lisboa, Portugal): campanhas 2001-2006*. *Spal*, 24, p. 129-163.
- Filipe, V. (2018) – *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Tese de Doutoramento em História especialidade de Arqueologia. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.
- Filipe, V.; Calado, M.; Leitão, M. (2014) – Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa. O caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei. In A. M. Arruda (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*. *Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 736-747.
- Florido Navarro, C. (1984) – Ânforas prerromanas subibéricas. *Habis*, 15, p. 419-436.
- Freitas, V. T. de; Oliveira, C. P. de (2007) – A Idade do Ferro no baixo Guadiana. In J. Morín, D. Urbina, N. F. Bicho, (eds.), *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, Setembro de 2004)*. Faro: Universidade do Algarve, p. 409-418.
- García Fernández, F. (2019) – Rumbo a poniente: el comercio de ânforas turdetanas en la costa atlántica de la península ibérica (siglos V-I a.C.). *Archivo Español de Arqueología*, 92, p. 119-153.
- García Fernández, F. J.; García Vargas, E. (2010) – Entre gaditanización y romanización: repertorios cerámicos, alimentación e integración cultural en Turdetania (siglos III-I a.C.). *Saguntum*, 9, p. 115-134.
- García Vargas, E. (1996) – La Producción anfórica en la Bahía de Cádiz durante la República como índice de romanización. *Habis*, 27, p. 49-62.
- García Vargas, E. (1998) – *La producción de ânforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II A.C. - IV D.C.)*. Ecija: Gráficas Sol.

- García Vargas, E.; López Rosendo, E. (2008) – El alfar de Rabatún (Jerez de la Frontera, Cádiz) y la producción de ánforas y cerámica común en la campiña del Guadalete en época altoimperial romana. *Spal*, 17, p. 281-313.
- García Vargas, E.; Sáez Romero, A. (2019) – Ovoid amphorae production in the bay of Cadiz and the southern coast of the *Ulterior/Baetica* (Late Republican and Early Imperial periods). In E. García Vargas, R. R. Almeida, H. González Cesteros, A. Sáez Romero (eds.), *The Ovoid amphorae in the Central and Western Mediterranean. Between the last two centuries of the Republic and the early days of the Roman Empire* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 13) Oxford: Archaeopress Publishing, p. 112-147.
- García Vargas, E.; Almeida, R. R.; González Cesteros, H. (2011) – Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *SPAL. Revista de Prehistoria y arqueología*, 20, p. 185-283.
- García Vargas, E.; González Cesteros, H.; Almeida, R. R. (2019) – Ovoid amphorae as the first Roman provincial repertoire in *Hispania Ulterior* (the Guadalquivir valley). In E. García Vargas, R. R. Almeida, H. González Cesteros, A. Sáez Romero (eds.), *The Ovoid amphorae in the Central and Western Mediterranean. Between the last two centuries of the Republic and the early days of the Roman Empire* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 13) Oxford: Archaeopress Publishing, p. 62-111.
- García Vargas, E.; Bernal Casasola, D.; Sáez Romero, A. M.; Díaz Rodríguez, J. J. (2016) – Dressel 1 (Baetica Ulterior coast). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. [25 Ago. 2018]. <http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-1-baetica-ulterior-coast>
- Gateau, F. (1990) – Amphores importées durant le IIe s. av. J.-C. dans trois habitats de Provence occidentale: Entremont, Le Baou-Roux, Saint-Blaise. *Documents d'Archéologie Méridionale. Lattes*, 13, p. 163-183.
- Gomes, M. V. (1993) – O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais*, 4, p. 73-107.
- González Cesteros, H.; Almeida, R. R. de; García Vargas, E. (2016) – Ovoide 1 (Valle del Guadalquivir). *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo*. [8 julio 2016]. <http://amphorae.icac.cat/amphora/ovoid-1-guadalquivir-valley>
- González Ruibal, A. (2006) – Past the last Outpost: Punic Merchants in the Atlantic Ocean (5th-1st centuries BC). *Journal of Mediterranean Archaeology*, 19 (1), p. 121-150.
- Grilo, C. (2007) – A rua do Sembrano e ocupação pré-romana de Beja. *Vipasca. Arqueologia e História*, 2, S.2, p. 261-268.
- Hesnard, A. (1998) – *M. Lollius Q. f.* et les amphores Lamb. 2 pompéiennes. In V. Blanc-Bijon, M.-B. Carre, A. Hesnard, A. Tchernia (eds.), *Recueil de Timbres sur Amphores Romaine, II (1989-90 et compléments, 1987-1988)* (Travaux du Centre Camille Jullian, 20). Aix-en-Provence: Université de Provence, p. 307-312.
- Hourcade, D.; Lopes, V.; Labarthe, J. M. (2003) – Mértola: la muraille de l'Âge du Fer. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (1), p. 175-210.
- Imperial, F. (2017) – *O sítio arqueológico de Maiorca no contexto da Conquista romana do Ocidente Peninsular*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- Lagóstena Barrios, L. (1996a) – *Alfarería romana en la Bahía de Cádiz*. Cádiz.
- Lagóstena Barrios, L. (1996b) – Explotación del salazón en la Bahía de Cádiz en la Antigüedad: aportación al conocimiento de su evolución a través de la producción de las ánforas Maña C. *Florentia Iliberritana*, 7, p. 141-169.
- Lagóstena Barrios, L. (2001) – *La producción de salsas y conservas de pescado en la Hispania Romana II a.C.-VI d.C.* (Colección Instrumenta, 11). Barcelona.
- Lamboglia, N. (1955) – Sulla cronologia delle anfore romane di età repubblicane (II-I secolo a.C.). *Rivista di Studi Liguri*, 22, p. 241-270.
- Laubenheimer, F. (1990) – *Le temps des amphores en Gaule. Vins, huiles et sauces*. Paris: Editions Errance.
- López Castro, J. L. (1995) – *Hispania Poena. Los fenicios en la Hispania Romana*. Barcelona. Crítica /Arqueología.
- López Mullor, A.; Martín I Menéndez, A. (2008) – Las ánforas de la Tarraconense. In D. Bernal Casasola, A. Ribera i Lacomba (eds.) – *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*. Cádiz, p. 689-724.
- Luís, L. (2003) – Ânforas republicanas de Mata-Filhos (Mértola). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (2), p. 363-382.
- Madeira, M. S. P. S. (1986) – Subsídios para o estudo do material anfórico dos “Castella” da zona de Castro Verde. *Actas do 1º Encontro de Arqueologia da região de Beja (Beja, 1986)* (Arquivo de Beja, 3, S.2). Beja: Câmara Municipal de Beja, p. 121-138.
- Maia, M. (1977) – As ânforas neopúnicas do sul de Portugal. *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 199-207.
- Maia, M. (2004) – Tavira turdetana, porto do “Círculo do Estreito” nos finais do séc. V a.C. <http://www.arqueotavira.com/Estudos/PescaTavira.pdf>
- Manacorda, D. (1981) – Produzione agricola, produzione ceramica e proprietari nell'ager Cosanus nel I a.C. In *Società romana e produzione schiavistica. II. Mercè, mercati e scambi nel Mediterraneo*. Roma-Bari: Laterza, p. 3-54.
- Mandy, B.; Genin, M.; Godard, C.; Krausz, S.; Sandoz, G.; Thirion, P. (1987-88) – Un réseau de fossés défensifs aux origines de Lyon. *Gallia*, 45, p. 49-66.
- Márquez Villora, J. C.; Molina Vidal, J. (2005) – *Del Hiberus a Carthago Nova. Comercio de alimentos y epigrafía anfórica grecolatina* (Colección Instrumenta, 18). Barcelona.
- Mataloto, R. (2010) – Do campo ao Ager: povoamento e ocupação rural pré-romana do Alentejo Central e a sua romanização. In V. Mayoral Herrera, S. Celestino Pérez (coords.), *Los paisajes rurales de la romanización: Arquitectura y explotación*. Madrid: La Ergástula, p. 59-88.
- Mataloto, R.; Williams, J.; Roque, C. (2016) – Amphorae at the Origins of Lusitania: Transport Pottery from Western Hispania Ulterior in Alto Alentejo. In I. V. Pinto, R. R. de Almeida, A. Martin (eds.), *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 10). Oxford, p.139-151.
- Mateo Corredor, D. (2012) – La importación de aceite tripolitano en Hispania Ulterior durante la época tardo-republicana. In A. Castro, D. Gómez, G. González, K. Starczewska, J. Oller, A. Puy, R. Rieraand, N. Villagra (eds.), *Estudiar el pasado: aspectos metodológicos de la investigación en Ciencias de la Antigüedad y de la Edad Media* (BAR Internacional Series,

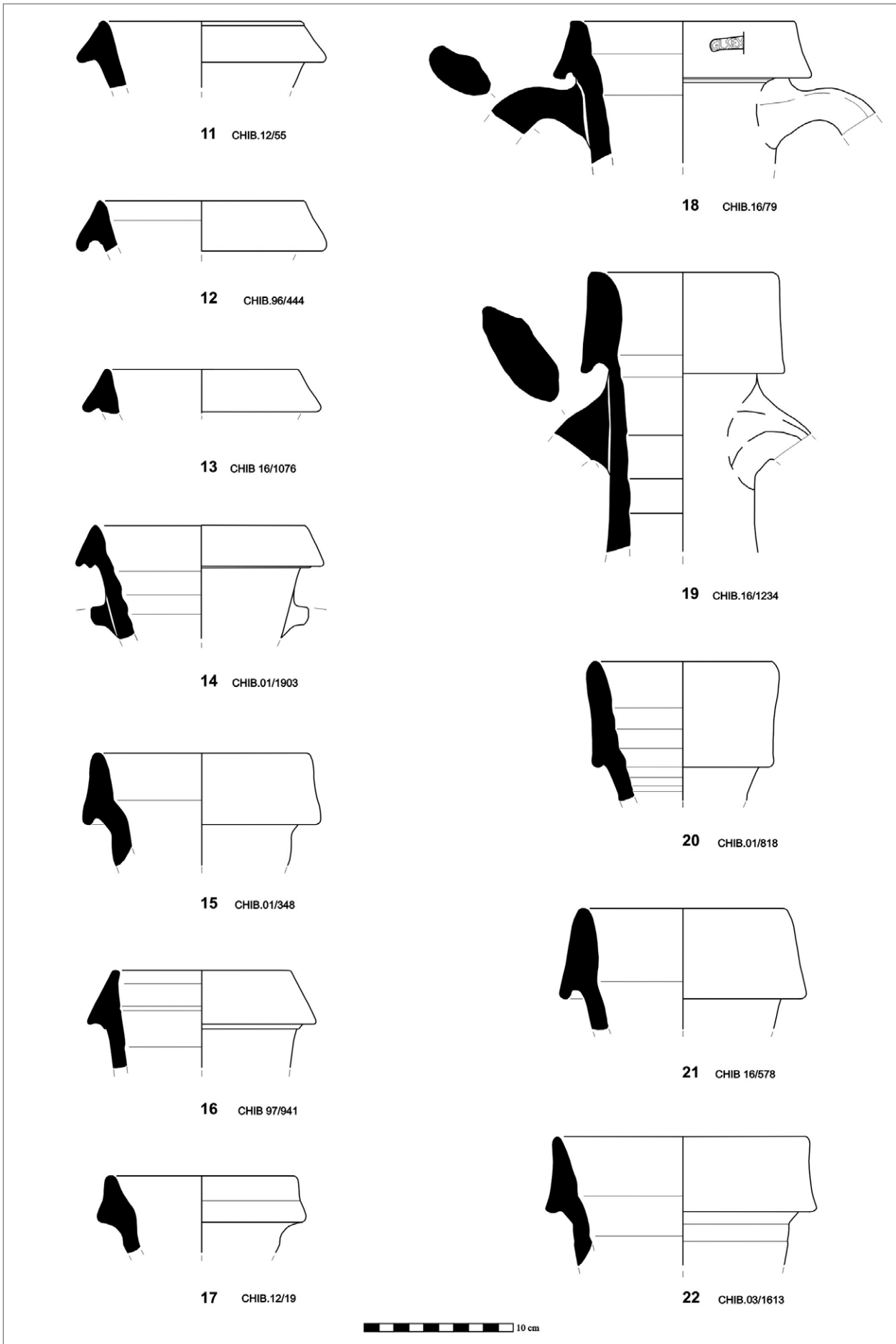
- 2412). Oxford, p. 119-127.
- Mateo Corredor, D. (2014) – *El Comercio en Hispania Ulterior durante los siglos II a.C. y II d.C. Tráfico Anfórico y relaciones Mercantiles*. Tesis Doctoral. Universidad Alicante. Policopiado.
- Mateo Corredor, D. (2016) – *Comercio anfórico y relaciones mercantiles en Hispania Ulterior (ss. II a.C.-II d.C.)* (Col.Leció Instrumenta, 52). Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2016) – Roman Amphora Production in the lower Sado Region. In I. V. Pinto, R. R. Almeida, A. Martin (eds.), *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery ,10). Oxford, p. 59-71.
- Molina Vidal, J. (1995) – Las ánforas Lomba do Canho 67. Aportaciones al estudio de un nuevo tipo: difusión y valoración económica. *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología*. Vigo, p. 419-424.
- Molina Vidal, J. (1997) – *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior (siglos II a. C.- II d. C.)*. Alicante: Universidad de Alicante.
- Montero Fernández, A.; Montero Fernández, R.; Sáez Romero, A.; Díaz Rodríguez, J. J. (2004) – *Innovaciones, transformaciones y pervivencias. Evolución de la alfarería gadirita durante los siglos III-II a.n.e.* In D. Bernal Casasola, L. Lagóstena Barrios (eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - II d.C.)* (Cádiz, 2003) (BAR International Series, 1266). Oxford, p. 413-426.
- Morais, R., (2007) – A via atlántica e o contributo de Gádir nas campanhas romanas na fachada Noroeste da Península. *Humanitas*, 59, p. 99-132.
- Morais, R. (2010) – Ânforas. In J. Alarcão, P. C. Carvalho, A. Gonçalves (coords.), *Castelo da Lousa-Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002* (Studia Lusitana, 5). Mérida, p. 181-218.
- Morais, R.; Fabião, C. (2007) – Novas produções de fabrico lusitano: problemáticas e importância económica. In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Universidade de Cádiz, Noviembre de 2005* (BAR International Series, 1686). Oxford, p.127-133.
- Moreno Megías, V.; Garcia Fernández, F. J.; Fragnoli, P.; Sterba, H. (2020) – Petrographic and neutron activation analysis of late Ion Age amphorae from the south western Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 34, p. 1-13. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2020.102598>
- Muñoz Vicente, A. (1987) - Las ánforas prerromanas de Cádiz (Relatório Preliminar). *Anuario Arqueológico de Andalucía / 1985*. Vol. 2, p. 472-478.
- Nieuwendam, L.; Santos, R. (2008) – Villa romana de Vilares, Cascais. Trabalhos arqueológicos em 2007-2008. *Al-madan online adenda electrónica*, S. II, p. 16.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. (2002) – Las ánforas turdetanas del tipo Pellicer-D. Ensayo de clasificación. *Spal (Homenaje al Prof. Pellicer, II)*, 11, p. 233-252.
- Olaio, A. (2015) – *Ânforas da Idade do Ferro na Quinta do Almaraz (Almada)*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- Olaio, A. (2018) – O povoado da Quinta do Almaraz (Almada, Portugal) no âmbito da ocupação no Baixo Tejo durante o 1º milénio a.n.e.: os dados do conjunto anfórico. *Spal*, 27 (2), p. 125-163.
- Olcese, G. (2010) – *Le anfore greco italiche di Ischia: archeologia e archeometria. Artigianato ed economia nel Golfo di Napoli*. Roma: Quasar Edizioni.
- Olcese, G. (2012) – *Atlante dei siti di Produzione cerâmica (Toscana, Lazio, Campania e Sicilia). Com le tabelle dei principal RELITTI del Mediterraneo occidentale com carichi dall'Italia meridionale IV secolo a.C. – I secolo d.C.* (Immensa Aequora, 2). Roma: Edizione Quasar.
- Olmer, F. (1998) – À propos de la consommation du vin en Bourgogne (Ile-Ier s.av.n.è): deux remarques sur les Dressel 1. *El vi a l' ntiguitat: economia, producció i comerç al Mediterrani occidental: II Colloqui Internacional d'Arqueologia Romana, actes (Barcelona 6-9 de maig de 1998)*, p. 465-471.
- Olmer, F. (2003) – *Les Amphores de Bibracte - 2. Le commerce du vin chez les Éduens d'après les timbres d'amphores* (Bibracte, 7). Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen.
- Palma, M. F. (2009) – *Arqueologia urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal) – Contributos para a história local*. Trabajo de Investigación Fin de Máster 2008/2009. Universidade de Huelva - Departamento de Historia.
- Parreira, J. (2009) – *As ânforas romanas de Mesas do Castelinho*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- Pascual Berlanga, G.; Ribera i Lacomba, A. (2002) – Las ánforas tripolitanas antiguas en el contexto del Occidente Mediterráneo. In L. Rivet, M. Sciallano (eds.) – *Vivre, produire et echanger: reflets mediterraneens*. Melanges offerts a B. Liou. Montagnac, p. 303-317.
- Peacock, D. P.; Williams, D. F. (1986) – *Amphorae and the Roman Economy. An introductory guide*. London: Longman Publications.
- Pellicer Catalán, M. (1978) – Tipología y cronología of the ánforas prerromanas del Guadalquivir, segun el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*, 9, p. 365-400.
- Pellicer Catalán, M. (1982) – Las cerámicas del mundo fenicio en el Bajo Guadalquivir: evolución y cronología según el Cerro Macareno (Sevilla). In *Phönizier im Westen* (Madriider Beiträge; 8). Maguncia.
- Pellicer Catalán, M.; Escacena Carrasco, J. L.; Bendala Galán, M. (1983) – *El Cerro Macareno* (Excavaciones Arqueológicas en España, 124). Madrid.
- Perdigones Moreno, L.; Muñoz Vicente, A. (1988) – Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos púnicos de Torre Alta, San Fernando, Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía 1986*, p. 106-112.
- Pimenta, J. (2005) – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)* (Trabalhos de Arqueologia, 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J. (2007) – A Importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (Séculos II-I a.C.). *Actas do Congresso Internacional de Arqueologia, Cetariae. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Entre 7 e 9 de Novembro de 2005. Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Cádiz*. Oxford: John and Erica Hedges, p. 221-233.
- Pimenta, 2014 - Os Contextos da conquista: Olisipo e Decimo Jvniio Bruto. *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (CIRA Arqueologia, 3). Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 44-60.

- Pimenta, J. (2017) – Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana. Os dados do monte dos castelinhos – Vila Franca de Xira. In C. Fabião, J. Raposo, A. Guerra, F. Silva (eds.), *Actas Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental. A Olaria Romana (Seixal 17-20 de Fevereiro de 2010)*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal, p. 195-205.
- Pimenta, J. (no prelo) – As ânforas da Ulterior/Bética do sítio de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira) – Portugal. *Congresso Internacional de Arqueologia Ex Baetica Amphorae II. Universidade de Sevilla*.
- Pimenta, J.; Arruda, A. (2014) – Novos dados para o estudo dos Chões de Alpompe – Santarém. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 21, p. 375-392.
- Pimenta J.; Mendes H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11 (2), p. 171-194.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-11) – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, p. 591-618.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2012) – Sobre o povoamento romano ao longo da via de Olisipo a Scallabis. *Atas da Mesa Redonda de Olisipo a Scallabis. A rede viária romana no vale do Tejo* (CIRA Arqueologia, 1). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal/Museu Municipal, p. 41-64.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2013) – 1.ª Campanha de escavações arqueológicas no povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro – Muge – Salvaterra de Magos. *CIRA Arqueologia*, 2, p. 195-219.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8 (2), p. 313-334.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Madeira, F. (2010) – O Povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13, p. 25-56.
- Pimenta, J.; Mota, N.; Baptista, J. (2021) – O conjunto de ânforas da escavação do edifício romano republicano, do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (16-20) – Lisboa. *Actas II Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: CAL, p. 31-81.
- Pimenta, J.; Sepúlveda, E.; Ferreira, M. (2015) – Acerca da dinâmica económica do porto de *Urbs Imperatoria Salacia*: o estudo das ânforas. *CIRA Arqueologia*, 4, p. 151-170.
- Pimenta, J.; Sousa, E.; Amaro, C. (2015) – Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa: da *Olisipo* pré-romana aos primeiros contactos com o mundo itálico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, p. 161-180.
- Pimenta, J.; Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Pereira, T. R. (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*, 3, p. 45-79.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014b) – Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos. Revista Cultural do Concelho de Salvaterra de Magos*, 1, p. 39-58.
- Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Henriques, E.; Arruda, A. M. (2018) – A Eira da Alorna (Almeirim): as ocupações pré e proto-históricas. *CIRA Arqueologia*, 9, p. 9-49.
- Pina Burón, M. R. (2017) – Nueva marca C. SEX sobre un ánfora Dressel 1 de Villanueva de la Fuente (Ciudad Real). *Boletim Ex Officina Hispania*, 8, p. 28-31.
- Ramón Torres, J. (1991) – *Las ánforas púnicas de Ibiza* (Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera, 23). Ibiza: Museo Arqueológico.
- Ramón Torres, J. (1995) – *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.
- Ramón Torres, J. (2004) – La producción anfórica gaditana en época fenicio-púnica. *Las Industrias Alfareras y conserveras Fenicio-Púnicas de la Bahía de Cádiz. XVI Encuentros de Historia y Arqueología*. Córdoba: Cajasur, p. 63-100.
- Ramón Torres, J. (2016) – Ramon T-8132 (Ebusus Island). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. [20 July 2016]. <http://amphorae.icac.cat/amphora/ramon-t-8132-ebusus-island>
- Raposo, J. M. (2017) – As Olarias Romanas do Estuário do Tejo. Porto dos Cacos (Alcochete) e Quinta do Rouxinol (Seixal). In C. Fabião, J. Raposo, A. Guerra, F. Silva (eds.), *Actas Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental. A Olaria Romana (Seixal 17-20 de Fevereiro de 2010)*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / Câmara Municipal do Seixal, p. 113-138.
- Ribera i Lacomba, A. (1982) – Las ánforas prerromanas valencianas (SIP - Serie de Trajalhos Varios, 73). Valencia.
- Ribera i Lacomba, A. (1998) – *La fundació de Valencia. La ciutat a l'època romana repulicana (Segles II-I a. De C.)* (Estudios Universitarios, 71). Valencia.
- Ribera i Lacomba, A. (2014) – La destrucción de Valentia (75 a.C.) y la cultura material de la época de Sertorio (82-75 a.C.) In F. Sala Sellés, J. Morotalla Jávega (eds), *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una Revisión Histórica desde la contestania*. Alicante: Universitat d'Alicante, MARQ, p. 65-77.
- Ribera i Lacomba, A.; Marín Jorda, C. (2004-2005) – Las cerámicas del nivel de destrucción de Valentia (75 a.C.) y el final de Azaila. *Kalathos*, 22-23, p. 271-300.
- Rodero Rianza, A. (1991) – Las Ánforas do Mediterráneo Occidental na Andaluzia. *Trabajos de Prehistoria*, 48, p. 275-298.
- Rodero Rianza, A. (1995) – Las ánforas prerromanas de Andalucía Occidental. *Epigrafia e Antichità*, 13, Faenz.
- Sáez Romero, A. M. (2008a) – *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos III-I)* (BAR International Series, 1812). Oxford.
- Sáez Romero, A. M. (2008b) – La producción de ánforas en el área del Estrecho en época tardopúnica (siglos III-I a.C.). In D. Bernal, A. Ribera i Lacomba (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz.
- Sáez Romero, A. M. (2016) – Ramon T-8211 (Baetica Ulterior coast), *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*. [20 July 2016]. <http://amphorae.icac.cat/amphora/ramon-t-8211-baetica-ulterior-coast>
- Sáez Romero, A. M.; Bernal Casasola, D.; García Vargas, E.; Díaz Rodríguez, J. J. (2016) – Ramon T-7433 (Costa Bética). *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo*. [10 julio 2016]. <http://amphorae.icac.cat/amphora/ramon-t-7433-baetica-coast>
- Sáez Romero, A. M.; Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. N. (2016) – Pellicer D (Baetica Ulterior coast). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption*.

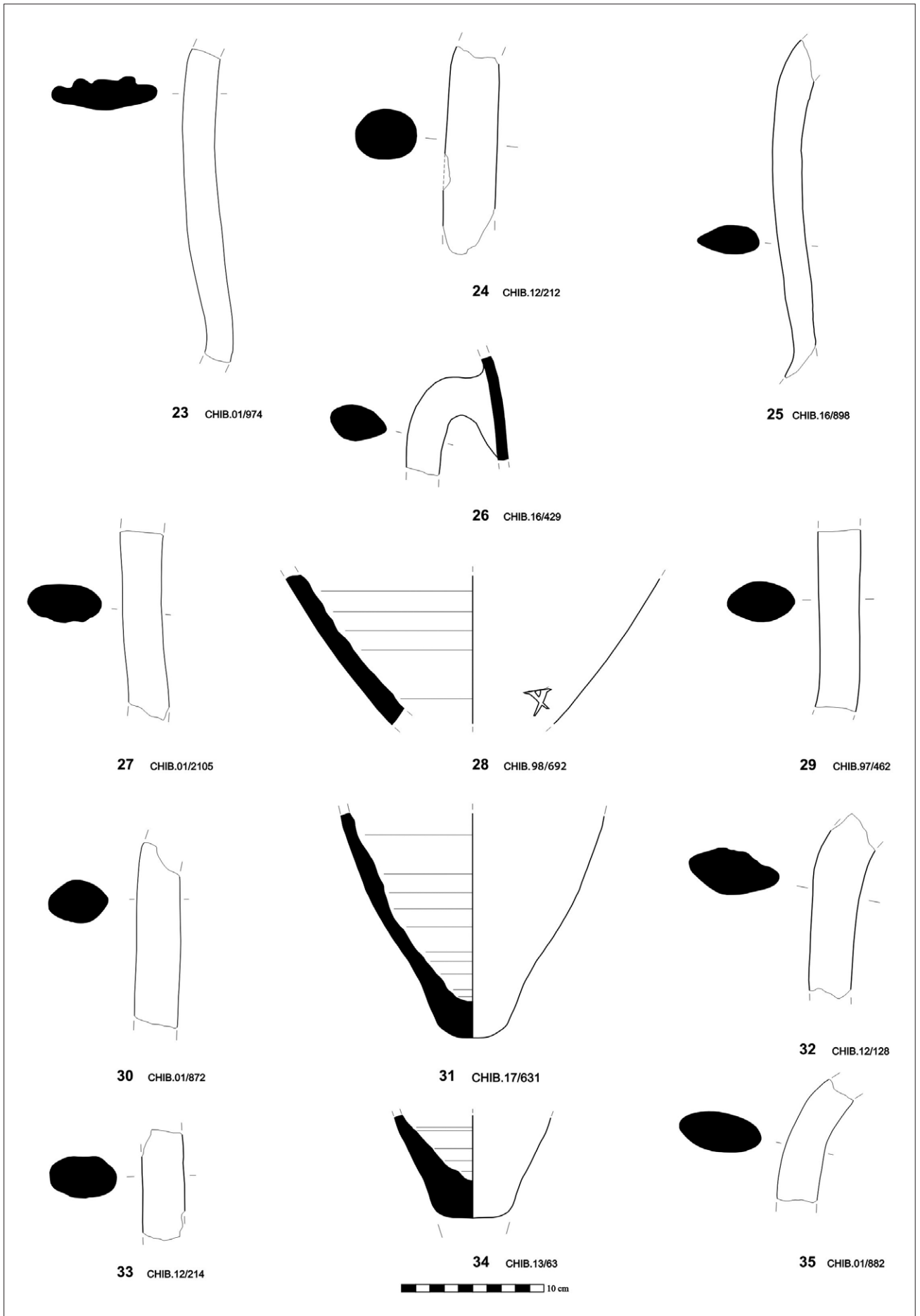
- [20 July 2016]. <http://amphorae.icac.cat/amphora/pellicer-d-baetica-ulterior-coast>
- Sanmartí Grego, E. (1985) – Las ánforas romanas del campamento numantino de Pena Redonda (Garray Soria). *Empúries*, 47, p. 130-161.
- Sanmartí Grego, E. (1992) – Nouvelles données sur la chronologie du Camp de Renieblas V à Numance (Soria, Castilla-León, Espagne). *Documents d'Archéologie Méridionale*, 15, p. 417-431.
- Sanmartí Greco, E.; Nolla, J. M.; Aquilué, X. (1984) – Las excavaciones a l'àrea del Parking al sud de la Neapolis d'Empúries (Informe preliminar). *Ampúries*, 45-46, p. 110-153.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1973) – Ocupação do período Proto-Romano do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. 1. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 245-305.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1979) – Cerâmica Pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 5, p. 159-184.
- Sousa, E. (2009) – *A cerâmica de Tipo Kuass no Algarve* (Cadernos da UNIARQ, 4). Lisboa: UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias, 7). Lisboa: UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E. (2017) – Percorrendo o Baixo Tejo: Regionalização e Identidades Culturais na 2ª metade do 1º milénio a.C. In S. Celestino Pérez, E. Rodríguez González (eds.), *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica*. Mérida: CSIC, p. 295-318.
- Sousa, E.; Pimenta, J. (2014) – A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In R. Morais, A. Fernández, M. J. Sousa (eds. cient.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispania. II Congresso Internacional da SECAH – Ex Officina Hispana. Braga 3 a 6 de abril de 2013* (Monografías Ex Officina Hispana, II, T. I). Porto: Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua - SECAH, p. 303-316.
- Sousa, E.; Pinto, M. (2016) – A ocupação da Idade do Ferro na colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal): novos dados das escavações realizadas na Rua do Recolhimento/Beco do Leão. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 11, p. 59-67.
- Sousa, E.; Alves, C.; Pereira, T. (2016) – O conjunto anfórico da urbanização do Moleão, Lagos (Portugal). In R. Járrega, P. Berni (eds.), *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. Tarragona: ICAC, p. 464-478.
- Sousa, E.; Pimenta, J.; Arruda, A. (no prelo) – Estuário do Tejo. In *Las Ánforas Turdetanas "Tipo Macareno" Cuarenta años después: Actualización Tipológica y nuevas perspectivas*.
- Sousa, E.; Sarrazola, A.; Simão, I. (2016) – Lisboa pré-romana: contributos das intervenções arqueológicas na Rua da Madalena". *Apontamentos de Arqueologia e Património* 11, p. 69-79.
- Sousa, E.; Pimenta, J.; Mendes, H.; Arruda, A. M. (2016/2017) – A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *CIRA Arqueologia*, 5, p. 9-32.
- Sousa, E.; Pimenta, J.; Silva, I.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Dorado-Alejos, A. (2020) – Ânforas da Idade do Ferro e de tradição pré-romana do Porto do Sabugueiro (Muge, Portugal). *Spal*, 29 (1), p. 129-156. <http://dx.doi.org/10.12795/spal.2020.i29.05>
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2012) – Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao séc. I a.C.. In I.C. Fernandes, M. Santos (eds.), *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Inter-estuarina Sado-Tejo*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, p. 67-87.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (2014) – O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio na Estremadura. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 105-172.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Duarte, S.; Pereira, T. R.; Coelho-Soares, A.; Soria, V. (2019) – Castro de Chibanes (Palmela). Trabalhos arqueológicos de 2012 a 2017. In J. Soares, I. V. Pinto, C. Tavares da Silva (coords.), *Do Paleolítico ao Romano. Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Setúbal Arqueológica, 18). Setúbal: MAEDS/AMRS, p. 215-246.
- Tchernia, A. (1986) – *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores*. Paris: De Boccard.
- Tchernia A.; Pomey P.; Hesnard A. (1978) – *L'épave romaine de la Madrague de Giens (Var)* (34<sup>e</sup> supplément à Gallia). Paris: CNRS.
- Ulbert, G. (1984) – *Cáceres el Viejo. Ein Spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch Estremadura* (Madrider Beitrage, 11). Mainz-am-Rhein.
- Uroz Rodríguez, H.; Uroz Sáez, J. (2014) – La *Libisosa* Iberorromana: un contexto cerrado de –Y por– las Guerras Sertorianas. In Feliciano Sala Sellés, Jesús Morotalla Jávega (eds), *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una Revisión Histórica desde la contestania*. Alicante: Universitat d'Alicante, MARQ, p. 199-294.
- Viegas, C. (2011) – *A Ocupação Romana do Algarve. Estudo do Povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano* (Estudos e Memórias, 3). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa - UNIARQ.



Estampa 1 - Ânforas Itálicas.

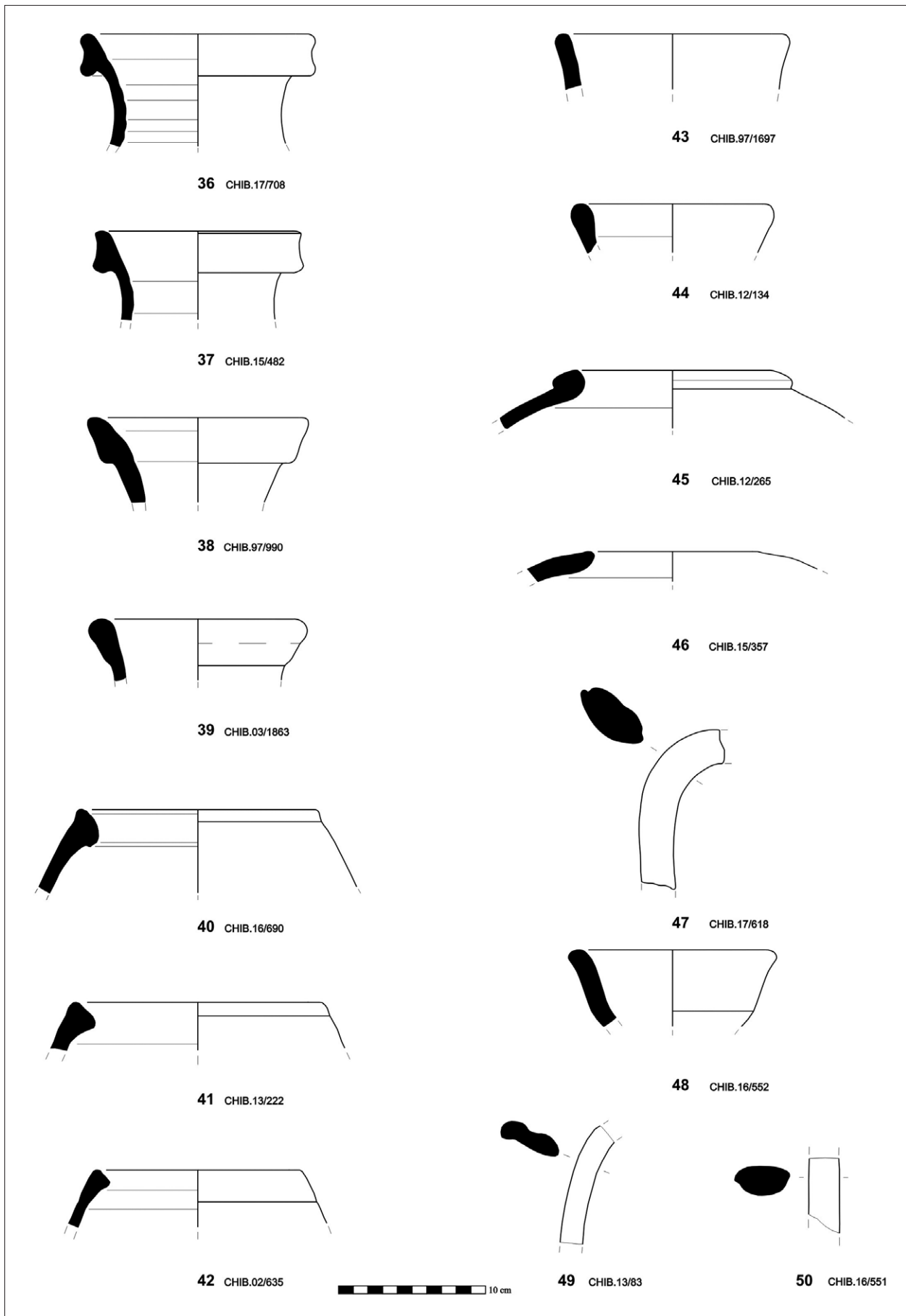


Estampa 2 - Ânforas Itálicas.

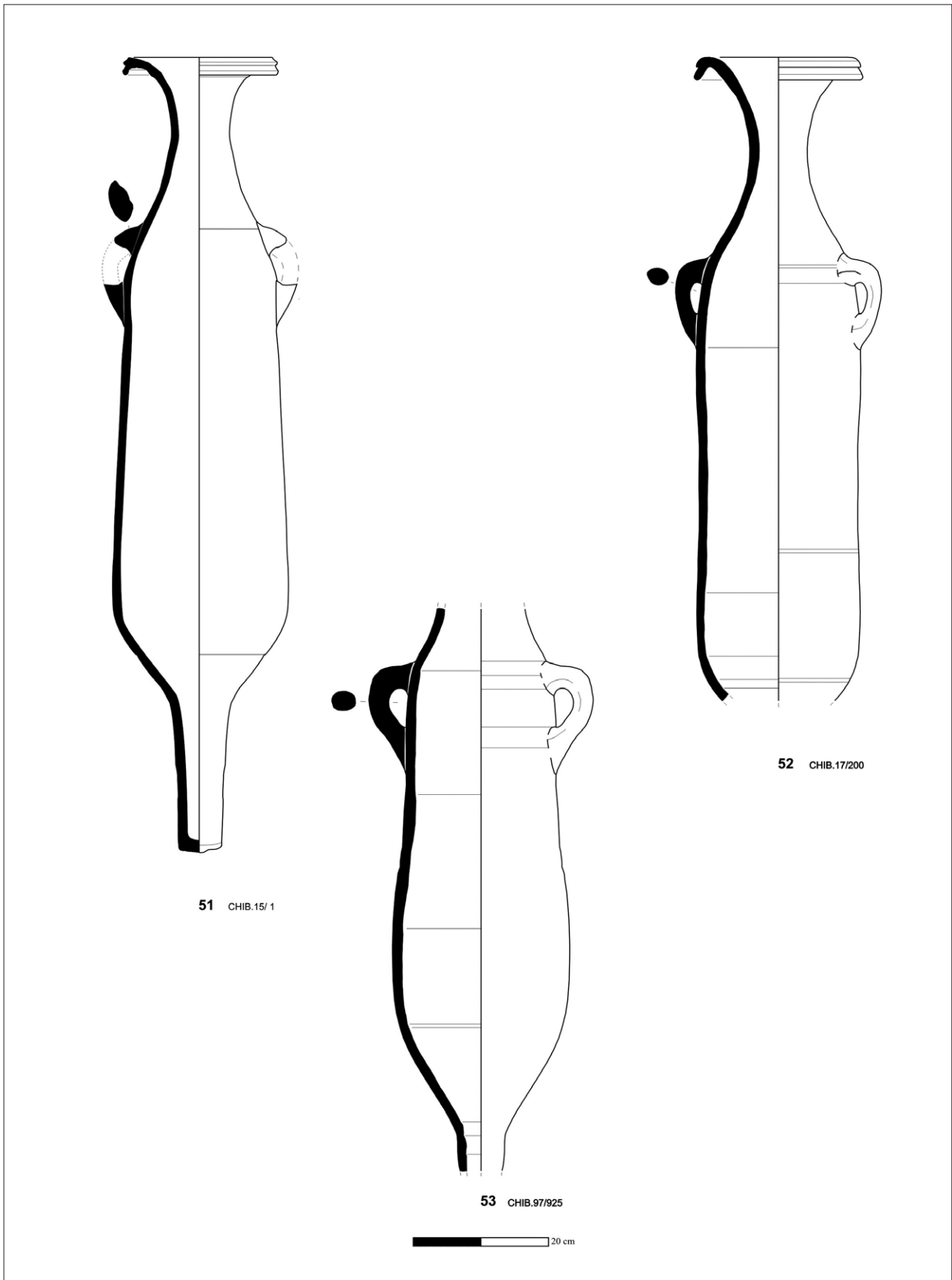


Estampa 3 - Ânforas Itálicas.

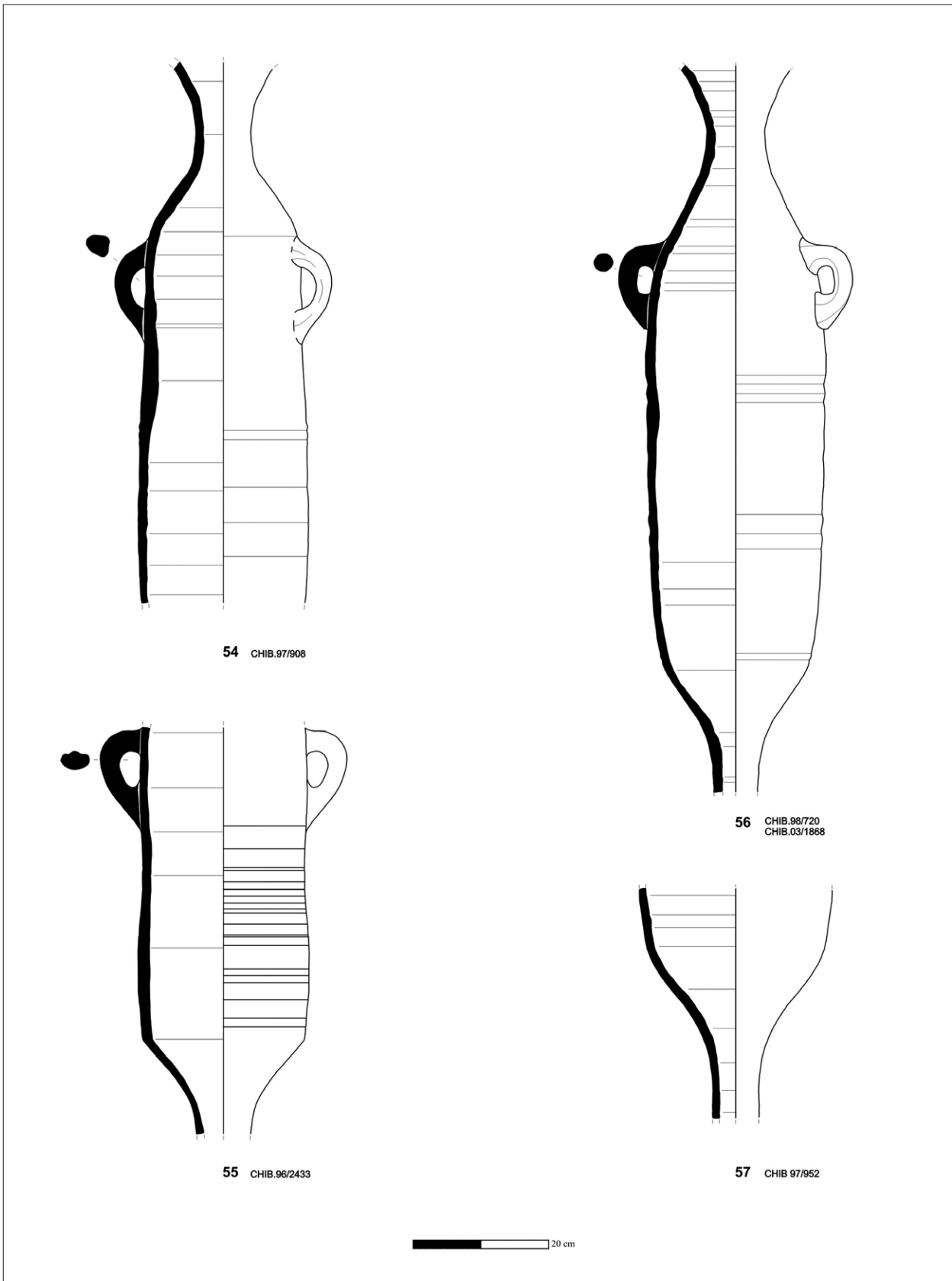




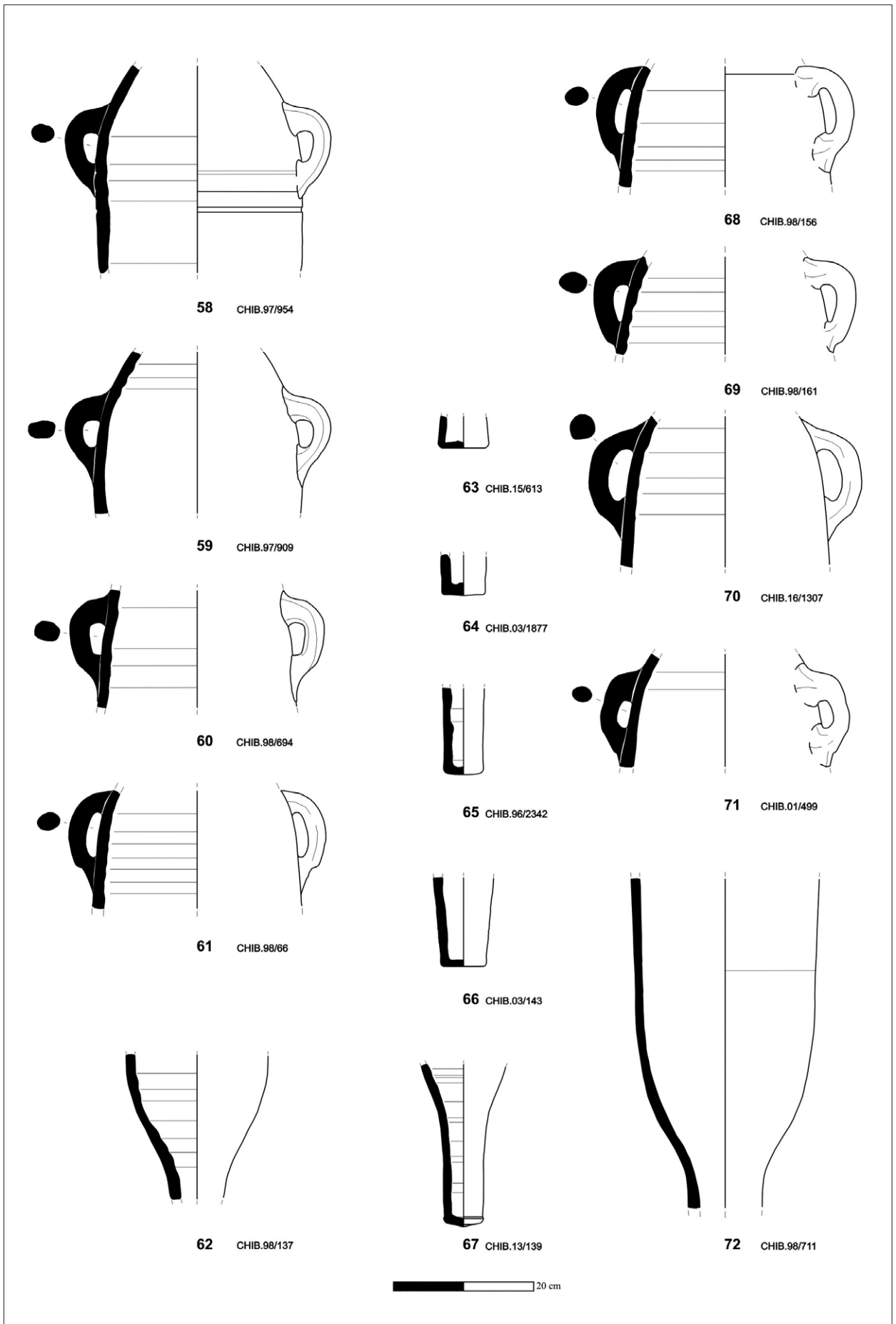
Estampa 4 - Ânforas importadas: N.º 36 a 38 – Tripolitanas antigas; N.º 39 - Tipo 8.1.3.2. (PE 17); N.º 40 a 42 - Tipo 8.1.1.2. (*Tiñosa*); N.º 43 e 44 - T. 8.2.1.1. (*Carmona*); N.º 45 - Tipo 4.2.2.5. (D de Pellicer); N.º 46 -Tipo Castro Marim 1; N.º 47 - Dressel 1 de produção da Costa sudoeste da *Ulerior*; N.º 48 a 50 - Ovoide gaditana.



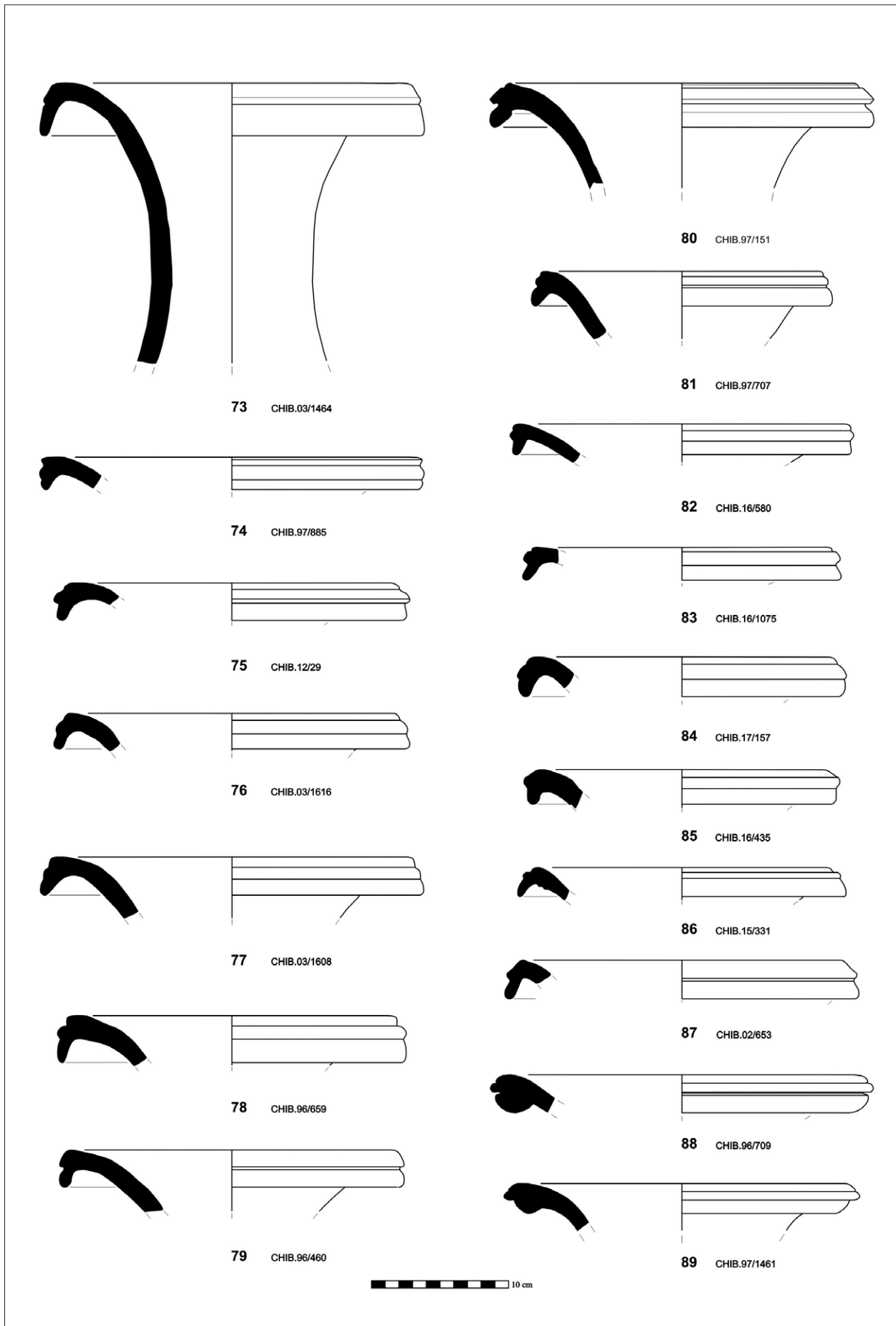
Estampa 5 - Ânforas do Tipo 7.4.3.3. (Mañá C2b).



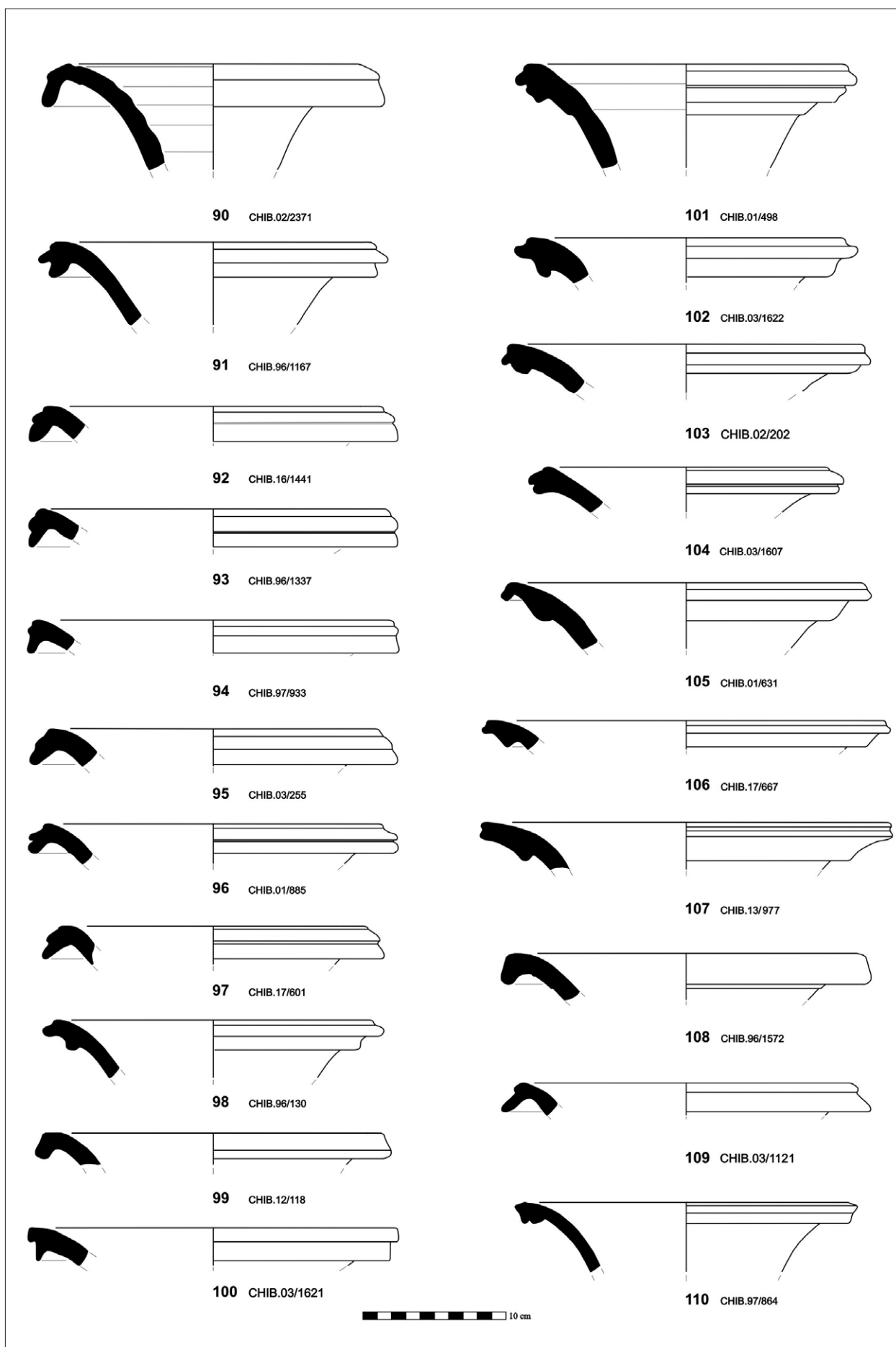
Estampa 6 - Ânforas do Tipo 7.4.3.3. (Mañá C2b).



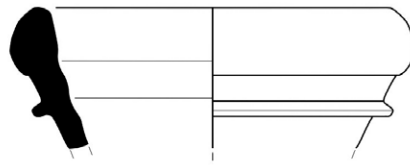
Estampa 7 - Asas e fundos de ânforas do Tipo 7.4.3.2. e 7.4.3.3. (Mañá C2b).



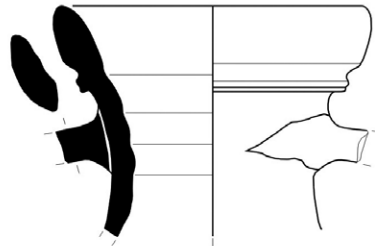
Estampa 8 - Bordos de ânforas do Tipo 7.4.3.2. e 7.4.3.3. (Mañá C2b).



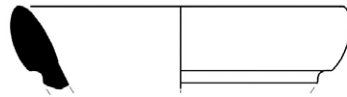
Estampa 9 - Bordos de ânforas do Tipo 7.4.3.2. e 7.4.3.3. (Mañá C2b).



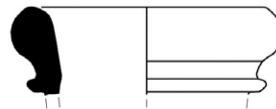
111 CHIB.16/625



112 CHIB.12/165



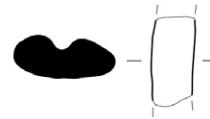
113 CHIB.15/660



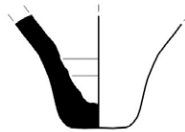
114 CHIB.15/337



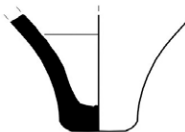
115 CHIB.16/751



116 CHIB.03/148

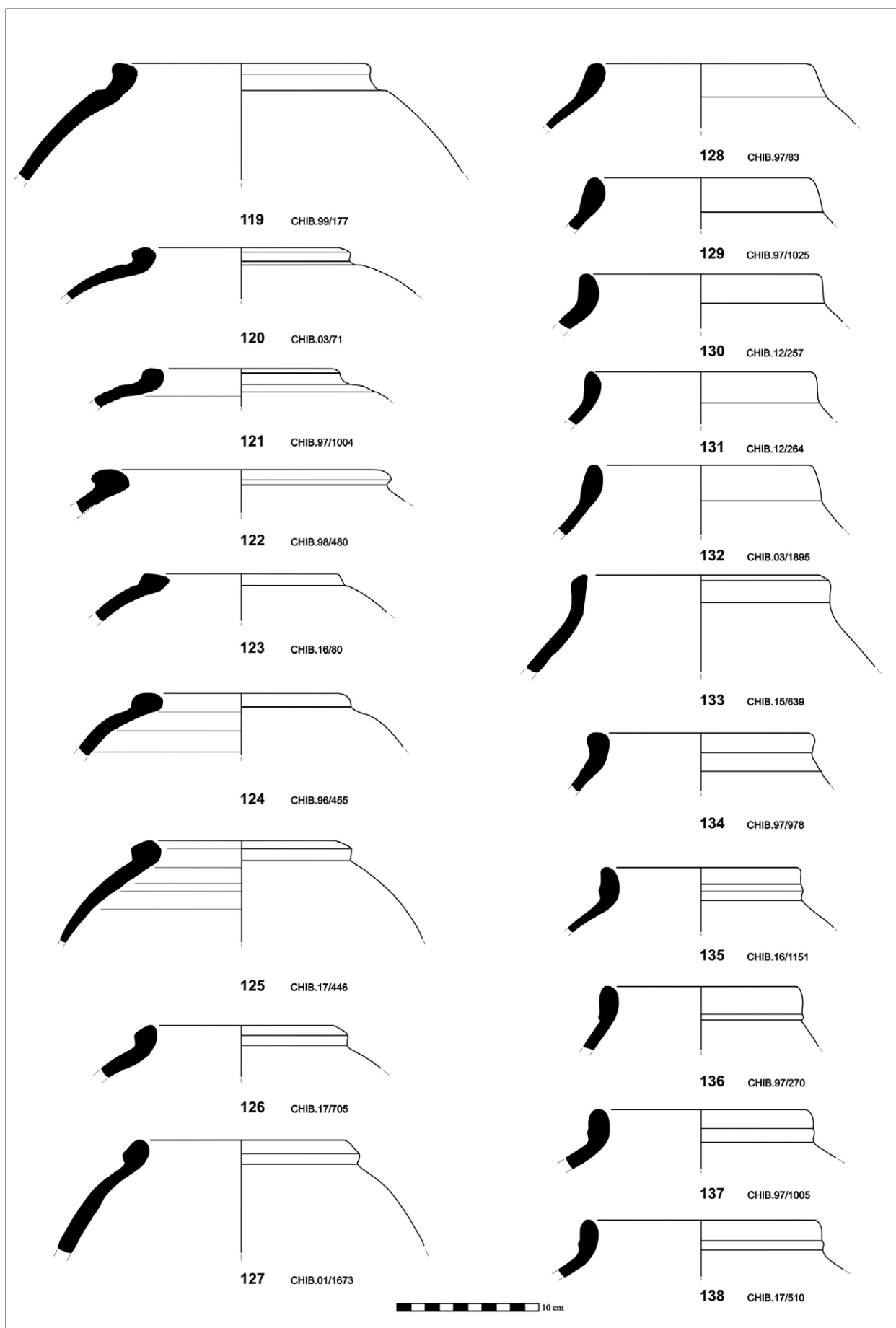


117 CHIB.15/612



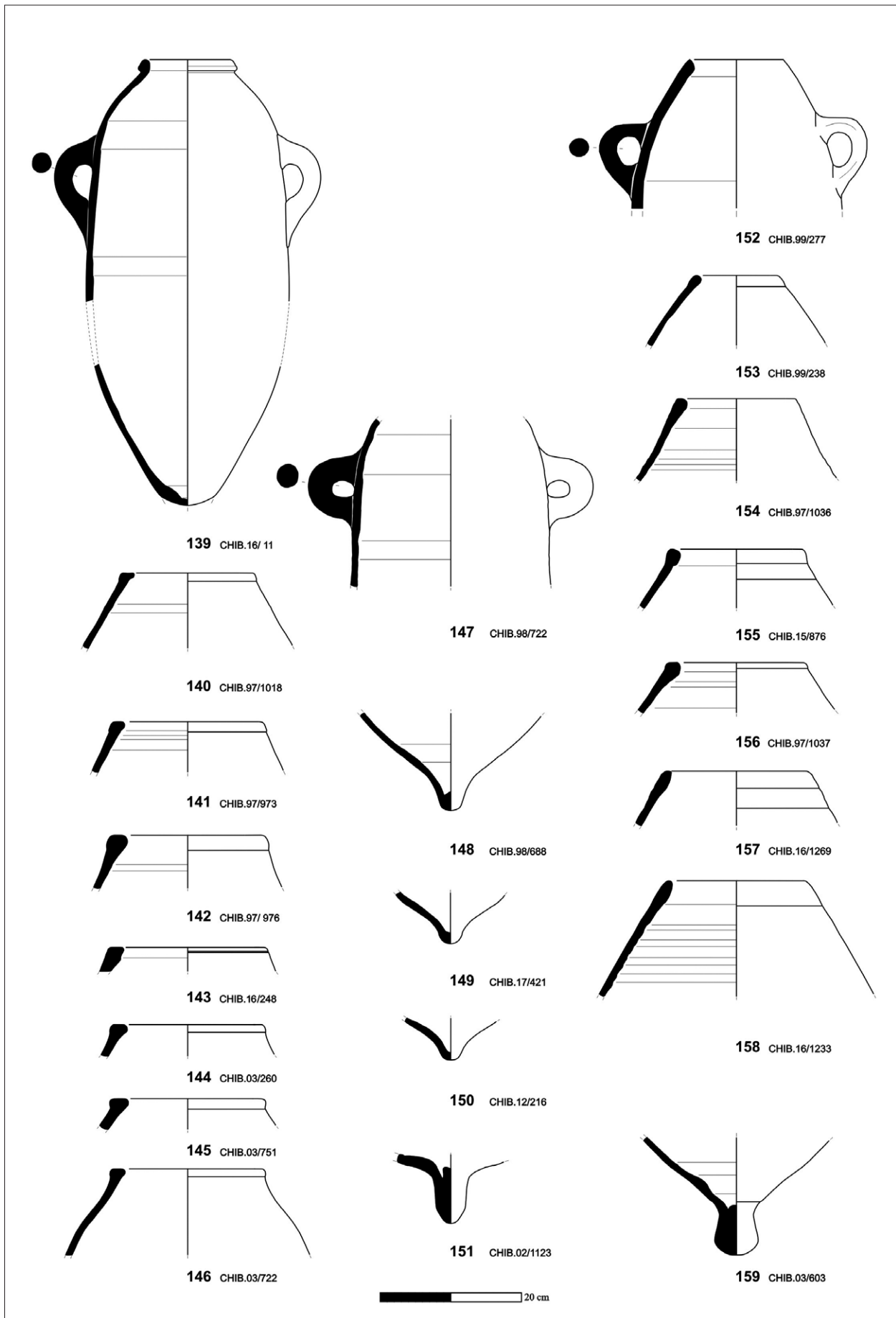
118 CHIB.13/323



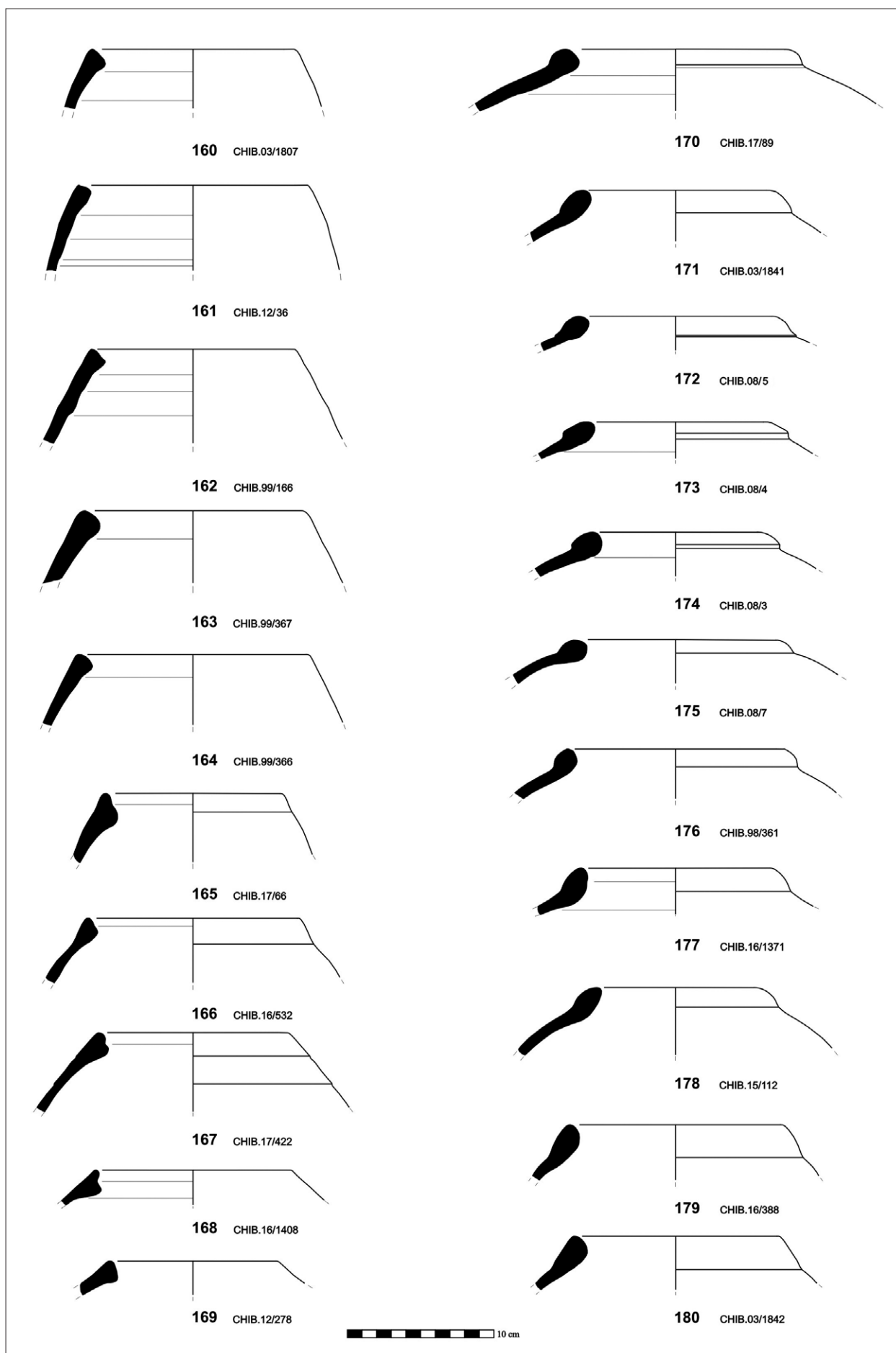


Estampa 11 - Produções anfóricas pré-romanas do extremo ocidente peninsular. N.º 119 a 127 – Tipo 3; N.º 128 a 138 – Tipo 4.

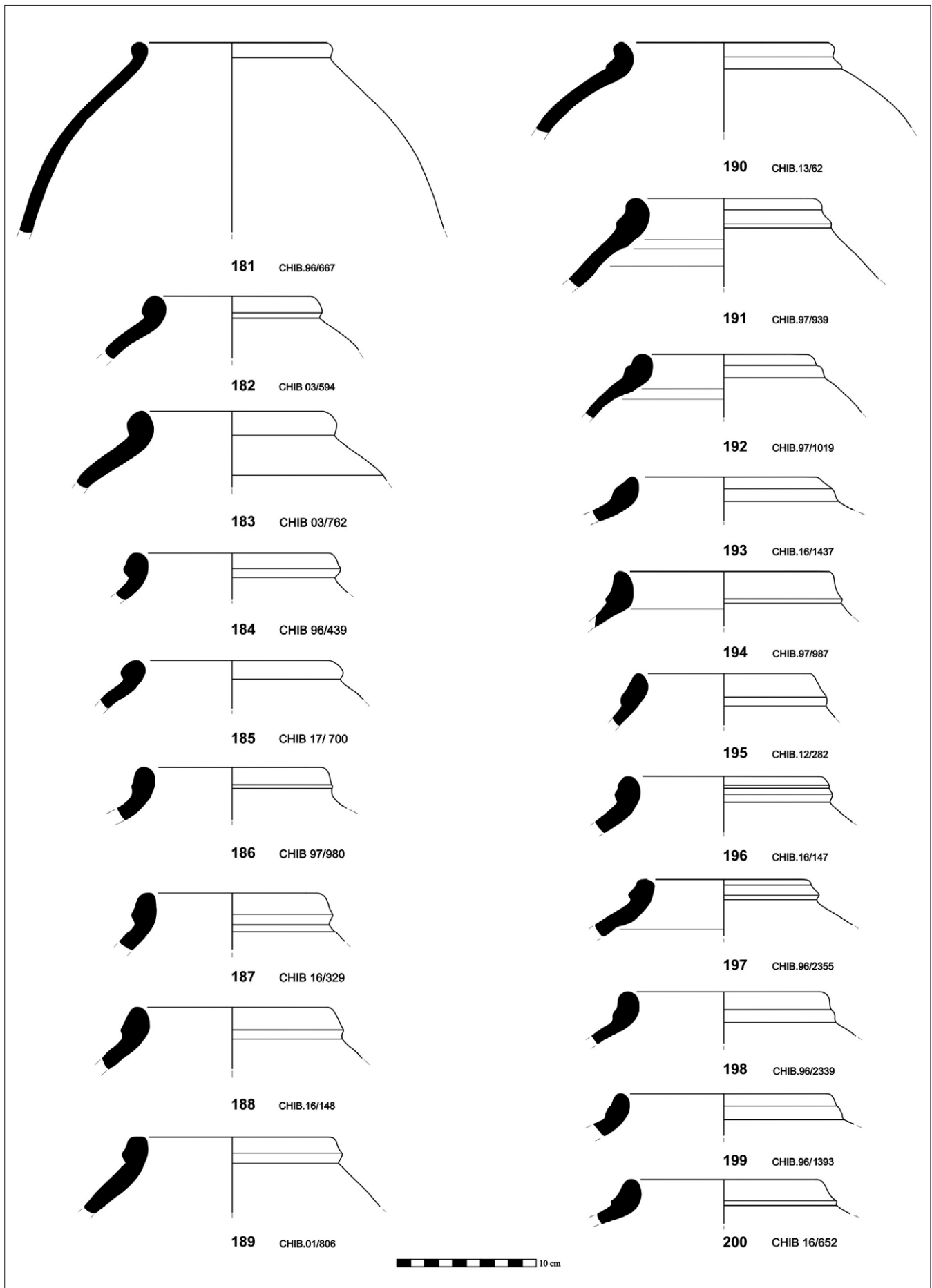




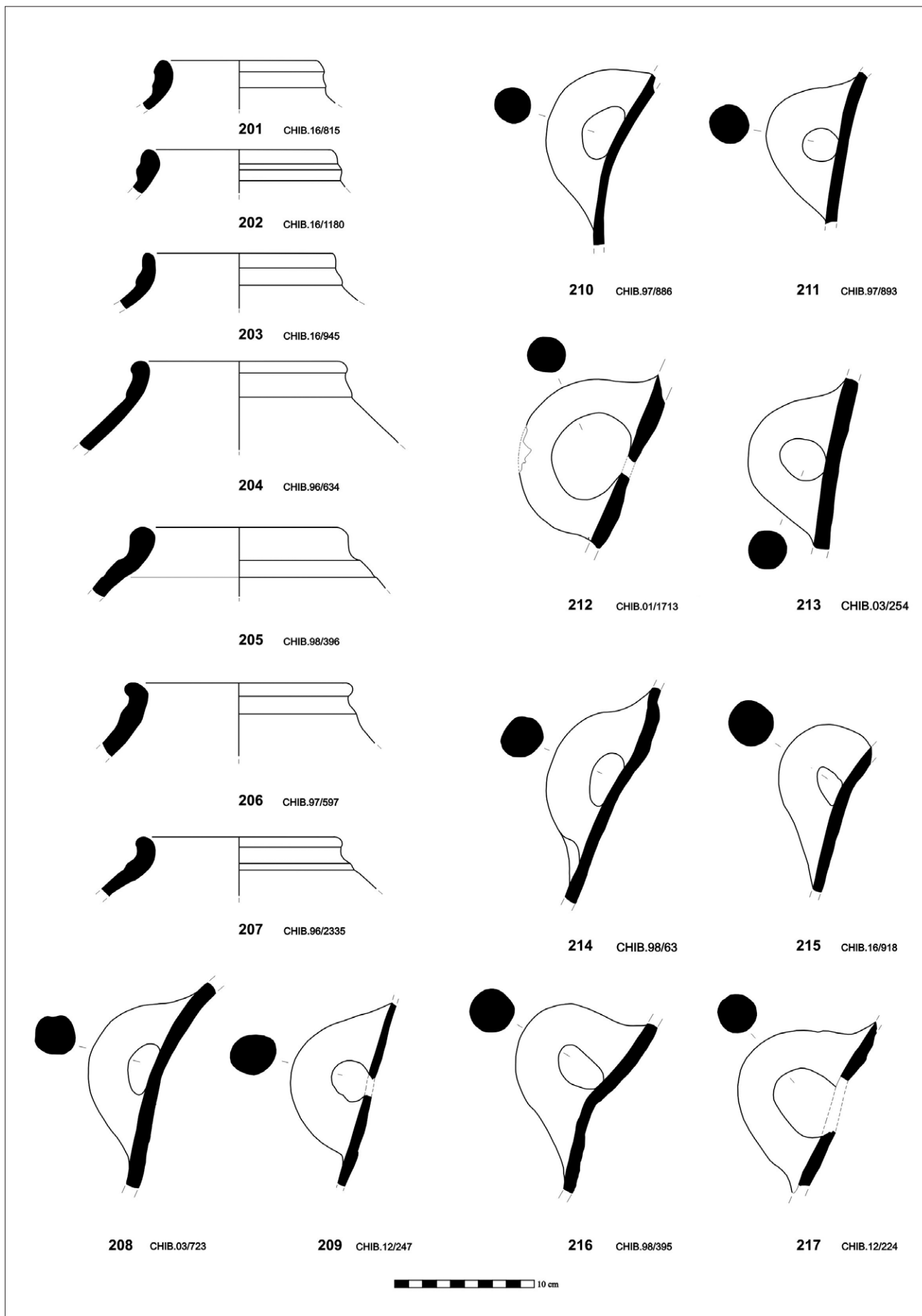
Estampa 12 - Produções anfóricas pré-romanas do extremo ocidente peninsular. N.º 139 – Tipo 3; N.º 140 a 146 e 152 a 158 – Tipo 7. N.º 147 – Asa possivelmente do Tipo 7; N.º 148 a 151 e 159 – Fundos de Tipo indiferenciado.



Estampa 13 - Produções anfóricas pré-romanas do extremo ocidente peninsular. N.º 160 a 169 – Tipo 7; N.º 170 a 180 – Tipo 6.



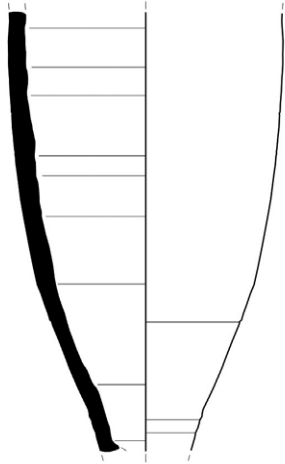
Estampa 14 - Produções anfóricas pré-romanas do extremo ocidente peninsular. N.º 181 a 189 – Tipo 8; N.º 190 a 200 – Tipo 9.



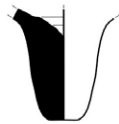
Estampa 15 - Produções anfóricas pré-romanas do extremo ocidente peninsular. N.º 201 a 207 – Tipo 9; N.º 208 a 217 – Asas de tipo indiferenciado.



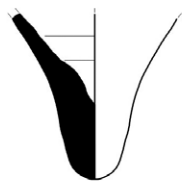
218 CHIB.01/2109



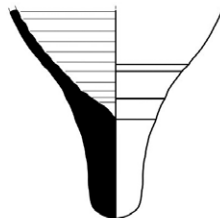
219 CHIB.97/910



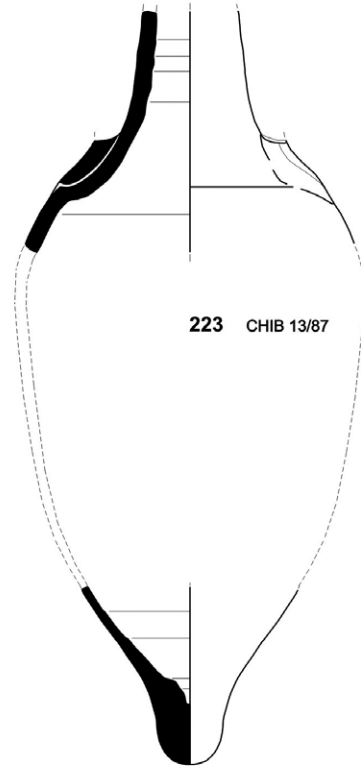
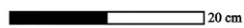
220 CHIB.16/357



221 CHIB.03/623

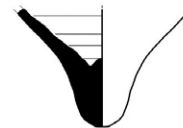


222 CHIB.97/956



223 CHIB 13/87

224 CHIB 97/953



225 CHIB 97/955



226 CHIB.01/2106

## Anexo

Contextualização das ânforas ilustradas.

Inventário	Tipo	Fabrico	Sector	Locus/Comp.	Quadrado	Camada	Fase	Estampa	Nº
CHIB96 - 00533	Dressel 1	Itálica	IV	Corte L12	L-M/11-12	2 base	IIIB	Estampa 1	nº1
CHIB98 - 00713	Dressel 1C	Itálica	IV	C3	D-E/2	1B	IIIB	Estampa 1	nº2
CHIB98 - 00714	Dressel 1C	Itálica	IV	A6	B/5-6	2A (base)	IIIB	Estampa 1	nº3
CHIB12 - 00169	Dressel 1	Itálica	IV	R14	R14	2B	IIIB	estampa 1	nº4
CHIB98 - 00155	Dressel 1	Itálica	IV	H2	I/01-03	2A	IIIB	estampa 1	nº5
CHIB98 - 00712	Dressel 1C	Itálica	IV	C3	D-E/2	1B	IIIB	Estampa 1	nº6
CHIB98 - 00719	Dressel 1C	Itálica	IV	H2	H1	2A	IIIB	Estampa 1	nº7
CHIB96 - 02377	Dressel 1	Itálica	IV	Corte L12	K-L/13-14	2B	IIIB	Estampa 1	nº8
CHIB15 - 00075	Dressel 1	Itálica	V	B20	A-D/18-19	3B/4A	IIIA	Estampa 1	nº9
CHIB96 - 02432	Dressel 1	Itálica	IV		H-I/8-9-10	1	III ind	Estampa 1	nº10
CHIB12 - 00055	Greco-Itálica	Itálica	XIII		C-D/07-08	1B	III ind	Estampa 2	nº11
CHIB96 - 00444	Dressel 1	Itálica	IV	Corte L12	L-M/10-11	3	IIIA	Estampa 2	nº12
CHIB16 - 01076	Greco-italica	Itálica	XXII	K16	H-I/16-19	1B	IIIB(?)	Estampa 2	nº13
CHIB01 - 01903	Greco-Itálica	Itálica				1	III ind	Estampa 2	nº14
CHIB01 - 00348	Dressel 1	Itálica	XVIII		M-P/17-18	1	III ind	Estampa 2	nº15
CHIB97 - 00941	Dressel 1	Itálica				1	III ind	Estampa 2	nº16
CHIB12 - 00019	Dressel 1	Itálica	X		Q-R/09-10	1A	III ind	Estampa 2	nº17
CHIB16 - 00079	Dressel 1	Itálica	XXII	M11	N-O/10-11-12-13	3B	IIIA	Estampa 2	nº18
CHIB16 - 01234	Dressel 1	Itálica	XXII	M11	K-L/10-12	1B	IIIB	Estampa 2	nº19
CHIB01 - 00818	Dressel 1C	Itálica	XXII			1/2	IIIB	Estampa 2	nº20
CHIB16 - 00578	Dressel 1C	Itálica	VI	G20	I1	3A-3B	IIIA	Estampa 2	nº21
CHIB03 - 01613	Dressel 1	Itálica	XV		A-D/13-20	1A	III ind	Estampa 2	nº22
CHIB01 - 00974	Dressel 1C	Itálica	XX/XXII			1 superficial	III ind	Estampa 3	nº23
CHIB12 - 00212	Dressel 1	Itálica	X		O-P/09-10	1B	IIIB	Estampa 3	nº24
CHIB16 - 00898	Dressel 1	Itálica	XX-XXII	A-B/19	A-B/18	2A	IIIB	Estampa 3	nº25
CHIB16 - 00429	Dressel 1	Itálica	IV	R14		3A-3B	IIIA	Estampa 3	nº26
CHIB01 - 02105	Dressel 1C	Itálica			Moinho, lado esq. da entrada	superficial	III ind	Estampa 3	nº27
CHIB98 - 00692	Dressel 1	Itálica	IV	H2	I4	2A	IIIB	Estampa 3	nº28
CHIB97 - 00462	Dressel 1	Itálica				1	III ind	Estampa 3	nº29
CHIB01 - 00872	Dressel 1	Itálica	XXII	II		1/2	IIIB	Estampa 3	nº30
CHIB17 - 00631	Dressel 1	Itálica	V-VII	G20		2B	IIIB	Estampa 3	nº31
CHIB12 - 00128	Dressel 1	Itálica	I	Torre T7	A-B/07-08	2 base	IIIA	Estampa 3	nº32
CHIB12 - 00214	Dressel 1	Itálica	X		T-S/07-08	1B	IIIB	Estampa 3	nº33
CHIB13 - 00063	Dressel 1	Itálica	V	D14	D-E/13	1B	IIIB	Estampa 3	nº34
CHIB01 - 00882	Dressel 1	Itálica	XXII	II		1/2	IIIB	Estampa 3	nº35
CHIB17 - 00708	Tripolitana Antiga	Norte de Africa	V	J17	I-L//16-17	2A	IIIB	Estampa 4	nº36
CHIB15 - 00482	Tripolitana Antiga	Norte de Africa	V	F17		2C	IIIB	Estampa 4	nº37
CHIB97 - 00990	Tripolitana Antiga	Norte de Africa	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	1os 10 cm	IIIB	Estampa 4	nº38
CHIB03 - 01863	Ebusitana	Ebusus	XII		O-Q/16-18	1B	IIIB	Estampa 4	nº39
CHIB16 - 00690	Tinosa	Campiña de Cádiz	V-VII	G20	J-K/17-20, 1-2	1A	III ind	Estampa 4	nº40
CHIB13 - 00222	Tiñosa	Cádiz	V	T16	A15	4B	II	Estampa 4	nº41
CHIB02 - 00635	Tiñosa	Cádiz	XVI		R-T/02-03	1	III ind	Estampa 4	nº42
CHIB97 - 01697	Carmona	Cádiz	IV	Corte L12	H12	2B	IIIB	Estampa 4	nº43
CHIB12 - 00134	Carmona	Cádiz	I	Torre T7	T/06-08	4 base	IIIA	Estampa 4	nº44
CHIB12 - 00265	D Pellicer	Cádiz	XVI		F-I/16-18	superficial	III ind	Estampa 4	nº45
CHIB15 - 00357	Tipo Castro Marim		V	C10		2B	IIIB	Estampa 4	nº46
CHIB17 - 00618	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado	V	J17	L-M/17-18	1A-1B	III ind	Estampa 4	nº47
CHIB16 - 00552	Ovóide Gaditana	Cádiz	V	G20	K19-2	1	III ind	Estampa 4	nº48
CHIB13 - 00083	Ovóide Gaditana	Cádiz	I	Torre T7	B8	4	IIIA	Estampa 4	nº49
CHIB16 - 00551	Ovóide Gaditana	Cádiz	V	G20	K19-2	1	III ind	Estampa 4	nº50
CHIB15 - 00001	Mañá C2b	Cádiz	V	F17	E17	2B	IIIB	Estampa 5	nº51
CHIB17 - 00200	Mañá C2b	Cádiz	V	G20		2B	IIIB	Estampa 5	nº52

Inventário	Tipo	Fabrico	Sector	Locus/Comp.	Quadrado	Camada	Fase	Estampa	Nº
CHIB97 - 00925	Mañá C2b	Cádiz				1	III ind	Estampa 5	nº53
CHIB97 - 00908	Mañá C2b	Cádiz	IV	H7	H5	1B/2A	IIIB	Estampa 6	nº54
CHIB96 - 02433	Mañá C2b	Cádiz	IV		P-Q/12-13	1 base	III ind	Estampa 6	nº55
CHIB98 - 00720 /CHIB03- 01868	Mañá C2b	Cádiz	IV / XV	H2	I3 / A-D/13-17	2A / 1	IIIB	Estampa 6	nº56
CHIB97 - 00952	Mañá C2b	Cádiz				1	III ind	Estampa 6	nº57
CHIB97 - 00954	Mañá C2b	Cádiz				1	III ind	Estampa 7	nº58
CHIB97 - 00909	Mañá C2b	Cádiz	IV	H7		1B/2A	IIIB	Estampa 7	nº59
CHIB98 - 00694	Mañá C2b	Cádiz	IV	H2	I4	2A	IIIB	Estampa 7	nº60
CHIB98 - 0066A	Mañá C2b	Cádiz	IV	H7	G05	2A	IIIB	Estampa 7	nº61
CHIB98 - 00137	Mañá C2b	Cádiz				1A	III ind	Estampa 7	nº62
CHIB15 - 00613	Mañá C2b	Cádiz	V	A11	A11	3B	IIIA	Estampa 7	nº63
CHIB03 - 01877	Mañá C2b	Cádiz	XX	R16	R15	2B	IIIB	Estampa 7	nº64
CHIB96 - 02342	Mañá C2b	Cádiz	XXII		D-F/19-20	1C	III ind	Estampa 7	nº65
CHIB03 - 00143	Mañá C2b	Cádiz	XV			1	III ind	Estampa 7	nº66
CHIB13 - 00139	Mañá C2b	Cádiz	I	Torre T7	S-T/8	5	IIIA	Estampa 7	nº67
CHIB98 - 0066B	Mañá C2b	Cádiz	IV	H7	G05	2A	IIIB	Estampa 7	nº68
CHIB98 - 00156	Mañá C2b	Cádiz	IV	H7	H05	2A	IIIB	Estampa 7	nº69
CHIB16 - 01307	Mañá C2b	Cádiz	XXII	H10	I-J9	2B	IIIB	Estampa 7	nº70
CHIB01 - 00499	Mañá C2b	Cádiz	XVIII		A-G/05-14	1	III ind	Estampa 7	nº71
CHIB98 - 00711	Mañá C2b	Cádiz	IV	C3	D-E/1-4	1B	IIIB	Estampa 7	nº72
CHIB03 - 01464	Mañá C2b	Cádiz	XV			1	III ind	Estampa 8	nº73
CHIB97 - 00885	Mañá C2b	Cádiz			H05	1B	III ind	Estampa 8	nº74
CHIB12 - 00029	Mañá C2b	Cádiz	X		O-P/09-14	1A	III ind	Estampa 8	nº75
CHIB03 - 01616	Mañá C2b	Cádiz	XV		E-J/15-16	1	III ind	Estampa 8	nº76
CHIB03 - 01608	Mañá C2b	Cádiz	XV		E/15-20	1A	III ind	Estampa 8	nº77
CHIB96 - 00659	Mañá C2b	Cádiz	IV	Corte L12	K11	2B	IIIB	Estampa 8	nº78
CHIB96 - 00460	Mañá C2b	Cádiz	IV	Corte L12	L13 - L14 - K13 - K14	2	IIIB	Estampa 8	nº79
CHIB97 - 00151	Mañá C2b	Cádiz	IV	Corte L12	H-J/10-12	2A	IIIB	Estampa 8	nº80
CHIB97 - 00707	Mañá C2b	Cádiz	IV	H7		1B	IIIB	Estampa 8	nº81
CHIB16 - 00580	Mañá C2b	Cádiz	V	G20	H-J/16-18	1B	IIIB	Estampa 8	nº82
CHIB16 - 01075	Mañá C2b	Cádiz	XXII	K16	H-I/16-19	1B	IIIB	Estampa 8	nº83
CHIB17 - 00157	Mañá C2b	Cádiz	VII	Ext. G20		2B	IIIB	Estampa 8	nº84
CHIB16 - 00435	Mañá C2b	Cádiz	IV	R14	S-T/12	3A	IIIA	Estampa 8	nº85
CHIB15 - 00331	Mañá C2b	Cádiz	XX		S-T/13-14	2A	IIIB	Estampa 8	nº86
CHIB02 - 00653	Mañá C2b	Cádiz	XVI		R-T/02-03	1	III ind	Estampa 8	nº87
CHIB96 - 00709	Mañá C2b	Cádiz	IV	P10	Q-R/09-10	1A	III ind	Estampa 8	nº88
CHIB97 - 01461	Mañá C2b	Cádiz	IV	Corte L12	H-J/10-12	3-5	IIIA	Estampa 8	nº89
CHIB02 - 02371	Mañá C2b	Cádiz	XV-XVI		L-N/01 e L-N/19-20	1	III ind	Estampa 9	nº90
CHIB96 - 01167	Mañá C2b	Cádiz	IV		O-P/16-17	1A	III ind	Estampa 9	nº91
CHIB16 - 01441	Mañá C2b	Cádiz	XXII	H10	G-I/10-12	2A	IIIB	Estampa 9	nº92
CHIB96 - 01337	Mañá C2b	Cádiz	IV	T16	S-T/18	2	IIIB	Estampa 9	nº93
CHIB97 - 00933	Mañá C2b	Cádiz				1	III ind	Estampa 9	nº94
CHIB03 - 00255	Mañá C2b	Cádiz	IV		A-D/13-17	1A	III ind	Estampa 9	nº95
CHIB01 - 00885	Mañá C2b	Cádiz	XVIII		D-H/18-19	1/2	III ind	Estampa 9	nº96
CHIB17 - 00601	Mañá C2b	Cádiz	VII	D03		2B	IIIB	Estampa 9	nº97
CHIB96 - 00130	Mañá C2b	Cádiz	IV		H-I/08-10	1	III ind	Estampa 9	nº98
CHIB12 - 00118	Mañá C2b	Cádiz	IV	R14	R15	2B	IIIB	Estampa 9	nº99
CHIB03 - 01621	Mañá C2b	Cádiz	XXI		N-O/01	1	III ind	Estampa 9	nº100
CHIB01 - 00498	Mañá C2b	Cádiz	XVIII		A-G/05-14	1	III ind	Estampa 9	nº101
CHIB03 - 01622	Mañá C2b	Cádiz	XV		A-D/17-20	1B	III ind	Estampa 9	nº102
CHIB02 - 00202	Mañá C2b	Cádiz	XV		L-N/19-20 e L-N/01-02	1B	III ind	Estampa 9	nº103
CHIB03 - 01607	Mañá C2b	Cádiz	XII		G-N/13-15	1	III ind	Estampa 9	nº104
CHIB01 - 00631	Mañá C2b	Cádiz	XVIII		L-N/18-20	1	III ind	Estampa 9	nº105
CHIB17 - 00667	Mañá C2b	Cádiz	VII	D03	C02 e D-E/01	2A	IIIB	Estampa 9	nº106
CHIB13 - 00977	Mañá C2b	Cádiz	I	Torre T7	S-T/8	5	IIIA	Estampa 9	nº107
CHIB96 - 01572	Mañá C2b	Cádiz	IV	P10	N-P/13-15	2	IIIB	Estampa 9	nº108
CHIB03 - 01121	Mañá C2b	Cádiz	XV		E-F/15-16	1B	III ind	Estampa 9	nº109

Inventário	Tipo	Fabrico	Sector	Locus/Comp.	Quadrado	Camada	Fase	Estampa	Nº
CHIB97 - 00864	Mañá C2b	Cádiz	IV	Corte L12		1B	IIIB	Estampa 9	nº110
CHIB16 - 00625	Classe 67	Guadalquivir	VI	G20	L18-2	1	III ind	Estampa 10	nº111
CHIB12 - 00165	Classe 67	Guadalquivir	IV	R14	R14	2B	IIIB	Estampa 10	nº112
CHIB15 - 00660	Classe 67	Guadalquivir	IV/V	A11		3B	IIIA	Estampa 10	nº113
CHIB15 - 00337	Ovóide 1	Guadalquivir	V	C10		2B	IIIB	Estampa 10	nº114
CHIB16 - 00751	Ovóide 1	Guadalquivir	V-VI	G20		1B	IIIB	Estampa 10	nº115
CHIB03 - 00148	Ovóide 1	Guadalquivir	XV			1	III ind	Estampa 10	nº116
CHIB15 - 00612	Ovóide 1	Guadalquivir	V	A11	A11	3B	IIIA	Estampa 10	nº117
CHIB13 - 00323	Ovóide 1	Guadalquivir	IV	R14	R13	2C	IIIB	Estampa 10	nº118
CHIB99 - 00177	Tejo 3	Tejo/Sado	IV	H7	H-I/08	3C	II	Estampa 11	nº119
CHIB03 - 00071	Tejo 3	Tejo/Sado	XII		F-N/17-20	1B	IIIB	Estampa 11	nº120
CHIB97 - 01004	Tejo 3	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11	5	II	Estampa 11	nº121
CHIB98 - 00480	Tejo 3	Tejo/Sado	IV	H7	F-G/5-7	2C	IIIA	Estampa 11	nº122
CHIB16 - 00080	Tejo 3	Tejo/Sado	XXII	M11	N-O/10-11-12-13	3B	IIIA	Estampa 11	nº123
CHIB96 - 00455	Tejo 3	Tejo/Sado	IV	P10	N-O/10	3B1	II	Estampa 11	nº124
CHIB17 - 00446	Tejo 3	Tejo/Sado	VII	Ext. G20	M-N2	4B	II	Estampa 11	nº125
CHIB17 - 00705	Tejo 3	Tejo/Sado	V - VII	G20	F-G/01-20	2B	IIIB	Estampa 11	nº126
CHIB01 - 01673	Tejo 3	Tejo/Sado	XVIII		E-F/8-9	1 base/2	III ind	Estampa 11	nº127
CHIB97 - 00083	Tejo 4	Tejo/Sado	IV	Corte L12	J/10-12	3	IIIA	Estampa 11	nº128
CHIB97 - 01025	Tejo 4	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	4	II	Estampa 11	nº129
CHIB12 - 00257	Tejo 4	Tejo/Sado	XIII		K-L/7-8	1B	IIIB	Estampa 11	nº130
CHIB12 - 00264	Tejo 4	Tejo/Sado	X		O-P/17-18	1A	III ind	Estampa 11	nº131
CHIB03 - 01895	Tejo 4	Tejo/Sado	XV		A-D/13-20	1A	III ind	Estampa 11	nº132
CHIB15 - 00639	Tejo 4	Tejo/Sado	IV/V	A11		4B	II	Estampa 11	nº133
CHIB97 - 00978	Tejo 4	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	3-5	II/III	Estampa 11	nº134
CHIB16 - 01151	Tejo 4	Tejo/Sado	XXII	K16	K-L/13-17	2A base	IIIB	Estampa 11	nº135
CHIB97 - 00270	Tejo 4	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-J/11-12	4	II	Estampa 11	nº136
CHIB97 - 01005	Tejo 4	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11	5	II	Estampa 11	nº137
CHIB17 - 00510	Tejo 4	Tejo/Sado	V	G20	E20-H18	2B	IIIB	Estampa 11	nº138
CHIB16 - 00011	Tejo 3	Tejo/Sado	XXII	H10	H11-12	2B	IIIB	Estampa 12	nº139
CHIB97 - 01018	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	5	II	Estampa 12	nº140
CHIB97 - 00973	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	5	II	Estampa 12	nº141
CHIB97 - 00976	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	5	II	Estampa 12	nº142
CHIB16 - 00248	Tejo 7	Tejo/Sado	IV-V	D14		3B	IIIA	Estampa 12	nº143
CHIB03 - 00260	Tejo 7	Tejo/Sado	XV		A-D/13-17	1A	III ind	Estampa 12	nº144
CHIB03 - 00751	Tejo 7	Tejo/Sado	XII		N-K/13-16	1C	IIIB	Estampa 12	nº145
CHIB03 - 00722	Tejo 7	Tejo/Sado	XV		A-D/13-17	1	III ind	Estampa 12	nº146
CHIB98 - 00722	Tejo 7 (?)	Tejo/Sado	IV	H2	I3	2A (base)	IIIB	Estampa 12	nº147
CHIB98 - 00688	Tejo ind.	Tejo/Sado	II	H7	H/6-7	3B	II	Estampa 12	nº148
CHIB17 - 00421	Tejo ind.	Tejo/Sado	VII	Ext. G20	M-N2	4B	II	Estampa 12	nº149
CHIB12 - 00216	Tejo ind.	Tejo/Sado	X		Q-R/9-10	1B	IIIB	Estampa 12	nº150
CHIB02 - 01123	Tejo ind.	Tejo/Sado	XV		L-N/19-20	1	III ind	Estampa 12	nº151
CHIB99 - 00277	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	H7	I7	3B	II	Estampa 12	nº152
CHIB99 - 00238	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	H7	H-J/05-07	3B	II	Estampa 12	nº153
CHIB97 - 01036	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	5	II	Estampa 12	nº154
CHIB15 - 00876	Tejo 7	Tejo/Sado	V	D14	C-D/14-15	3C	IIIA	Estampa 12	nº155
CHIB97 - 01037	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	5	II	Estampa 12	nº156
CHIB16 - 01269	Tejo 7	Tejo/Sado	XXII	M11	N-O/10-13	3B	IIIA	Estampa 12	nº157
CHIB16 - 01233	Tejo 7	Tejo/Sado	XXII	M11	N-O/11-13	3A	IIIA	Estampa 12	nº158
CHIB03 - 00603	Tejo ind.	Tejo/Sado	XV		A-D/13-17	1	III ind	Estampa 12	nº159
CHIB03 - 01807	Tejo 7	Tejo/Sado	XII		O-Q/13-14	1B	III ind	Estampa 13	nº160
CHIB12 - 00036	Tejo 7	Tejo/Sado	X		M-N/17-18	1B	IIIB	Estampa 13	nº161
CHIB99 - 00166	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	H7	I07	3B	II	Estampa 13	nº162
CHIB99 - 00367	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	H7	I7	3B	II	Estampa 13	nº163
CHIB99 - 00366	Tejo 7	Tejo/Sado	IV	H7	J7	3B	II	Estampa 13	nº164
CHIB17 - 00066	Tejo 7	Tejo/Sado	VII	Ext. G20	M1	4C	II	Estampa 13	nº165
CHIB16 - 00532	Tejo 7	Tejo/Sado	VII	D3-G20	E-H/1	1B	IIIB	estampa 13	nº166



Inventário	Tipo	Fabrico	Sector	Locus/Comp.	Quadrado	Camada	Fase	Estampa	Nº
CHIB17 - 00422	Tejo 7	Tejo/Sado	VII	Ext. G20	M-N2	4B	II	estampa 13	nº167
CHIB16 - 01408	Tejo 7	Tejo/Sado	V	D14		2B	IIIB	Estampa 13	nº168
CHIB12 - 00278	Tejo 7	Tejo/Sado	X		M-N/9-10	1B	IIIB	Estampa 13	nº169
CHIB17 - 00089	Tejo 6	Tejo/Sado	V-VII	G20		2A	IIIB	Estampa 13	nº170
CHIB03 - 01841	Tejo 6	Tejo/Sado	XV		E18-20	2	II	Estampa 13	nº171
CHIB08 - 00005	Tejo 6	Tejo/Sado	XXI		G-J/02	superficial	III ind	Estampa 13	nº172
CHIB08 - 00004	Tejo 6	Tejo/Sado				superficial	III ind	Estampa 13	nº173
CHIB08 - 00003	Tejo 6	Tejo/Sado				superficial	III ind	Estampa 13	nº174
CHIB08 - 00007	Tejo 6	Tejo/Sado	XXI		A-J/3	1A	III ind	Estampa 13	nº175
CHIB98 - 00361	Tejo 6	Tejo/Sado	IV	C3	C/1-4	1B	IIIB	Estampa 13	nº176
CHIB16 - 01371	Tejo 6	Tejo/Sado	V	G20		1B	IIIB	Estampa 13	nº177
CHIB15 - 00112	Tejo 6	Tejo/Sado	XXII		A-B/13-14	1B	IIIB	Estampa 13	nº178
CHIB16 - 00388	Tejo 6	Tejo/Sado	IV	T16	B16-B18	4B	II	Estampa 13	nº179
CHIB03 - 01842	Tejo 6	Tejo/Sado	XV			2	II	Estampa 13	nº180
CHIB96 - 00667	Tejo 8	Tejo/Sado	IV	Corte L12	K14-15	5	II	Estampa 14	nº181
CHIB03 - 00594	Tejo 8	Tejo/Sado	XV		A-D/13-17	1	III ind	Estampa 14	nº182
CHIB03 - 00762	Tejo 8	Tejo/Sado	XII		N-K/13-16	1C	IIIB	Estampa 14	nº183
CHIB96 - 00439	Tejo 8	Tejo/Sado	IV	Corte L12	L12 - M12	3	IIIA	Estampa 14	nº184
CHIB17 - 00700	Tejo 8	Tejo/Sado	V - VII	G20	F-G/01-20	2B	IIIB	Estampa 14	nº185
CHIB97 - 00980	Tejo 8	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	3-5	II/III	Estampa 14	nº186
CHIB16 - 00329	Tejo 8	Tejo/Sado	IV-V	D14		3B	IIIA	Estampa 14	nº187
CHIB16 - 00148	Tejo 8	Tejo/Sado	V	F17		2A	IIIB	Estampa 14	nº188
CHIB01 - 00806	Tejo 8	Tejo/Sado	XXII	A-B/19		1/2	IIIB	Estampa 14	nº189
CHIB13 - 00062	Tejo 9	Tejo/Sado	V	B20	B19	3B (topo)	IIIA	Estampa 14	nº190
CHIB97 - 00939	Tejo 9	Tejo/Sado				1	III ind	Estampa 14	nº191
CHIB97 - 01019	Tejo 9	Tejo/Sado	IV	Corte L12		6B	II	Estampa 14	nº192
CHIB16 - 01437	Tejo 9	Tejo/Sado	XXII	H10	G-I/10-12	2A	IIIB	Estampa 14	nº193
CHIB97 - 00987	Tejo 9	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	3-5	II/III	Estampa 14	nº194
CHIB12 - 00282	Tejo 9	Tejo/Sado	X		Q-R/13-14	1B	IIIB	Estampa 14	nº195
CHIB16 - 00147	Tejo 9	Tejo/Sado	V	F17		2A	IIIB	Estampa 14	nº196
CHIB96 - 02355	Tejo 9	Tejo/Sado	IV			1	III ind	Estampa 14	nº197
CHIB96 - 02339	Tejo 9	Tejo/Sado	IV		N-O/08-09	1	III ind	Estampa 14	nº198
CHIB96 - 01393	Tejo 9	Tejo/Sado	IV			1	III ind	Estampa 14	nº199
CHIB16 - 00652	Tejo 9	Tejo/Sado	V	G20	J-K/14-18	1A	III ind	Estampa 14	nº200
CHIB16 - 00815	Tejo 9	Tejo/Sado	XXII	C-D/19	E19	2B topo	IIIB	Estampa 15	nº201
CHIB16 - 01180	Tejo 9	Tejo/Sado	XXII	M11	M10-12	2B	IIIB	Estampa 15	nº202
CHIB16 - 00945	Tejo 9	Tejo/Sado	XX	N16	N16	2B	IIIB	Estampa 15	nº203
CHIB96 - 00634	Tejo 9	Tejo/Sado	IV	Corte L12	K-L/13-14	2	IIIB	Estampa 15	nº204
CHIB98 - 00396	Tejo 9	Tejo/Sado	II	H7	H/05-07	3B	II	Estampa 15	nº205
CHIB97 - 00597	Tejo 9	Tejo/Sado				1	III ind	Estampa 15	nº206
CHIB96 - 02335	Tejo 9	Tejo/Sado	IV			1	III ind	Estampa 15	nº207
CHIB03 - 00723	Tejo ind.	Tejo/Sado	XII		N-K/13-16	1C	IIIB	Estampa 15	nº208
CHIB12 - 00247	Tejo ind.	Tejo/Sado	X		K-L/9-13	1A	III ind	Estampa 15	nº209
CHIB97 - 00886	Tejo ind.	Tejo/Sado	IV	H7	H05	1B	IIIB	Estampa 15	nº210
CHIB97 - 00893	Tejo ind.	Tejo/Sado	IV	H7	H05	1B	IIIB	Estampa 15	nº211
CHIB01 - 01713	Tejo ind.	Tejo/Sado	XVIII		E-H/8-11	1 base/2	III ind	Estampa 15	nº212
CHIB03 - 00254	Tejo ind.	Tejo/Sado	XV		A-D/13-17	1A	III ind	Estampa 15	nº213
CHIB98 - 00063	Tejo ind.	Tejo/Sado			B05	2A	IIIB	Estampa 15	nº214
CHIB16 - 00918	Tejo ind.	Tejo/Sado	XX	N16	M15	2A	IIIB	Estampa 15	nº215
CHIB98 - 00395	Tejo ind.	Tejo/Sado	II	H7	H/05-07	3B	II	Estampa 15	nº216
CHIB12 - 00224	Tejo ind.	Tejo/Sado	X		Q-R/17-18	1A	III ind	Estampa 15	nº217
CHIB01 - 02109	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado				1	III ind	Estampa 16	nº218
CHIB97 - 00910	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado	IV	H7	H-I/8-9	2C	IIIA	Estampa 16	nº219
CHIB16 - 00357	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado	IV-V	D14		2B	IIIB	Estampa 16	nº220
CHIB03 - 00623	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado	XV		A-D/13-17	1	III ind	Estampa 16	nº221
CHIB97 - 00956	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	10 cm	III ind	Estampa 16	nº222
CHIB13 - 00087	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado	V	D14	D13-14	2A (base)	IIIB	Estampa 16	nº223
CHIB97 - 00953	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado				1	III ind	Estampa 16	nº224
CHIB97 - 00955	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado	IV	Corte L12	H-I-J/10-11-12	10 cm	III ind	Estampa 16	nº225
CHIB01 - 02106	Dressel 1 Lusitana	Tejo/Sado	XXII	A-B/19		1/2	IIIB	Estampa 16	nº226